

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

MARCOS ANTONIO KEPP

**RELEVÂNCIA, INCONGRUÊNCIA E HUMOR: UMA ANÁLISE PRAGMÁTICA DA
PREGAÇÃO DO PASTOR CLÁUDIO DUARTE**

**PONTA GROSSA
2020**

MARCOS ANTONIO KEPP

**RELEVÂNCIA, INCONGRUÊNCIA E HUMOR: UMA ANÁLISE PRAGMÁTICA DA
PREGAÇÃO DO PASTOR CLÁUDIO DUARTE**

Dissertação apresentada, como requisito de avaliação parcial para a obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), área de Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Lourenço dos Santos

**PONTA GROSSA
2020**

K38 Kepp, Marcos Antonio
Relevância, incongruência e humor: uma análise pragmática da pregação do pastor Cláudio Duarte / Marcos Antonio Kepp. Ponta Grossa, 2020.
101 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Lourenço dos Santos.

1. Teoria da Relevância. 2. Humor. 3. Religião. 4. Pregação. 5. Cláudio Duarte. I. Santos, Sebastião Lourenço dos. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. III.T.

CDD: 808

MARCOS ANTÔNIO KEPP

**RELEVÂNCIA, INCONGRUÊNCIA E HUMOR: UMA ANÁLISE PRAGMÁTICA DA
PREGAÇÃO DO PASTOR CLÁUDIO DUARTE”**

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de
Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa,
Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 21 de agosto de 2020.



Prof. Dr. Sebastião Lourenço dos Santos – Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof.ª Dra Leticia Fraga Universidade Estadual de Ponta Grossa



Prof.ª Dr.ª. Elena Godoy

Prof.ª Dra Elena Godoy - Universidade Federal do Paraná

AGRADECIMENTOS

Ao professor Sebastião Lourenço dos Santos por introduzir a Teoria da Relevância como disciplina do mestrado e por aceitar ser meu orientador, enriquecendo a minha pesquisa desde o início e auxiliando em todo o possível.

Aos professores do Mestrado em Estudos da Linguagem e à banca avaliadora, por contribuírem para o meu crescimento enquanto professor pesquisador.

À memória da minha mãe Zilá, que trabalhou como funcionária da UEPG durante mais de quatro décadas, sempre incentivando e conscientizando a mim e aos meus irmãos, durante toda a nossa educação, ao estudo e à importância da formação acadêmica.

À colega Letícia Caminha, pela contribuição, pela ajuda e pelo carinho.

A todos aqueles que acreditam no meu potencial.

Se não você, então quem? Se não agora, então quando? (Gary Herbert)

Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar, porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir. (Cora Coralina)

RESUMO

O campo da religião tende a se caracterizar pelo tom de seriedade e não de humor. Evidenciar a função e a relevância do humor em uma prática social religiosa, caso da pregação, que lida com questões relacionadas ao sagrado e, portanto, consideradas sérias, foi a motivação principal para a realização dessa dissertação. Além disso nesse sentido, esta pesquisa tem por objetivo central investigar o percurso comunicativo/interpretativo humorístico no discurso religioso do pastor Cláudio Duarte, fenômeno midiático na internet. Os aparatos teóricos que fundamentam este estudo são: a Teoria da Relevância (TR) de Sperber e Wilson (1995) e os estudos sobre o humor de Santos (2009,2014). Outros autores que serão mencionados nesse estudo são: Raskin (1985), Attardo e Raskin (1991), Possenti (1998), Bergson (2004), Muniz (2004), Dascal (2006), Andrade (2017), Freitas (2017) e Lima (2019). As análises dos trechos transcritos permitiram verificar algumas estratégias de produção do humor usadas de forma mais recorrente, caso dos textos humorísticos, chistes *ad hoc* e das piadas narradas durante a pregação de Duarte no contexto religioso, recurso esse que não é usado de forma despretensiosa; na verdade, constitui um recurso que contribui de forma eficiente para o discurso humorístico do pastor a fim de produzir riso, ostensão e alcançar a adesão do auditório.

Palavras-chave: Teoria da Relevância. Humor. Religião. Pregação. Cláudio Duarte.

ABSTRACT

The field of religion tends to be characterized by the tone of seriousness and not of humor. Emphasizing the function and relevance of humor in a religious social practice, the case of preaching, which deals with issues related to the sacred and, therefore, considered serious, was the main motivation for the realization of this dissertation. Furthermore, for that matter, this research aims to investigate the communicative/interpretive humorous path in the pastor Cláudio Duarte's religious discourse, a media phenomenon on the Internet. The theoretical frameworks that underlie this study are: the Relevance Theory (RT) by Sperber and Wilson (1995) and the Santos' humor studies (2009, 2014). Other authors who will be mentioned in this study are: Raskin (1985), Attardo and Raskin (1991), Possenti (1998), Bergson (2004), Muniz (2004), Dascal (2006), Andrade (2017), Freitas (2017) and Lima (2019). The analyses of the transcribed excerpts allowed to verify some strategies of humor production used in a more recurrent way, such as humorous texts, ad hoc jokes and the narrated jokes during Duarte's preaching in the religious context, a resource that is not used unpretentiously; in fact, it constitutes a resource that contributes efficiently for the pastor's humorous discourse in order to produce laughter, ostension and achieve the accession of the auditorium.

Keywords: Relevance Theory. Humor. Religion. Preaching. Claudio Duarte.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	JUSTIFICATIVA.....	14
3	METODOLOGIA.....	20
4	AS TEORIAS DO HUMOR.....	23
4.1	A TEORIA DA INCONGRUÊNCIA.....	23
4.1.1	A Teoria da Incongruência-resolução.....	26
4.2	A TEORIA DO SCRIPT SEMÂNTICO DO HUMOR.....	30
4.2.1	A Teoria Geral do Humor Verbal.....	34
4.3	A TEORIA DA RELEVÂNCIA.....	36
4.3.1	As Inferências.....	38
4.3.2	O Contexto.....	39
4.3.3	As Implicaturas.....	41
4.3.4	A Ostensão.....	43
4.3.5	Regra <i>Modus Ponens</i>	44
5	O ENIGMA DA PIADA.....	50
5.1	ELEMENTOS NARRATIVOS ESSENCIAIS DA PIADA.....	54
5.2	O DISCURSO RELIGIOSO, AS PIADAS, OS CHISTES E AS NARRAÇÕES "CHEIAS DE GRAÇA" DE CLÁUDIO DUARTE.....	60
5.3	AS NARRAÇÕES HUMORÍSTICAS COM TEMAS TABUS PARA A RELIGIÃO.....	67
6	OS ESTUDOS SOBRE O HUMOR.....	76
6.1	HUMOR E RISO.....	77
7	A TEORIA DA RELEVÂNCIA NO DISCURSO HUMORÍSTICO DO PASTOR CLÁUDIO DUARTE.....	83
7.1	A TEORIA DA POLIDEZ NO DISCURSO HUMORÍSTICO DE DUARTE...	92
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
	REFERÊNCIAS.....	98

1 INTRODUÇÃO

A Teoria da Relevância (TR) de Sperber e Wilson (1995) foi elaborada com o propósito de explicar o processamento inferencial da comunicação humana. Uma plausibilidade bastante produtiva de aplicação da TR pode dar-se sobre a interpretação de piadas. Para Santos (2009), a piada não é um gênero bem visto no meio acadêmico, uma vez que se trata de um texto breve, de origem popular, que geralmente fere a ética e a conduta humana e por abordar temas vistos como politicamente não corretos.

Dessa forma, pretende-se nesse trabalho acadêmico, em consonância com as concepções teóricas do humor e da Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1995), descrever o percurso interpretativo/comunicativo humorístico na pregação religiosa do pastor Cláudio Duarte, que tem adquirido grande visibilidade na internet por, ao transmitir mensagens sérias, provocar muita graça e ao utilizar-se do humor para falar sobre temas tabus para a religião, como casamento, a relação, vida íntima e a sexualidade entre casais.

Para descrever esse percurso, utilizaremos como principal base teórica para as nossas discussões sobre a pragmática cognitiva, a Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (2001) e os estudos pragmáticos de Santos (2009,2014) sobre a interpretação da piada na perspectiva da Teoria da Relevância.

Elencamos também para essa pesquisa as contribuições de alguns autores que se dedicaram aos estudos sobre o humor como: Raskin (1985), Attardo (1994), Possenti (1998) , Bergson (2004) e Ritchie (2004), Muniz (2004), Andrade (2017), bem como as contribuições de Freitas (2017) e Lima (2019) que analisaram as pregações do pastor dentro da análise do discurso.

Iniciando o nosso percurso investigativo/interpretativo dentro do pensamento pragmático-cognitivista e dos fundamentos teórico-empíricos propostos por Santos (2009, 2014), temos como objetivo geral e central analisar a trajetória e a relevância do humor no discurso humorístico do pastor Cláudio Duarte (CD), presentes na sua pregação Sexualidade do casal, proferida por CD em seu canal no Youtube, bem como em trechos transcritos de outras pregações como: a Piada da Sexóloga: a loira bonita do avião, contada por ele no canal gospel Pregação Evangélica; na Piada da Sogra transcrita de uma pregação e do chiste A vida sexual dos solteiros transcrito de

um vídeo postado no Youtube. Além da pregação, da piadas e chistes já mencionados, também selecionamos alguns trechos da entrevista concedida pelo pastor a um apresentador de um *talkshow* de uma emissora de televisão no Brasil. Para ampliar nosso estudo, temos como objetivos específicos: a) aplicar a TR no discurso humorístico e nos chistes contados ad hoc pelo pastor durante as suas pregações religiosas; b) evidenciar os mecanismos do humor em seu discurso humorístico; c) revisar sucintamente a teoria da incongruência e algumas teorias do humor utilizadas na interpretação de narrativas humorísticas.

Desse modo, além dessa pesquisa buscar contribuir para uma aplicabilidade da TR, o nosso propósito no decorrer desse estudo é o de evidenciar o percurso do humor nas pregações de CD. Tendo esses objetivos em foco, elaboramos as seguintes perguntas de pesquisa:

- a) O emprego do humor no discurso humorístico de Duarte é uma estratégia inovadora nas pregações religiosas das igrejas evangélicas?
- b) A utilização do recurso do humor contribui para a projeção midiática do pastor nas redes sociais no Brasil?
- c) A abordagem de temas tabus como o sexo entre casais durante as pregações de CD, contribui para as mudanças que as religiões estão sofrendo?

Em decorrência disso, também enumeramos algumas questões relacionadas à nossa pesquisa e que já haviam sido propostas e investigadas por Santos (2009, 2014)¹ em seus estudos sobre o humor:

- 1) O que é uma piada?
- 2) Buscar definir, ou pelo menos conceituar o que é um chiste.
- 3) Seria algum tipo especial de narrativa ou a forma como de contar?
- 4) Se sim, quais recursos linguísticos e extralinguísticos seriam responsáveis pela condução do processamento humorístico?
- 5) O que seria uma incongruência no humor da piada?
- 6) Como ocorre o processo ostensivo-inferencial na interpretação das piadas?
- 7) Podemos utilizar o humor para tratar de assuntos sérios?

No capítulo em que debateremos o discurso humorístico do pastor Cláudio Duarte, iremos analisar a incongruência e o percurso do humor presentes na pregação

¹ Ver em Santos (2014, p. 12/13)

Sexualidade do casal e aplicar os pressupostos da TR na interpretação dos enunciados humorísticos e dos chistes criados *ad hoc* durante essa pregação, a fim de investigar a função e o funcionamento do humor nesse campo linguístico, pois para Santos (2014, p. 155): ao “analisar o gênero textual ‘piada’ e explorar algumas de suas características formais que permitirão distingui-lo de outros gêneros pelo seu caráter humorístico”, esse gênero humorístico revela-se como rico e abundante material de pesquisa e análise e por isso merece ser estudado e analisado.

De acordo com Attardo (1994), para Platão, o humor é um misto de sentimentos da alma, tais como prazer e dor; Aristóteles, por sua vez, postula que o humor é um caso particular, associado ao feio, não sendo uma deformidade da dor ou do mal – o filósofo considera que o humor serve à argumentação do orador, o que de certa forma antecipa a ideia de incongruência.

O humor pode funcionar tanto como uma ferramenta de crítica social, quanto servir como estratégia argumentativa de extrema relevância para despertar a atenção, resultar em entendimento e/ou provocar o riso e alcançar a adesão de plateias e auditórios. Segundo Freitas (2017):

O humor está presente em diversas esferas da atividade humana. Isso ocorre, pois, por meio dele, pode-se dizer certas coisas que em determinadas situações não seria possível. Humor não intenciona, apenas fazer rir. Pode funcionar tanto como uma ferramenta de denúncia, de crítica social, quanto servir como técnica argumentativa de extrema relevância para alcançar a adesão do auditório. (FREITAS 2017, p. 5).

Embora constante em diversas práticas sociais, o humor não é comum a todos os contextos, como é o caso do religioso; conforme afirma Freitas (2017, p. 43): “o discurso religioso, o gênero discursivo pregação e suas relações com o humor a fim de mostrar que o humor também pode ser visto como coisa séria e ser utilizado no discurso religioso sem desprestigiar ou desqualificar”.

Esse fato pode ser observado no campo da religião, pois o discurso religioso cristão é caracterizado como sério, sagrado e inquestionável. Para Freitas, (2017, p.43): “Isso se deve ao fato de o representante religioso (padre, pastor etc.) usar como respaldo o texto bíblico, que é considerado sagrado pelos fieis (a palavra de Deus), tornando o discurso do agente religioso irrefutável”. Espera-se, assim, que uma reunião religiosa cristã seja uma celebração solene, conservadora e respeitosa, sem fugir do protocolo sagrado. Segundo essa autora:

Embora o humor tenha se disseminado em diversos campos e práticas da atividade humana, ele não tende a ser muito comum no contexto religioso. A explicação para o caso não nos parece difícil de ser entendida e aceita (ao menos para senso comum), afinal, para muitos, humor não é coisa séria (é brincadeira, no sentido de que não deve ser confiável). E religião o é. (FREITAS, 2017, p. 43)

Durante as pregações religiosas, não é esperado que o culto evangélico seja engraçado, local de diversão, de brincadeiras e ou de entretenimento, pois segundo Lima e Melo (2019):

O discurso religioso cristão é caracterizado como discurso sério e inquestionável, uma vez que se dedica a refletir sobre a palavra de Deus. Segundo Orlandi (2001), o discurso religioso é “aquele em que fala a voz de Deus” por meio de seus representantes na terra, o pastor e/ou o padre. Como afirma Souza (2012), tradicionalmente, não é esperado que o culto evangélico seja engraçado, local de diversão, de brincadeiras e ou de entretenimento. No entanto, a ‘manifestação humorística’ (POSSENTI, 2018) passa a constituir os sermões pregados em púlpitos pelos evangelizadores. (LIMA; MELO, 2019, p. 60).

Afinal, “fazer graça” não é comum no ambiente espaço religioso, pois tradicionalmente espera-se rir em shows de comédias, no circo, em feiras livres, nos ambientes festivos. Ninguém vai à igreja com a expectativa de dar risadas. É o que se pensa até hoje, pois a reflexão, o silêncio, as orações são o que se espera nos cultos e nos rituais religiosos em geral.

Segundo Freitas (2017, p. 47): “O ambiente religioso tradicional é sério, formal e arbitrário. Para o cristianismo, o templo religioso é considerado um lugar sagrado, casa de Deus, e não é, portanto, lugar de entretenimento”.

No entanto, atualmente as igrejas cristãs protestantes no Brasil destacam-se com reuniões religiosas que abordam assuntos delicados de serem tratados no ambiente religioso, como sexualidade e vida íntima do casal. Tais temas tornam-se mais suaves de serem abordados pela prática do humor, possibilitam atrair os fiéis e facilitar a adesão aos ensinamentos e preceitos cristãos. Segundo Lima (2019):

O discurso religioso cristão é caracterizado como sério e inquestionável, uma vez que se dedica a refletir sobre a palavra de Deus. Segundo Orlandi (2001), é ‘aquele em que fala a voz de Deus’ por meio de seus representantes na Terra, o pastor e/ou o padre. Espera-se, assim, que uma reunião religiosa cristã seja uma celebração solene, conservadora e respeitosa, sem fugir do protocolo sagrado. Como afirma Souza (2012), tradicionalmente, não é esperado que o culto evangélico seja engraçado, local de diversão, de brincadeiras e ou de entretenimento. No entanto, igrejas cristãs protestantes destacam-se com reuniões religiosas suavizadas pela prática do humor como uma

forma de atrair os fiéis e facilitar a adesão ao preceito cristão. (LIMA, 2019, p. 4).

As pregações religiosas preparadas por líderes religiosos em forma de sermão abrem espaço para expressões espontâneas e narrativas engraçadas. Segundo Freitas (2017):

Apesar de o humor não ser muito comum em um ambiente do campo da religião, ele propicia que assuntos mais delicados sejam abordados de forma mais suave, deixando a mensagem mais sutil sem desmerecer o assunto abordado. Nesse sentido, é comum observar a presença do humor em piadas, crônicas, programas televisivos etc. a fim de criticar, denunciar, ou simplesmente, divertir e tem chegado a campos em que antes eram improváveis, como na religião. Conforme destaca Travaglia (1990, p. 55), o humor está presente em diversos campos da atividade humana 'com funções que ultrapassam o simples fazer rir'. Isso porque o humor chama a atenção do auditório sem descredibilizar a mensagem divulgada, contribuindo para adesão do auditório ao que é propagado. (FREITAS, 2017, p. 48).

Nos séculos XII e XIII, a vida sexual da sociedade ocidental era orientada segundo as prescrições da Igreja cristã católica, que desenvolveu mecanismos de observação e instrumentos de controle para manter desejo e o ato sexual sob seu domínio e poder. Nesse período, segundo Dantas (2010, p.706): “a atividade sexual passou a ser considerada um ritual sagrado, que estava, portanto, sob o domínio da Igreja. Cabia ao sacerdote discipliná-la e regulamentá-la”.

Elaboramos aqui, uma breve reflexão histórico-social sobre como a sexualidade era abordada pelas religiões cristãs no passado. Segundo Dantas (2010, p. 700): “Desde os primeiros séculos da era cristã, a sexualidade foi amplamente discutida pelo cristianismo, aparecendo nas pregações, nos tratados teológicos, nas orientações doutrinárias e nos códigos morais”.

Em relação à conduta sexual dos casais no século XX, especificamente nas últimas três décadas, a sociedade moderna tem sido invadida por forte apelo sexual. No entanto, os segmentos pentecostais conservadores pregam um discurso que proíbe o sexo antes do casamento.

Para a manutenção e a preservação do matrimônio, o ato sexual conjugal desde que esteja dentro dos parâmetros bíblicos, é estimulado e valorizado, pois consolida o vínculo conjugal e garante a unidade espiritual do casal.

Atualmente, apesar da resistência de alguns grupos conservadores cristãos, o tema da sexualidade tem ganhado destaque nos sermões de pregadores pentecostais, como Cláudio Duarte que utiliza a ferramenta do humor em suas pregações ao abordar temas da vida íntima conjugal.

Enquanto nas últimas três décadas a sociedade moderna foi invadida por forte apelo sexual, os segmentos pentecostais se proliferaram com um discurso que proíbe o sexo antes do casamento. As prescrições sexuais se multiplicam. A sexualidade, além de despertar o interesse das ciências, atrai a atenção dos pregadores que não param de mencioná-la. Paradoxalmente, aquilo que é proibido ganha destaque nos sermões. Não há silêncio nem discrição nos discursos que debatem a vida sexual dos cristãos. (DANTAS, 2010, p. 723).

Conhecido como o “pastor cheio de graça” em sua página no Facebook, o evangelista e pastor Cláudio Duarte é, no Brasil, um representante da pregação cômica que tem feito enorme sucesso na mídia, especialmente em seus canais no YouTube *Cláudio Duarte*, que o tornou um dos religiosos mais famosos do Brasil. Segundo informações na sua página da internet, *claudioduarte.com.br*, foi membro da Igreja Batista Brasileira por muitos anos e líder da Igreja Projeto Recomeçar Xerém que fica no bairro Duque de Caxias no Rio de Janeiro. Casado há mais de duas décadas e com dois filhos, esse pregador evangélico é pastor de jovens e casais em sua igreja.

O corpus do trabalho estrutura-se em sete seções. Formam as três primeiras a introdução, a justificativa e a metodologia de pesquisa. O capítulo quatro, traz uma apresentação sobre as teorias do humor e a Teoria da Relevância (TR). A quinta seção apresenta uma abordagem sobre o enigma da piada e o discurso religioso humorístico de Duarte. Na sexta seção abordaremos os estudos sobre o humor e o riso. No capítulo sete, aplicaremos alguns pressupostos da TR no discurso humorístico de CD e breves apontamentos sobre a Teoria da Polidez.

2 JUSTIFICATIVA

Ao iniciarmos nossos estudos sobre pragmática e humor, a Teoria da Relevância e a Teoria da Incongruência (TI) na disciplina Linguagem, Cognição e Relevância no ano de 2018, no programa de mestrado em Estudos de Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, nesse momento, algumas das indagações e questionamentos propostos por Santos (2009, 2014) já enumerados no capítulo anterior, emergiram e despertaram o interesse para o desenvolvimento do nosso estudo.

Assim, esta pesquisa se justifica, principalmente, pelos seguintes motivos: em primeiro lugar, pela importância que o humor tem assumido ao longo da história e, especialmente, na sociedade contemporânea, com ampla disseminação em diversos campos e práticas da atividade humana e recentemente no âmbito religioso. Em segundo lugar, este trabalho torna-se relevante pelo fato de investigar a função e a importância do humor numa prática social religiosa, a pregação, em especial a do pastor Cláudio Duarte. Como já dito, o contexto religioso tende a se caracterizar pelo tom de seriedade, não de humor. Segundo Ramos (2019):

A partir da visão acadêmica sobre o tema, mas também partindo da visão social e docente, notamos que o humor ultrapassa as questões estruturais, sobre o que causa ou não causa comicidade nas tiras, charges, memes, cartuns, piadas ou situações inusitadas, como vemos em muitos exercícios didáticos nos livros, vestibulares ou avaliações. Em outras palavras, esse campo vem adentrando os mais variados assuntos como política, religião, comportamentos, não só promovendo um ar descontraído, mas também se revelando através da ofensa, hostilidade e agressão, por exemplo. (RAMOS, 2019, p. 13).

No entanto, nossa dissertação de mestrado será a primeira a analisar o percurso interpretativo/comunicativo do discurso humorístico do pastor Cláudio Duarte fundamentada na Teoria da Relevância.

Para o enriquecimento da nossa pesquisa e melhor evidenciarmos o humor na pregação de Duarte, encontramos nas dissertações de mestrado mencionadas no parágrafo anterior, estudos dentro da área da linguística que apresentam uma investigação sobre a função e a relevância do humor no sermão do pastor, pois ao utilizarmos estudos já publicados em livros, artigos científicos, dissertações e teses acadêmicas, bem como em informações encontradas em páginas na web, blogs, vídeos e gravações de pregações teremos mais fontes bibliográficas e subsídios teóricos em nosso estudo científico. Segundo Gil (2007):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. (GIL, 2007, p.44)

Cláudio Duarte e o seu jeito irreverente de ministrar o evangelho de Cristo tornou o pastor famoso nas redes sociais e na internet, rendendo-lhe convites para programas televisivos de projeção nacional. Considerando que o humor não tende a ser comum nos gêneros religiosos em geral, nos interessou entender, por meio desse estudo, qual a sua função na pregação religiosa do pastor. Segundo, Lima (2019):

Possenti (2018, p. 27-29) afirma que 'em todos os espaços pode haver pitadas de humor – e a reivindicação, por seus autores, de serem interpretados como quem tivesse brincando'. Quando pensamos no humor no discurso religioso, na pregação engraçada e descontraída do pastor Claudio Duarte, percebemos o quanto essa colocação de Possenti (2018) faz sentido. Entendemos, assim, que o humor empregado nos sermões do evangelista é uma manifestação humorística no discurso religioso e que, ao aderir a essa prática discursiva, o ministro pretende ser engraçado, atendendo uma demanda do mercado religioso neopentecostal e fazendo circular um poder disciplinar [...]. (LIMA, 2019, p. 26).

Nesse sentido, nos interessou por meio desse estudo, aplicar em nossas análises os pressupostos da Teoria da Relevância, tendo em vista que essa teoria foi elaborada com o propósito de explicar o processamento de informações ostensivo-inferenciais da comunicação humana, bem como o humor estar presente e ser de extrema relevância na pregação, visto que tem a função de contribuir para a eficácia da adesão da plateia ao riso e prender a atenção do auditório diante do discurso religioso de Duarte. Conforme Silveira e Feltes (1997) citada por Santos (2009):

Relevance: communication & cognition (SPERBER e WILSON, 1995) é, talvez, a mais interessante, atrativa, poderosa e polêmica tentativa de explicar a comunicação humana. É uma proposta que se reveste de uma inevitável complexidade teórica, sobretudo por convergir uma tradição de estudos sintático-semânticos com os mais recentes estudos da psicologia cognitiva, principalmente sobre processamento de informações – processos inferenciais, representação, memória, etc. A teoria subverte a teoria da comunicação codificada, retifica a teoria das implicaturas conversacionais de Grice e ignora o ceticismo das teorias cognitivas sobre a abordagem dos sistemas centrais (SILVEIRA; FELTES, 1997 *apud* SANTOS, 2009, p. 62).

O discurso humorístico e a maneira como Duarte aborda os temas presentes nas suas pregações pautam-se por um caráter de reciprocidade entre as suas intenções enquanto falante e as expectativas dos ouvintes em entendê-las.

Partimos do pressuposto de que as normas e os códigos sejam implicitamente partilhados pelos interlocutores envolvidos nesse processo de comunicação humorística, então, supomos que o riso manifestado pela plateia nesse processo de interação pode ter sido gerado a partir da resolução da incongruência das suas piadas.

Para melhor entender e evidenciar esse processo, recorreremos à pragmática, justamente por ser o ramo da linguística que se dedica ao estudo dos mecanismos de interação entre o falante e o ouvinte, principalmente a influência do contexto e do uso concreto da língua no processo de comunicação, que de acordo com Ermida (2002):

Compreende-se pragmática como o estudo dos princípios que regem o uso comunicativo da língua, análise da linguagem verbal que considera as escolhas dos interlocutores e os efeitos provocados nos outros participantes do ato comunicativo. Portanto, uma abordagem do caráter humorístico do texto que se pretenda discursiva não pode ignorar a dimensão pragmática do texto, uma vez que é preciso conceber o humor como 'um fenômeno interativo, criado no sutil equilíbrio entre o que o emissor codifica e o que o receptor decodifica, ou entre o que o primeiro pretende e o segundo entende' (ERMIDA, 2002, p. 270).

Nossa maior motivação tem sido a de procurar responder as nossas indagações e questionamentos no decorrer dessa pesquisa científica, através de um breve levantamento das teorias de humor que discutem as questões que permeiam a interpretação de piadas. A hipótese que fundamenta os argumentos em favor da cognição é a de que o *punchline* obrigatoriamente remete a interpretação do ouvinte/leitor à aplicabilidade de regras inferenciais não demonstrativas, isto é, a aplicação de regras dedutivas a premissas verdadeiras não garante a verdade das emoções. Segundo Santos (2009):

Para darmos conta da explicação da interpretação da piada na perspectiva relevantista é necessário que descrevamos as regras com as quais o ouvinte joga para resolver a incongruência do *punchline* (desfecho) da piada. Segundo Sperber e Wilson (1995), os seres humanos devem sua existência à capacidade que têm de tomar decisões rápidas, quase instantâneas e de certa forma automáticas sobre um fato, um evento ou uma elocução linguística. Não fosse assim o homem já estaria instinto. É, portanto, essa capacidade racional que permite a ele interpretar a piada, ou pelo menos tentar, e se possível rir dela. Isso é possível graças a sua capacidade inferencial de dedução que processa as informações captadas do meio que o rodeia. (SANTOS, 2009, p. 202).

Como base teórica que pretendemos incluir nas análises das piadas e narrativas humorísticas de Duarte, elencamos as Teorias da Relevância, do Script Semântico, do Humor Verbal e a da Incongruência, além de outros os elementos estruturais

de uma narrativa humorística. Para um maior entendimento sobre a estrutura que compõe uma piada, uma das teorias que nos dará suporte é a teoria geral do humor verbal (GTVH), sigla em inglês. Santos (2014, p. 61), citando a definição de Conde (2005), nos diz que: “é possível inferir-se que a piada apresenta algumas características textuais”. Segundo Santos (2009):

De acordo com a definição de Conde, é possível se inferir que a piada apresenta algumas características textuais – tais como texto curto, narração, ficção, com variação de estilo e que pode repetir-se em diferentes cenários e personagens – que permitem caracterizá-la com tal. Raskin e Attardo (*apud* ATTARDO, 1994), ao proporem a teoria geral do humor verbal (GTVH) assumem o caráter narrativo da piada como sendo um dos seis recursos paramétricos de reconhecimento (*knowledge resource*) que possibilita a análise de qualquer tipo de texto humorístico verbalizado. (SANTOS, 2009, p. 155).

Como já mencionamos, o humor e a “graça” não são característicos do ambiente tradicional e conservador religioso. No entanto, Duarte emprega o humor em suas narrativas como um recurso que possibilita a adesão e aceitação do auditório e da plateia de fiéis que participam como ouvintes em suas pregações. Segundo Lima (2019) referindo-se à pregação de Duarte:

[...]o humor empregado na pregação é pretencioso, sendo usado como um recurso que possibilita a adesão do público. Assim como Freitas (2017), acreditamos que a manifestação humorística no discurso religioso midiático de Duarte contribui expressivamente para a aceitação dos fiéis e simpatizantes. (LIMA, 2019, p. 5).

Para nós é relevante estudar os enunciados das piadas e chistes *ad hoc* de Duarte porque ele é um formador de opinião, que, ao incorporar o humor em seu sermão, tem feito muitos adeptos, até mesmo de não religiosos, tornando-se famoso na internet. Um dos pontos que mais desperta a nossa atenção em suas pregações é o bom humor e o hábito de fazer piadas entre as mensagens evangélicas, apesar de parte da comunidade religiosa não concordar com essa postura, principalmente por concordarem que o emprego do humor no campo da religião tiraria a seriedade do discurso religioso; por outro lado, outros a apreciam e muitos, inclusive fiéis de outras religiões, costumam aderir aos seus ensinamentos e compartilhar a suas narrativas humorísticas religiosas. Segundo Freitas (2017):

O pastor ainda explica que alguns membros da congregação da qual faz parte não concordam com humor no campo religioso, entretanto Duarte acredita

que a seriedade e o humor não são elementos opostos. Segundo ele, é possível ser sério sendo bem-humorado. O pastor ainda defende (e reforça) que suas pregações têm princípio bíblico e o humor seria para agregar, atrair atenção do auditório. (FREITAS, 2017, p. 54).

A forma como o pastor utiliza o humor em suas pregações não agradam a todos os religiosos, pois a sua postura é vista por alguns, como desrespeitosa com a palavra divina e sem seriedade. É o que afirma Lima (2019):

Por outro lado, algumas críticas são direcionadas ao missionário. Há pessoas religiosas que discordam da maneira como pregador aborda as passagens bíblicas. Afirmam que ele assume uma postura de brincadeira e desrespeito com a palavra de Deus, fazendo com que as pessoas desconsiderem a seriedade das coisas sagradas. Como afirma Souza (2012), 'fazer 'graça' não caracteriza o espaço religioso. Tradicionalmente espera-se rir no circo, na feira livre, nas festas. Ninguém vai à igreja com a expectativa de dar risadas'. Isso pode ser extravagante para as igrejas tradicionais, mas o humor nas pregações evangélicas tem feito cada vez mais adeptos. É nessa aceitação que habita o sucesso do pastor Cláudio Duarte. (LIMA, 2019, p.5).

Entretanto, é necessário conhecer a plateia, pois para (Freitas, 2017, p. 38): “o humor é o resultado de uma ação que possibilita a mudança do estado emocional do auditório, uma vez que é capaz de aumentar a disposição de ouvir e agregar ideias levando à reflexão”. Isto não significa, que ao utilizar-se do humor e de piadas em suas pregações, o pastor não fale “sério”, pois de acordo com Santos (2009):

Com efeito, a piada pode ser pensada como um gênero narrativo que desempenha uma função comunicativa com um valor de entretenimento humorístico crítico, irônico, de sátira social ou política, sobre o comportamento de uma comunidade, uma vez que aborda e ressalta temas que envolvem crenças, convenções, tabus, status, poder, moral, comportamentos, e demais valores identitários que fazem parte de uma cultura. (SANTOS, 2009, p.156).

Então, ao utilizarmos o humor, isso não significa que não estamos falando sério! Afinal, (Freitas, 2017, p. 37) nos diz que “O humor é capaz de deixar assuntos difíceis de serem tratados mais sutis e descontraídos e, por essa razão, tem se disseminado em discursos em que seria pouco provável a sua utilização.” Ainda segundo essa autora, “pode-se dizer que essa disseminação do humor ocorra por tornar o discurso agradável, despertar o interesse sem perder a credibilidade”.

No entanto, em suas narrativas, Duarte utiliza-se do gênero humorístico chiste contado por ele *ad hoc* para a sua plateia. Nesse sentido, o chiste deve ser contado dentro do mesmo contexto em que o auditório esteja inserido, pois é a partir desse

contexto que o orador pode perceber e considerar se é ou não relevante fazer o uso da linguagem humorística.

Como exemplo, em uma das suas pregações, Duarte aborda o tema “Sexualidade do casal” para um público que está inserido dentro do mesmo contexto religioso do pastor, ou seja, uma plateia de casais e ouvintes que seguem os preceitos evangélicos das igrejas neopentecostais. Freitas (2017, p. 38) afirma que: “Um fator que vai determinar e autorizar o uso do humor é o contexto. É a partir dele que o orador pode perceber e considerar se é ou não adequado fazer uso da linguagem humorística”. Santos (2009, p. 68) ao abordar o tema em seus estudos afirma que: “A única maneira de se poder ter certeza de que não vai ocorrer qualquer equívoco de interpretação seria garantir que o contexto utilizado pelo ouvinte fosse sempre idêntico ao visualizado pelo falante”; mas como isso nunca acontece, o ouvinte tem que fazer inferências para interpretar a intenção informativa do falante.

3 METODOLOGIA

A seleção dos chistes escolhidos para análise e interpretação do percurso interpretativo/comunicativo/humorístico na sua grande maioria foi feita a partir das transcrições das narrativas dos vídeos das pregações religiosas do pastor CD no seu canal do Youtube e na sua página do Facebook, conforme descritos no capítulo 1 dessa dissertação; entretanto alguns trechos das narrativas e chistes que selecionamos, foram transcritas dos vídeos postados por internautas no Youtube, bem como a *piada da sexóloga* que será incluída no corpo do nosso trabalho. De acordo com Freitas (2017):

Os trechos de pregações de Duarte, inicialmente, eram dispostos na Internet por fieis e admiradores. Após se tornar conhecido, o pastor criou um canal no YouTube intitulado 'Um pastor cheio de graça', nome que ainda mantém na página da rede social Facebook. No entanto, a denominação dada ao canal foi modificada para 'A graça que mudou a minha vida'. Tanto no canal quanto na página do Facebook, são feitas postagens de piadas bíblicas e são dados diversos conselhos para casais, todos muito bem-humorados. Daí se pode dizer que o termo 'graça', que consta nos dois nomes atribuídos ao canal do pastor no YouTube e no Facebook, pode remeter tanto à 'benção divina' quanto ao gracejo (ser divertido, engraçado). Em 18 de janeiro de 2017 o canal do pastor no YouTube contava com 569. 899 inscritos e a rede social Facebook 387. 746 curtidas. (FREITAS, 2017, p. 53-54).

Nesta pesquisa, nos baseamos em uma estratégia de análise qualitativa, de caráter exploratório. Nossa metodologia de trabalho envolveu o levantamento de alguns estudos sobre o humor e seções destinadas a evidenciar a importância de uma pesquisa fundamentada a partir de uma teoria pragmático-cognitiva. Por fim, como já descrito no parágrafo acima, elaboramos um recorte do enunciado transcrito do vídeo *Sexualidade do casal* postado na internet, pois observamos que nas redes sociais, essas pregações têm servido como uma maneira de causar diversas reações nos internautas que seguem o canal e a página do pastor no Facebook.

Em suas narrativas, Cláudio Duarte geralmente propõe-se tratar de questões relacionadas à família, entretanto, durante as pregações, são mencionados alguns assuntos como, por exemplo, a homossexualidade, a vida íntima e a (des) obediência aos preceitos religiosos/ cristãos. Em virtude disso, buscamos nos ater especialmente ao trecho que se centra na temática sexualidade do casal, pois o pastor além de relatar a sua experiência matrimonial de 30 anos, já afirmou em entrevistas, que faz aconselhamento para casais membros da igreja.

Não obstante, a hipótese da incongruência tem dado suporte a análises de muitas pesquisas sobre os tipos de humor, o que faz dela uma das teorias mais respeitadas nas pesquisas sobre piada, pois mantém uma relação muito próxima com as teorias linguístico-cognitivistas. De acordo com Santos (2014, p.36): “A teoria da incongruência, juntamente com a teoria da superioridade, tem como objetivo tentar explicar os mecanismos perceptivos e cognitivos que caracterizam o humor a partir do conceito de incongruência”.

No decorrer das análises das piadas, não é nossa intenção ofender, julgar ou desqualificar nenhum tipo de crença, costume, religião, opinião ou modo de vida dos indivíduos. Da mesma forma, não pretendemos fazer nenhum julgamento sobre a religião, credo, visão de mundo, ideologias ou conceitos e opiniões do pastor.

Grice (1982 *apud* Oliveira, 2008, p.102) explicita que: “por trás de uma afirmativa, quase sempre há algo encoberto - implicatura - e para analisá-las deve-se remeter às quatro máximas conversacionais: Quantidade, Qualidade, Relevância e Modo”. Para Grice, “a ironia, as expressões ambíguas, a metáfora, entre outras constituem uma violação do Princípio de Cooperação ou, pelo menos, de uma máxima conversacional”. Para Santos (2009):

Ao modelo teórico da pragmática da ironia caberia discutir, então, a problematização do fenômeno, do ponto de vista empírico, principalmente no que diz respeito às perspectivas psicológicas, metodológicas, linguísticas e pragmáticas. Como componente formal cabe à teoria discutir a ironia a partir de elementos enunciativos, como o ato ilocutório, o linguístico e o actancial. Na perspectiva pragmática, a ironia é vista, primeiramente, como ato de fala (AUSTIN, 1962 e SEARLE, 1969), uma ação capaz de modificar o ambiente do interlocutor. Como antítese linguística, ela é vista como paradigma da mentira (GRICE, 1957/75), encobrendo dois significados para um mesmo objeto. (SANTOS 2009, p. 129).

No vídeo da pregação *Sexualidade do casal*, observamos que o orador Duarte utiliza-se de elementos característicos da linguagem não-verbal na configuração do humor como: gestos, expressões faciais, movimentação no palco, etc. Tais elementos serão desconsiderados em nossas análises, pois não estão dentro dos objetivos propostos.

Em relação à forma de como a piada é contada, Possenti (2000, p. 46): “Qualquer que seja o tópico, loira burra ou a morte do Ayrton Senna, sexo ou racismo, o que faz com que uma piada seja uma piada não é seu tema, sua conclusão sobre o tema, mas uma certa maneira de apresentar tal tema ou uma tese sobre tal tema”.

Com base nessa afirmação do autor, entendemos que não são somente os temas que fazem as piadas contadas por Duarte serem engraçadas, mas sim a maneira de como são abordadas e contadas nos cultos.

Para entender esse raciocínio, utilizaremos a teoria de Sperber; Wilson (2001) e seu aperfeiçoamento proposto por Santos (2017), especialmente em relação ao processo ostensivo-inferencial, que nos dá um importante subsídio para explicar, de acordo com a Teoria da Relevância, por que há dualidade de interpretação diante de um mesmo conteúdo que mantém como um dos objetivos, a comicidade. Este pode não ser o objetivo central, nem a única implicação de tal conteúdo: muitas vezes, questões que são colocadas em temas de humor tem valores interpretativos que vão muito além do rir ou não rir.

Nossa metodologia de trabalho envolveu o levantamento de alguns estudos sobre o humor e seções destinadas a evidenciar a importância de uma pesquisa fundamentada a partir de uma teoria pragmático-cognitiva. Não pretendemos que as nossas análises e interpretações em nenhum momento tornem-se exaustivas, pois o propósito do nosso trabalho é o de contribuir para o conhecimento científico dando relevância à plausibilidade de aplicação das teorias de humor que selecionamos.

4 AS TEORIAS DO HUMOR

Cláudio Duarte, o pastor cheio de graça, conhecido pelo emprego do humor em suas mensagens e pregações, que o tornou uma figura pública e midiática, o evangelista é, no Brasil, um representante da pregação cômica que tem feito enorme sucesso na mídia.

Para entendermos o percurso do humor, a incongruência do riso e elaborarmos uma análise pragmático-cognitivista do enunciado das suas piadas, selecionamos a seguir, as teorias elaboradas por estudiosos do humor, que contribuíram significativamente para a discussão e o aperfeiçoamento de seu funcionamento, nos moldes da pesquisa científica.

Como a nossa intenção é a de aplicá-las às piadas para evidenciarmos o mecanismo-dedutivo do humor em narrativas humorísticas pela ótica da pragmática com enfoque cognitivista, faremos uma discussão bastante breve sobre as três teorias modernas que consideramos as mais importantes e relevantes para o nosso estudo: teoria da incongruência, teoria do *script* semântico e teoria geral do humor verbal.

4.1 A TEORIA DA INCONGRUÊNCIA

Santos; Brunet (2016) explicam que a incongruência é propulsora do elemento surpresa, sendo responsável pela dissonância cognitiva na interpretação do humor, sendo não só um dos principais constituintes da linguagem humorística, bem como o que diferencia este tipo de linguagem dos demais. Santos (2014) ressalta que a teoria da incongruência se configura como um dos caminhos mais percorridos no que se refere à estudos acerca do humor. Segundo o autor, o conceito de incongruência tem o intuito de explicar os mecanismos de cognição e percepção que caracterizam o humor. Contudo, tal conceito não apresenta uma definição clara abordada pelos teóricos, podendo gerar mais de um conceito tanto na percepção de teóricos quanto na de pesquisadores. Conforme Attardo (1994) e Ritchie (2004), citados por Andrade (2017):

Atribui-se a Kant (2002) a hipótese de o conceito de incongruência poder ser aplicado ao riso. Para o filósofo, o riso é uma afeição que surge da transformação repentina de uma expectativa tensa em nada. Em outras palavras, a atenção sobre um evento é geralmente atraída para uma expectativa de transformação desse evento que resulta na descoberta súbita (*suddenness*) de que essa expectativa se tornou nada. (ATTARDO, 1994; RITCHIE, 2004 *apud* ANDRADE, 2017, p. 49).

De uma maneira mais simples, podemos entender que cognição é a forma como o cérebro percebe, aprende, recorda e pensa sobre toda informação captada através dos cinco sentidos, bem como as informações que são disponibilizadas pelo armazenamento da memória.

Para Santos; Godoi (2009, p. 1): “as principais teorias do humor analisam a piada como uma incongruência”. Assim, entendemos que a interpretação humana está relacionada à percepção que o indivíduo tem do mundo e à representação dessa percepção, ou seja, tudo aquilo que é percebido através da cognição e dos sentidos humanos e o que isso representa para cada um. Dessa forma, entendemos que ao ouvirmos um texto humorístico, o humor é gerado na percepção da incongruência, mas só se concretiza na representação mental do significado elaborado pelo ouvinte.

Segundo esses autores mencionados no parágrafo anterior: “A interpretação está, assim, invariavelmente condicionada à percepção e representação que o indivíduo tem ou faz do mundo em que vive, bem como dos outros indivíduos com quem convive”.

Ao ouvir uma anedota ou chiste, o humor começa a se resolver na percepção, mas só se concretiza efetivamente na resolução da incongruência. Para iniciar o processo de resolução da incongruência, após processar as informações em sua mente, o ouvinte torna tudo aquilo que for incongruente, ou seja, estiver em desajuste com as suas normas do mundo, em congruente. O humor só acontece, se o ouvinte resolver a incongruência num mundo provável e possível. Para entendermos, o conceito de incongruência, de acordo com Santos:

[...] o conceito de incongruência parte da ideia dualística da relação entre percepção e representação do estado das coisas no mundo, mais especificamente da relação entre objetos, conceitos e realidade. Essa postura de considerar o estado das coisas e sua logicidade frente à percepção do quão congruente ou incongruente se apresentam as coisas e ideias no mundo é a premissa básica da teoria da incongruência. (SANTOS, 2009, p. 132).

No texto humorístico, normalmente, a incongruência é gerada de forma proposital, e a sua função é o de provocar o riso. Segundo Cursino-Guimarães (2008):

[...] as teorias da incongruência, em que o humor é visto como o resultado de uma experiência cognitiva, em que, na expectativa de um determinado evento, o leitor defronta-se com uma ideia (ou fato) incongruente em relação à expectativa mantida. Um exemplo desse tipo seria a teoria da bissociação e todas aquelas que se assemelham a ela, defendendo o choque de dois

planos cognitivos, no processo interpretativo. (CURSINO-GUIMARÃES, 2008, p. 136).

Nos estudos de Andrade (2017), em relação ao elemento surpresa da piada , a autora fundamentada em Oliveira (2013) afirma que:

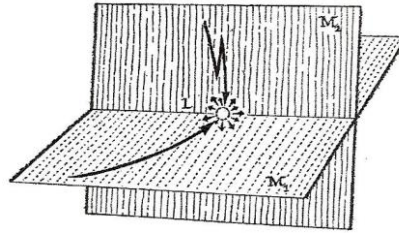
A ideia do elemento surpresa é a premissa para a noção teórica de incongruência. É a incongruência que constrange o ouvinte a reorganizar o processo de interpretação do episódio narrado. Ela pode ser pensada, do ponto de vista da pragmática cognitiva, como a percepção inesperada do desatino de uma expectativa de interpretação (OLIVEIRA, 2013 *apud* ANDRADE, 2017, p. 50).

Conforme Cursino-Guimarães (2008), a teoria da incongruência parece estar ligada à teoria da bissociação de Koestler (1964, p. 21). Cursino-Guimarães fundamentado em Koestler, afirma que o fenômeno da bissociação é:

É a percepção de uma situação ou de uma ideia L, em dois planos de referência M1 e M2, dos quais cada um tem sua lógica interna, mas que são habitualmente incompatíveis. Poder-se-ia dizer que o acontecimento L, ponto de interseção dos dois planos, entra em vibração nos dois comprimentos de onda. Enquanto dura esta situação insólita, L não está simplesmente ligado a um contexto de associação; ele está bissociado com dois contextos. Se forjo esta palavra —bissociação— é a fim de distinguir entre o raciocínio rotineiro que se exerce, por assim dizer, sobre um único plano e o ato criador que opera sempre, como o tentarei mostrar, sobre mais de um plano. No primeiro caso, o pensamento iria em uma única direção; no segundo, tratar-se-ia de um estado transitório de equilíbrio instável, dividido entre duas direções, o desequilíbrio que afeta por sua vez a emoção e o pensamento. (KOESTLER, 1964, p.21 *apud* CURSINO-GUIMARÃES, 2008, p.170, tradução de Cursino-Guimarães).

Dentro desse pressuposto teórico, podemos observar na figura abaixo o ponto de intersecção entre os dois planos: o ponto L que liga as duas ideias. Santos (2014, p. 38) fundamentado em Koestler , nos ajuda a entender a relação entre interpretação e conceitos que podemos referir à interpretação das piadas e chistes abordados em nosso estudo através do conceito de incongruência apresentado pelo autor, tida como “a percepção de uma situação ou ideia, L, em dois planos mais incompatíveis aos *frames* ou referências, M1 e M2”. Observamos nessa figura1 esses planos de referência.

Figura 1 – Os dois planos de referência da bissociação



Fonte: (Koestler (1964) *apud* CURSINO-GUIMARÃES, 2008, p. 169).

Em relação à análise de piadas, elaborada por Andrade, a autora constatou que:

Após explicar como se dá a incongruência, acreditamos que perceber a existência da incongruência em uma piada não é o suficiente para chegarmos ao riso, isto é, para que o riso aconteça, não basta que o leitor/ouvinte identifique a incongruência. Ele precisa conseguir resolvê-la, ou seja, entendê-la, caso contrário não rirá. Essa afirmação nos remete à teoria da incongruência-resolução de Suls (1972). (ANDRADE, 2017, p. 52).

Da mesma forma, Santos (2009) afirma que a percepção da incongruência numa piada, não é o suficiente para que se chegue ao riso.

[...] a idéia de incongruência como única possibilidade geradora do riso na piada nos parece equivocada, uma vez que a incongruência por si só não dá conta de explicar, por exemplo, por que após ouvir uma piada algumas pessoas não riem e/ou por que as pessoas riem de uma piada que já conhecem. Ritchie (2004, p. 54), nos dá algumas pistas sobre isso ao afirmar que a incongruência seria apenas uma propriedade necessária, mas não suficiente, para o entretenimento humorístico na piada. (SANTOS, 2009, p.217).

4.1.1 A Teoria da Incongruência-resolução

De acordo com Andrade (2017): “a teoria da incongruência-resolução foi proposta por Suls (1972) e argumenta que o riso é a manifestação emocional não somente da percepção cognitiva repentina de uma incongruência, mas do prazer gerado por sua resolução”. Conforme Yus (1995-1996), citada por Andrade (2017):

Yus (1995-1996, p. 503) concorda com a teoria da incongruência-resolução ao defender que a incongruência é necessária, mas não suficiente para deflagrar o riso. O descobrimento da incongruência produz um aumento da atividade cognitiva acompanhado de um modesto aumento da excitação do prazer, algo que pode ser considerado humorístico, mas o ápice do efeito humorístico parece estar no alívio psicológico que a audiência sente depois de conseguir resolver a incongruência (GILES *et al.* 1996 *apud* YUS, 1995-1996, p. 503). (ANDRADE,2017, p. 52).

Em relação à abordagem do humor, na visão de Santos, o mesmo deriva de uma incongruência e de um elemento surpresa que obriga o ouvinte a processar novamente a interpretação que havia feito na busca do significado e do desfecho “aparentemente absurdo” da história narrada. O autor nos diz que:

Quando abordamos a questão do humor na piada vimos que o mesmo se deriva de uma incongruência. Vimos também que o primitivo da incongruência na piada é a revelação súbita de um elemento surpresa que obriga o ouvinte à reprocessar a interpretação que vinha fazendo da história narrada e a buscar um significado para o referente revelado pelo desfecho aparentemente absurdo [...] Inicialmente temos que a piada, ao progredir psicológica, espacial e temporalmente gera no ouvinte uma expectativa de interpretação que aumenta na mesma proporção em que se desenvolve a narrativa e se desfaz no momento em que se evidencia um descompasso entre o conceito atribuído aos referentes destacados pela narração e apenas um desses referentes destacados pelo desfecho. Esse descompasso aparentemente absurdo e irrelevante é explicado pela maioria das teorias do humor que estudam a piada, como a ‘percepção de uma incongruência’, a qual seria responsável pelo riso. (SANTOS, 2009, p. 217).

Analisaremos o percurso do humor no trecho transcrito da pregação, *Sexualidade no casamento*, onde Duarte no decorrer da sua narração elabora chistes *ad hoc* para gerar comoção e produzir risos na plateia. Como já mencionamos, falar sobre sexo e vida íntima do casal para uma plateia de adultos pode ser embaraçoso para ser abordado em público, justamente pelo fato do sexo ser um tema tabu para religião. Falar sobre sexo em público pode ser constrangedor para alguns, mas não para Duarte (2009):

SEXUALIDADE NO CASAMENTO: “você tem liberdade? ...fala sério? ...pra chega pra sua muié e fala assim...hoje quero fazer um sexo diferente...sexo selvagem...uma coisa nova ...por que ninguém aguenta mais o papai e mamãe não gente...sobe em cima eh uh uh uh uh!...desce uh.uh.uh...vamo dormir ho ho ho... como um bicho...não pode poxa...tem fazer umas manobra diferente ...você tem liberdade pra isso?...que se não...quem é que guenta?... 30 ano!...eu já tô 18...18 ano...com a mesma muié...um amigo meu falo assim ...oia...eu vou dar uma carteirinha de tarado pro cê ... falei...rapaiz...é violento ... então você tem que ter a liberdade amanhã hoje vamos fazer um negócio diferente... uma posição acima...uma coisa...umas cambaiota assim...vamo...vamo fazer um negócio muito doida assim...vamo..vamos experimentar”.(informação verbal, transcrição nossa).²

² DUARTE, Cláudio. **Sexualidade no casamento**. Teresópolis-RJ. Igreja Batista Monte Hermom, 2009. Pregação religiosa.01vídeo (67 min.). Disponível em: <https://youtu.be/0LTJsea-z3Q?t=2042>. Acesso em: 06 nov. 2019.

Figura 2 – Sexualidade no casamento. Pregação religiosa proferida pelo pastor Cláudio Duarte na igreja Batista Monte Hermom em 2009.



Fonte: DUARTE, Cláudio. **Sexualidade no casamento**. Teresópolis-RJ. Igreja Batista Monte Hermom, 2009. Pregação religiosa. 01 vídeo (67 min.). Disponível em: <https://youtu.be/0LTJsea-z3Q?t=2042>. Acesso em: 06 nov. 2019.

Nessa narração, o orador indagando à plateia, pergunta se você (marido) tem liberdade para falar com a sua mulher que hoje quer fazer um sexo diferente, uma coisa nova, “um sexo selvagem”, pois “papai e mamãe” não dá mais. Inferimos que o chiste “Papai e mamãe” nos remete a ideia de um sexo de rotina, sempre da mesma forma com o seu marido ou esposa, por que se não tiver, quem é que aguenta, 30 anos transando do mesmo jeito, ao passo que “sexo selvagem” implica em variar, mudar de posição e ir além da rotina sexual.

No chiste: “Sobe em cima, uh, uh, desce, uh, uh, vamo dormi, ho,ho...como um bicho”, Duarte faz uma ostensão com os sons que produz na pregação; “sobe e desce”, produzem a inferência de que o sexo é feito sempre da mesma forma. Os sons são uma ostensão de que o sexo de rotina é curto e termina com o sono após o ato sexual.

Na ostensão: “quem é que guenta?... 30 ano!...eu... já..tô 18...18 ano...com a mesma muié”, em nosso horizonte de expectativa somos levados a inferir que, não dá para aguentar transar do mesmo jeito durante trinta anos, mas o pastor que já está a dezoito anos com a mesma esposa consegue quebrar a rotina sexual (papai e mamãe), mudando as posições, dando umas cambalhotas, fazendo um negócio diferente e até ganhará uma carteirinha de tarado por não parar de fazer sexo.

Em outra ostensão de Duarte: “Você tem que ter a liberdade...amanhã...hoje “. Nesse trecho, inferimos que o pastor quer dizer para o seu público que além de necessário, é possível primeiramente conversar sobre a intimidade sexual com o seu parceiro para posteriormente quebrar a rotina sexual do casal, senão o casamento não resiste a essa situação rotineira.

No entanto, esse conjunto de ostensões produzidas na narrativa do pastor, o *set up* configuram o percurso do humor nessa pregação. Dessa forma, a incongruência e o *punchline* dos chistes ocorrem quando Duarte, ostensivamente, leva a plateia a implicar que se o casal não tiver liberdade para falar sobre a sua intimidade sexual e permanecer no estilo “papai mamãe “ de transar, o seu casamento será afetado . Inferimos que a resolução da incongruência dos chistes levaram a plateia ao riso. De acordo com Santos (2009, p. 219): “Do ponto de vista estrutural, a narrativa do *set-up* contém a evolução psicológica e informativa da piada e faz com que o ouvinte crie expectativas sobre a incongruência revelada pelo *punchline*”.

Entendemos que o riso seja uma a manifestação emocional não somente da percepção cognitiva de uma incongruência, mas também do prazer gerado por sua resolução. De acordo com Andrade (2017), em relação à resolução da incongruência, a autora afirma que:

Após explicar como se dá a incongruência, acreditamos que perceber a existência da incongruência em uma piada não é o suficiente para chegarmos ao riso, isto é, para que o riso aconteça, não basta que o leitor/ouvinte identifique a incongruência. Ele precisa conseguir resolvê-la, ou seja, entendê-la, caso contrário não rirá. Essa afirmação nos remete à teoria da incongruência-resolução de Suls (1972). (ANDRADE, 2017, p. 52).

Então, seria a incongruência a única responsável pela manifestação do riso na piada ou no chiste? Ritchie (2004, p.54) nos dá algumas pistas sobre isso; conforme o que afirmam Santos; Godoi (2010):

Ritchie (1999 e 2004) apresenta dois modelos de análise de piada que têm como base a teoria da incongruência-resolução. O primeiro modelo é conhecido como modelo de duplo estágio e o segundo como modelo de desambiguação da surpresa ou reinterpretação forçada. Ambos os modelos partem da premissa de que a piada contém duas partes, a saber: a) o *set-up* – o corpo textual da piada, e b) o *punchline* – o desfecho da piada. [...]em ambos os modelos de interpretação, o *set-up* apenas cria no ouvinte uma expectativa de incongruência humorística e é o *punchline*, ao menos inicialmente, que parece não fazer sentido. É o *punchline*, portanto, que manifesta a incongruência. (SANTOS; GODOI, 2010, p. 4).

No entendimento desses autores, no que se referem à interpretação da piada, não é a percepção da incongruência, que nessa perspectiva é apenas o início do trabalhoso e complexo processo cognitivo, em si a responsável pelo humor, mas o

reconhecimento da resolução congruente que permite diferenciar um conceito e um (e apenas um) referente dentre os possíveis referentes evidenciados pelo *punchline*. Conforme os autores:

No modelo de duplo estágio de interpretação o *punchline* apresenta uma situação em que somente a recorrência a uma regra cognitiva pode resolver a incongruência, ou seja, há uma regra cognitiva capaz de tornar a incongruência, congruente. Veja-se que é a recorrência a essa regra cognitiva que faz com que o *punchline* siga naturalmente as informações estabelecidas pelo *set-up* e se torne humoristicamente congruente. Já no modelo de reinterpretação forçada, o *set-up* possui duas interpretações diferentes, sendo que somente uma delas é muito mais óbvia que a outra. Cognitivamente podemos dizer que, para interpretar a piada, a mente do interlocutor busca um caminho alternativo para permitir que o absurdo revelado pelo *punchline* faça sentido. Na interpretação da piada, o absurdo, o incongruente, entra em conflito com a interpretação óbvia prevista inicialmente pela mente e o resultado desse embate cognitivo revela uma interpretação também consistente que difere da primeira interpretação óbvia (SANTOS; GODOI, 2010, p. 4).

A interpretação do *punchline* pode resolver a incongruência se houver uma regra cognitiva capaz de tornar a incongruência congruente para o ouvinte da piada.

4.2 A TEORIA DO SCRIPT SEMÂNTICO DO HUMOR

A Teoria de Script Semântico do Humor (TSSH), em inglês “*Semantic Script Theory of Humor*” (SSTH), sigla que será utilizada no decorrer desse trabalho, foi proposta por Raskin (1985), *apud* (ATTARDO, 1994) e tem como objetivo dar conta da competência humorística do falante, pois para Raskin o falante dispõe de uma “competência humorística” que permite com que ele seja capaz de distinguir um texto humorístico de outro não-humorístico (ATTARDO, 1994), ou seja é o conhecimento linguístico que o falante possui que permite que ele seja capaz de afirmar se um texto é ou não engraçado. O que diferencia o trabalho de Raskin (1985) do de outros linguistas que, antes dele, basearam seus estudos na questão dos *scripts*, é que ele foi o primeiro a propor uma teoria semântica que, ao mesmo tempo, fosse baseada no *script* e que levasse o contexto em consideração, conforme Raskin (1985):

A meta da teoria semântica aqui proposta é considerar o sentido de cada oração em cada contexto em que ocorre. A teoria não incorpora nosso conhecimento inteiro do mundo e não reivindica que isto seja possível. [...] A teoria reconhece a existência do limite entre nosso conhecimento linguístico e nosso conhecimento de mundo e, sendo uma teoria linguística, não responde pelo que está no outro lado do limite. Porém, avança além do limite

adicional, mais do que qualquer outra teoria semântica formal disponível (RASKIN, 1985, p. 63 *apud* CURSINO-GUIMARÃES, 2008, p. 229).

De acordo com Andrade (2017, p.52): “Raskin (1979) propôs uma teoria semântica que fosse baseada na noção teórica de *script* e que, ao mesmo tempo, levasse em consideração o contexto, visto que as orações precedentes do discurso ajudam a contextualizar as seguintes”. O termo “*script*” representa um conjunto de informações cognitivas organizadas sobre algo. Segundo Santos:

[...] a noção que Raskin atribui ao conceito de *script*. Para o autor (*apud* ATTARDO, 1994, p. 198), um *script* é, ‘em sentido amplo’, uma porção organizada de informação sobre alguma coisa. É uma estrutura cognitiva internalizada que proporciona ao falante, informações sobre como as coisas são feitas, organizadas, etc”. Nessa perspectiva, um *script* se alinha ao conceito de *conhecimento*. (SANTOS, 2009, p. 36).

Para Cursino-Guimarães (2008), a expressão “*script* semântico” é utilizada para referir-se à maneira como o leitor, ao interpretar um texto, aciona o conhecimento de mundo além do contexto imediato do discurso. Conforme a autora:

A expressão ‘*scripts* semânticos’ [...] são todos usados para referirem-se à maneira como o leitor, ao interpretar um texto, aciona o conhecimento de mundo além do contexto imediato do discurso [...] (Raskin, 1981). O *script* é um extenso pedaço de informação semântica que circunda a palavra ou é evocado por ela. O *script* é uma estrutura cognitiva internalizada pelo falante nativo e representa seu conhecimento de uma pequena parte do mundo. Todo falante tem internalizado um grande repertório de *scripts* de ‘senso comum’ que representam seu conhecimento de certas rotinas, procedimentos padronizados[...] (CURSINO-GUIMARÃES, 2008, p.230/231).

A hipótese da SSTH é a de que a primeira condição para avaliar um trecho de texto como piada é a sobreposição de *scripts*. Isto significa que um texto pode corresponder a mais de um *script* e, desse modo, pode ser compreendido de maneiras diferentes. Em piada analisada por Andrade (2017), podemos evidenciar que já na primeira linha aparecem o clímax e o desfecho da piada:

Pessoal, vou contar uma piada suja e pesada:
O elefante caiu na lama.

Fonte: (ANDRADE, 2017, p. 54)

Segundo a análise dessa autora, ocorre a sobreposição de dois *scripts* em relação às palavras “suja” e “pesada”, pois o ouvinte espera ouvir uma piada cheia de

palavrões, com assuntos obscenos e imorais. No entanto, a mudança do *script* semântico ocorre com a palavra “elefante” como algo realmente sujo e pesado, levando o ouvinte ao efeito humorístico da piada, o *punchline*. Segundo a análise da autora:

Quando alguém diz que vai contar uma piada suja e pesada, um ouvinte experiente espera que a piada contenha palavras de baixo calão ou assuntos pornográficos. No entanto, as palavras ‘suja’ e ‘pesada’ podem ser compreendidas num contexto mais “literal” como algo, de fato sujo e pesado, neste caso um elefante. Para Raskin, o que ocorre aqui é a sobreposição de dois *scripts*, ambos evocados pelas palavras ‘suja’ e ‘pesada’. Para indicar o ponto focal no qual ocorre o efeito humorístico (o *punchline*, como já mencionamos), Raskin introduz a noção de *script-switch-trigger* (deflagrador de mudança de *script*) que é a parte do texto onde o *script* muda (1985 *apud* ATTARDO, 1994, p. 203). Esse elemento deflagrador ocorre logo depois dos dois pontos no exemplo dado. (ANDRADE, 2017, p.54)

Santos (2009), ancorado em Attardo (1994), afirma que para que um texto possa ser caracterizado como piada é necessário que seja compatível, parcial ou inteiramente com dois *scripts* diferentes e opostos. Conforme o autor:

De acordo com Attardo (1994, p. 197) a hipótese de Raskin prevê que um texto pode ser caracterizado como piada se satisfizer duas condições básicas, a saber:

- i) que o texto seja compatível, inteiramente ou em parte, com dois *scripts* diferentes;
- ii) que estes dois *scripts*, presentes inteiramente ou parcialmente nesse texto, sejam opostos.

O ponto base da SSTH é a noção que Raskin atribui ao conceito de *script*. Para o autor (*apud* ATTARDO, 1994, p. 198), um *script* é, ‘em sentido amplo’, uma porção organizada de informação sobre alguma coisa. É uma estrutura cognitiva internalizada que proporciona ao falante, informações sobre como as coisas são feitas, organizadas, etc. Nessa perspectiva, um *script* se alinha ao conceito de *conhecimento*. (SANTOS, 2009, p.135-136).

Figura 3 –Cláudio Duarte narrando a piada *A vida sexual dos solteiros* em uma das suas pregações.



Fonte – DUARTE, Cláudio. **Os momentos mais engraçados do pastor Cláudio Duarte**. 05 abr. 2018. Pregação religiosa. 01 vídeo (8 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F2cckb>. Acesso em 08 de Novembro de 2019.

Como em uma conversa improvisada, Cláudio Duarte utiliza-se do humor para falar sobre a vida sexual dos solteiros. Seleccionamos para nossa análise o trecho a seguir:

A vida sexual dos solteiros.

- Sim! - você acredita...eles que são solteiros...sabe o que eles pensam...a hora que eu casa ... eu vou fazer sexo todo dia...se soubesse a quantidade que nós faz hoje hein...eles iam arruma outro motivo para se casa...e pra você que é casado ...vai aí...Deus fica muito triste com quem faz sexo antes do casamento...mas fica muito aborrecido... com quem não faz depois. (informação verbal, transcrição nossa).³

Para analisarmos os chistes produzidos por Duarte na pregação acima, entendemos que o *script* semântico, em sentido amplo, é uma porção organizada de informação sobre alguma coisa. É uma estrutura cognitiva internalizada que proporciona ao falante, informações sobre como as coisas são feitas e organizadas, alinhando-se ao conceito de conhecimento. Dessa forma, os *scripts* presentes inteiramente ou parcialmente no texto devem ser, pelo menos em partes, opostos e diferentes. Os *scripts* semânticos dos solteiros e dos casados podem ser esquematizados da seguinte maneira:

a) Solteiros: homens; mulheres; são solteiros; Deus fica triste com quem faz sexo antes do casamento; querem casar para fazer sexo; são membros da igreja; não casariam e arrumariam outro motivo para casar se soubessem a quantidade e a frequência que os casados fazem sexo.

b) Casados: homens; mulheres; são casados; Deus fica triste com quem não faz sexo depois do casamento; são membros da igreja; não fazem a quantidade de sexo que os solteiros imaginam.

No modelo da SSTH, as informações contidas no *script* dos solteiros, produzem humor se o ouvinte opuser ou combinar as informações do *script* dos solteiros, total ou parcialmente, com as informações do outro *script* dos casados.

Nesses chistes, o conhecimento enciclopédico tanto do narrador (Duarte) quanto dos ouvintes (plateia) é responsável pelo agendamento da oposição dos dois *scripts*.

³ Fonte: DUARTE, Cláudio. Os momentos mais engraçados do pastor Cláudio Duarte. 05 abr. 2018. Pregação religiosa. 01 vídeo (8 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F2ckb>. Acesso em 08 de Novembro de 2019. Transcrição nossa.

Na SSTH, a competência humorística dos ouvintes é ativada, no desfecho do chiste, pela sobreposição de inferências em relação à oposição e às diferenças dos conjuntos de informações desses dois *scripts*, o dos solteiros e o dos casados.

Neste caso, o chiste sobre a vida sexual dos solteiros nos presume evidenciar que: “os solteiros pensam que os casados fazem sexo todo o dia”; já “os casados pensam que se os solteiros soubessem a quantidade de sexo que eles fazem, arru-mariam outro motivo para casar”.

O efeito humorístico se dá, portanto, com a mudança do *script* dos solteiros (querem casar para fazer sexo todo dia) para o *script* dos casados, (não fazem sexo como os solteiros imaginam).

Segundo Santos (2009), esse modelo da SSTH, levou Raskin e Attardo a revê-lo, propondo a teoria geral do humor verbal que veremos a seguir.

O modelo SSTH, porém, foi alvo de muitas críticas (ATTARDO, 1994) uma vez que seu caráter limitado de análise previa apenas as piadas como material humorístico. O fato da piada não ser o único tipo de texto a veicular humor – existem outros tipos de texto igualmente humorísticos –, levou Raskin e Attardo (1991) a reverem o modelo da SSTH. O modelo proposto pelos autores é conhecido como teoria geral do humor verbal (GTVH), a qual veremos a seguir. (SANTOS, 2009, p. 141).

Dessa forma, abordaremos esse novo modelo da SSTH proposto por Raskin e Attardo (1991) no capítulo a seguir.

4.2.1 A Teoria Geral do Humor Verbal

A Teoria Geral do Humor Verbal (abreviada GTVH, em língua inglesa) apresenta seis parâmetros cognitivos que funcionariam como um mecanismo que permite analisar quaisquer tipos de texto humorístico verbalizado. A GTVH foi proposta por Raskin e Attardo em 1991 e ampliou a teoria do *script* semântico, de Raskin (1985). Segundo Andrade (2017), Raskin e Attardo (1991) acrescentaram seis ferramentas de análise do humor:

Raskin e Attardo perceberam que a Teoria de Script Semântico do Humor era bastante limitada em sua abrangência, pois só poderia ser aplicada às piadas e não a outros tipos de textos humorísticos. Essa teoria pretende corrigir essa deficiência e foi elaborada para tratar qualquer tipo de humor verbal. Neste modelo, Raskin e Attardo (1991) acrescentaram seis ‘ferramentas’ de análise do humor. (ANDRADE, 2017, p. 56).

Esses seis recursos da teoria geral do humor verbal foram estudados e investigados por Santos (2009)⁴.

a) Linguagem (LA): material linguístico para verbalizar a piada, é o parâmetro responsável pela apresentação das informações necessárias para a efetivação da verbalização do texto humorístico, organizando as informações e as estratégias verbais utilizadas.

b) Estratégia Narrativa (NS): é responsável pela organização das manifestações do humor narrativo, na qual está inserida a piada, o texto ou narrativas de humor.

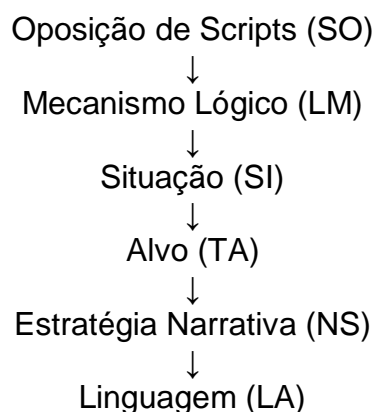
c) Alvo (TA): É o recurso responsável pela seleção e escolha do alvo da piada, que pode ser dirigida a um indivíduo, pessoas ou grupos sociais, políticos, étnicos ou religiosos.

d) Situação (SI): diz respeito ao contexto situacional onde ocorre a piada, englobando todos os aspectos informativos em relação aos locutores, ao ambiente, aos objetos, instrumentos, etc.

e) Oposição dos scripts (SO): é o que caracteriza o conteúdo da piada é a oposição entre dois scripts entendido cada um como um conjunto de informações organizadas sobre algo;

f) Mecanismo Lógico (LM): esse mecanismo de resolução da incongruência é o parâmetro responsável pelo modo como são interpretados os dois sentidos dos scripts de uma piada, a maneira como o humor é detectado; de acordo com Santos (2014), faz conexão entre uma comunicação *bona-fide* para uma *não-bona-fide*.

De acordo com Attardo (1994, p. 277 *apud* Santos, 2014, p. 49) a organização hierárquica desses recursos se dá da seguinte maneira:



⁴ Ver em Santos (2009, p. 141/142).

Para a autora, a GVTH foi concebida para tratar de qualquer tipo de humor verbal, pois pretendia corrigir a limitação da SSTH poder ser somente aplicada às piadas. Em relação a essas teorias, Santos (2009) afirma que:

Embora as teorias SSTH e TGVH se apresentem como os dois modelos completos de análise de piada, suas propostas ficam limitadas pela pouca abrangência que dão aos aspectos cognitivos e pragmáticos da piada. Nesse sentido, parece que fica aberta uma lacuna na proposta apresentada pelas teorias semânticas de análise e interpretação de piadas. (SANTOS, 2009, p.144).

A GTVH permite ser aplicada às análises de piadas, mas devido a sua pouca abrangência em relação aos aspectos cognitivos e pragmáticos da piadas, não a utilizaremos em nossas análises. Optamos em utilizar a Teoria da Relevância como suporte teórico para uma análise do discurso humorístico de Duarte.

4.3 A TEORIA DA RELEVÂNCIA

Como já mencionamos anteriormente, a Teoria da Relevância (TR) de Sperber; Wilson (1995) foi elaborada com o propósito de explicar o processamento de informações inferenciais da comunicação humana. Essa teoria foi desenvolvida a partir da Teoria das implicaturas de Grice, um modelo teórico da comunicação voltado para a compreensão de enunciados e baseado nas quatro máximas conversacionais, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 – Máximas conversacionais de Grice

Máxima da quantidade	1. Faça sua contribuição tão informativa quanto é requerido pelo propósito do intercâmbio verbal. 2. Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.
Máxima da qualidade	1. Faça sua contribuição de tudo verdadeira 2 Não diga nada que você acredita ser falso. 3. Não diga nada de cuja verdade você não tem prova suficiente.
Máxima da Relevância	1. Seja relevante (diga apenas o que vem ao caso)
Máxima da Maneira	1. Seja claro 2. Evite obscuridade da expressão. 3. Evite ambiguidade. 4. Seja breve (evite a prolixidade desnecessária). 5. Seja ordenado.

Fonte: baseado em SILVEIRA; FELTES 2002 e nas Máximas Conversacionais de Grice. Em (GRICE 1975, p.45-47).

É importante observar que essas máximas já são pressupostas pelos interlocutores e que não necessitam ser explicitadas e acordadas previamente por já fazerem parte de um contrato comunicativo, ou seja, elas são presumidas em interações normais. Os interlocutores presumem que as pessoas, normalmente, fornecerão uma quantidade apropriada de informações, que falarão a verdade, que serão relevantes e que procurarão ser o mais claras possível.

A Teoria da Relevância (Sperber; Wilson, 1986, 1995) é um modelo inferencial da comunicação humana que se contrapõe ao modelo de códigos clássico, segundo o qual a comunicação consiste em um simples processo de codificação e decodificação do sinal linguístico; a teoria partilha, portanto, a intuição griceana de que a expressão e o reconhecimento de intenções é uma característica fundamental da comunicação humana. O papel da decodificação é reconhecido, mas tem sua importância diminuída. De fato, à codificação e à decodificação se acrescentam diversos processos que permitem o enriquecimento do conteúdo veiculado de forma a capturar o sentido pretendido pelo falante (ou significado do falante).

O código linguístico, nesse sentido, é apenas uma dentre as evidências disponíveis ao ouvinte. O objetivo central da teoria é explicar como, a partir das evidências fornecidas, o ouvinte infere o que o falante quer comunicar a Relevância, uma das máximas griceanas, é seu conceito-chave.

Para a teoria, no entanto, a relevância não é um mecanismo consciente, ou um procedimento racional que escolhemos seguir, mas uma propriedade mais geral da nossa cognição. Essa característica nos impele a buscar sempre o melhor balanço entre custo e benefício ao processarmos informações.

A Teoria da Relevância, portanto, é uma abordagem cognitiva da pragmática, que busca explicar a comunicação e o processamento de informações de uma forma psicologicamente plausível.

Na teoria, a relevância se manifesta através de dois princípios, o Princípio Cognitivo da Relevância e o Princípio Comunicativo da Relevância. O primeiro diz respeito à nossa tendência cognitiva a maximizar a relevância. Essa tendência é gerada por uma necessidade prática: já que não podemos processar todos os estímulos que recebemos, escolhemos processar aquilo que cremos mais relevante, maximizando suas consequências. O segundo princípio estabelece que certos estímulos, ditos ostensivos, carregam uma presunção ou expectativa de sua relevância ótima (sobretudo

por seu caráter intencional). Ou seja, uma espécie de garantia de que seu processamento vale a pena. Entre esses estímulos estão os enunciados, os quais atraem a atenção do ouvinte, impelindo-o a buscar a intenção do falante, isto é, o que ele quer dizer. Para Santos (2009), na TR a comunicação humana ocorre:

Para a TR, a comunicação humana ocorre devido ao fato de que a cognição humana tende a dirigir-se à relevância ótima, conceito que Grice deixou vago em seus postulados conversacionais. Sperber e Wilson (1995) conceituam a relevância como uma propriedade psicológica que faz com que uma entrada de dados valha a pena ser processada em termos de efeito e esforço cognitivo de processamento, porque modifica e reorganiza suposições disponíveis. O efeito cognitivo, por sua vez, pode fortalecer suposições existentes, contradizê-las ao fornecer evidências decisivas contrárias ou combinar suposições existentes para calcular implicações contextuais. Todo o trabalho de interpretação das representações ocorre pelo 'Princípio Cognitivo de Relevância', princípio pelo qual a atenção humana e seus recursos de processamento estão dirigidos para as informações que forem relevantes. Nesse sentido, numa comunicação espontânea a elocução mais relevante é aquela que causa maior efeito cognitivo e exige o menor esforço de processamento. (SANTOS, 2009, p. 65).

Na visão desse autor, para que o ouvinte compreenda o que o falante está querendo dizer, é necessário que a relevância ótima seja atingida, conforme a seguir:

Na comunicação espontânea o locutor cria expectativas de relevância ótima enquanto que o objetivo do ouvinte é encontrar uma interpretação que satisfaça essa expectativa de relevância ótima. Uma elocução é otimamente relevante se, e apenas se: i) é relevante para valer a pena ser processada; ii) é a mais relevante compatível com as capacidades e as preferências do falante. A compreensão inferencial ocorre do seguinte modo: o interlocutor, seguindo o caminho de esforço mínimo, de posse do significado linguisticamente codificado deverá enriquecê-lo ao nível explícito e completá-lo ao nível implícito até que a interpretação resultante se coadune com sua expectativa de relevância. (SANTOS, 2009, p.65).

4.3.1 As Inferências

O conceito semântico de Inferência é de uma dedução feita com base em informações ou um raciocínio que usa dados disponíveis para se chegar a uma conclusão. Inferir é deduzir um resultado, por lógica, com base na interpretação de outras informações. Inferir também pode significar chegar a uma conclusão a partir de outras percepções ou da análise de um ou mais argumentos.

Santos (2009) afirma que para interpretar tais enunciados os interlocutores normalmente, intencionalmente ou não, lançam mão de uma combinação entre decodifi-

cação linguística e inferências, que podem ser tanto positivas quanto negativas, deduções que geram pressupostos para a derivação de implicaturas contextuais e outros efeitos cognitivos.

Para interpretar o enunciado, o ouvinte assume que o falante põe sentido no que diz, assume que o falante procura “comunicar algo a mais” e esse “algo a mais” não está no significado semântico do enunciado. Para interpretar o significado adicional – o não-dito no enunciado, mas contido/implicado nele – falante e ouvinte fazem uso de um processo mental inferencial.

Nos estudos pragmáticos, a inferência, de maneira geral, é o raciocínio que fazemos durante o processamento mental de informações para que possamos chegar à interpretação dos significados. Esse raciocínio não está ligado necessariamente ao certo ou errado, no caso de interpretações diferentes para um mesmo conteúdo, pois cada indivíduo é único nesse processo de interpretação, pois antes de chegar a possíveis conclusões, ativa diversas outras informações que estão ligadas ao seu conhecimento de mundo.

Nas palavras de Oliveira e Basso (2014): “as inferências pragmáticas são um tipo específico de raciocínio que nos permite movimentar conteúdos e significados de modo muito rápido e eficiente”. A inferência assinala uma nova abordagem nos estudos linguísticos, diferente daquilo que se acreditava na abordagem semiótica.

4.3.2 O Contexto

O contexto, em teoria da relevância, é um importante e essencial elemento no processo interpretativo de qualquer texto falado ou escrito, podendo ser determinante na criação de hipóteses e de significados durante a interação entre um locutor e um interlocutor.

Para que possamos entender como opera o raciocínio pragmático do ouvinte no momento da interpretação da piada ou do chiste, explicaremos algumas hipóteses presentes na Teoria da Relevância, de modo a enriquecer nossos argumentos. Sobre a definição do contexto, Sperber; Wilson explicam que este é um conjunto de premissas utilizado na interpretação de uma elocução. No caso da interpretação da piada, o contexto também se mostra como um fator essencial, considerando que um contexto Para Sperber; Wilson (2001, p. 45): “é uma construção psicológica formada por um subconjunto das suposições que o ouvinte tem do mundo”. Ainda nas palavras desses

autores: “são essas suposições que afetam a interpretação, e não o estado real do mundo, pois não é difícil notar que o contexto é peça-chave para que a interpretação das piadas possa ser realizada e inferida pelo ouvinte sem grandes problemas”. Segundo Santos (2009), em relação à importância do contexto na interpretação de piadas:

A única maneira de se poder ter certeza de que não vai ocorrer qualquer equívoco de interpretação seria garantir que o contexto utilizado pelo ouvinte fosse sempre idêntico ao visualizado pelo falante. No entanto, se questiona: como será possível ao falante e ao ouvinte fazerem a distinção entre as suposições que partilham entre si e aquelas que não? Para que o ouvinte tenha certeza de que vai fazer a recuperação da interpretação correta – aquela que o falante pretendia – cada pormenor de informação contextual utilizada na interpretação tem de ser não só conhecido pelo falante e pelo ouvinte, mas mente. Se uma pessoa não sabe que tem o conhecimento mútuo com alguém, então não o tem. O conhecimento mútuo tem de ser sentido como certo, ou então não existe; e como nunca pode ser sentido como certo, o conhecimento mútuo nunca pode existir. (SANTOS, 2009, p.68).

Santos (2014) apresenta a distinção do contexto em dois aspectos, na perspectiva teórica de Dascal, sendo o metalinguístico e o extralinguístico. No caso do contexto metalinguístico, além do texto e discurso no qual a elocução se insere, temos as informações linguísticas (língua e dialeto do falante), o gênero discursivo, as normas de comunicação empregadas, etc. Já o extralinguístico inclui informações sobre o universo de referência, o conhecimento de mundo e de crenças compartilhadas entre os interlocutores, bem como seus hábitos idiossincráticos, as circunstâncias da enunciação etc. De acordo com o autor:

Para Dascal (2006), uma versão ampliada do contexto consiste em fornecer valores para o preenchimento de espaços em branco, ou variáveis livres, contidas no significado da sentença. Esta visão permite restringir um número limitado de tipos de dados que correspondem aos tipos de variáveis livres representadas pelo repertório semântico e sintático de uma língua. Envolve, além das expressões dêiticas, inúmeros conjuntos de objetos contextuais necessários para o processamento do significado da oração ao significado da elocução. Esta função fornece pistas e dicas para a geração de uma hipótese interpretativa alternativa, cuja aceitabilidade seria avaliada à luz da informação contextual. O autor distingue dois tipos de contexto: o *metalinguístico* e o *extralinguístico*. O contexto metalinguístico inclui, além do texto ou discurso no qual a elocução está inserida, informações linguísticas, tais como a língua e o dialeto do falante, o gênero discursivo, o registro que o falante emprega nessa elocução, as normas comunicativas pertinentes à situação específica, entre outros. O contexto extralinguístico inclui informação sobre o universo de referência, o conhecimento de fundo (*background*) e de crenças ‘compartilhadas’ entre falante e destinatário, as circunstâncias específicas da situação da enunciação, os hábitos e idiossincrasias do falante e do ouvinte, etc. (SANTOS, 2009, p. 180/181).

Para a interpretação de piadas e chistes presentes no discurso humorístico do pastor Cláudio Duarte, os dois conceitos (tanto o extralinguístico como o metalinguístico) são importantes e determinantes para o tipo de hipótese que será inferida pelo auditório.

4.3.3 As Implicaturas

Grice (1975) é o criador do termo implicatura, utilizando-o com a intenção de diferenciar aquilo que é dito daquilo que é implicado. O dito, para o autor, está diretamente ligado ao significado convencional das palavras; o que não está dito explicitamente, a mensagem a ser comunicada, o que é entendido nas entrelinhas é o implicado. O implicado permite ao emissor demonstrar uma intenção além do que suas palavras expressam literalmente, o que faz da implicatura um recurso teórico complementar à semântica. As implicaturas são inferências pragmáticas, baseadas no cruzamento entre o dito e o contexto o que impede que sejam determinadas somente pela estrutura de superfície das frases.

Em sua Teoria das Implicaturas, Grice (1975) afirma que o elemento central da comunicação é o reconhecimento, por parte do ouvinte, da intenção que o falante possui de induzir com seu proferimento. Esse é o ponto de partida para que se faça sentido do que é dito. Os participantes da conversa, a princípio, cooperam um com o outro. Esse senso de cooperação é o que leva o interlocutor a crer que o locutor não está tentando enganá-lo em suas proposições.

Quando o que é dito não é suficiente para que se extraia sentido da fala do locutor, o interlocutor acredita que há algo mais implicado e tenta chegar a essa informação por conta própria para compreender o que o locutor está querendo transmitir. Esse algo a mais a ser entendido pelo interlocutor são as implicaturas. Existem dois tipos de implicaturas. São elas as Implicaturas Convencionais e as Implicaturas Conversacionais. As implicaturas convencionais são aquelas que estão presas ao significado convencional das palavras, ou seja, ao significado literal das palavras. Para este conceito cabe o exemplo a seguir:

[1] José é trabalhador, contudo é pobre.

No exemplo [1], implica-se convencionalmente que José sendo trabalhador não deveria ser pobre, mas o é. O uso literal dos termos nos dá ideia exata do que está

sendo dito através da conjunção *contudo*. Podemos perceber, portanto, que as implicaturas convencionais não dependem de contextos especiais para interpretação e com isso, não precisam ocorrer necessariamente na conversação. Elas são associadas às palavras específicas e resultam em significados adicionais vindos das informações que essas palavras transmitem.

Podemos verificar, portanto, que as implicaturas convencionais são aquelas que são depreendidas através da decodificação. Segundo Grice (1967-1975) *apud* Santos (2009):

Na comunicação deve existir uma força motivadora que processa a atividade racional e interativa de extrair ou gerar significado não-dito, mas comunicado. Esta força motivadora se dá na mente (por meio da cognição, da racionalidade e da linguagem) pela relação de implicação do significado do referente dos interlocutores com o estado das coisas no mundo. A relação de implicação do significado é, portanto, a relação mental que motiva o 'dizer' e o 'implicar', a fim de estabelecer a harmonia do Princípio de Cooperação caso uma máxima seja violada. A relação de implicação do falante se processa pelo 'implicar no dizer', e do ouvinte pelo 'inferir o não-dito, mas comunicado' (o implícito, o subentendido). (GRICE, 1967/75 *apud* SANTOS 2009, p. 27).

Para Santos (2009): "Inferir é um planejamento de 'desimplicitar' significado implícito; implicatura é o próprio significado comunicado implicitamente no enunciado". A implicatura pode ser conceituada como um processo mental, trivial ou não, que ancorado nos, e pelos, saberes e convenções cognitivo-sócio-culturais dos interlocutores possibilita a geração de significados. Segundo Santos (2009):

Enquanto **inferir** remete a um processo mental de (sub)entender significado, **implicatura** remete ao conteúdo (significado e efeito) implícito/subentendido no enunciado. **Inferir** é um planejamento de 'desimplicitar' significado implícito; **implicatura** é o próprio significado comunicado implicitamente no enunciado. (SANTOS, 2009, p. 27, grifo do autor).

A ideia de que existe uma quantidade esperada de informação – que seria veiculada em um intercâmbio verbal – é apenas um dos aspectos de outra ideia, mais geral, de que as pessoas envolvidas em um ato comunicativo cooperam umas com as outras. Nesse sentido, podemos afirmar categóricamente que a inferência é universal e a implicatura é cultural.

Em relação às implicaturas conversacionais, de acordo com Santos (2009, p.27): "A relação de implicação que permite aos interlocutores entender/subentender significados é a hipótese pela qual se estabelece a harmonia da conversação". O autor também afirma que: "Essa relação de implicação de (sub)entender significados e que

harmoniza a conversação quando uma máxima é ou não violada, chama-se implicatura conversacional”. Segundo Santos (2009):

Implicaturas conversacionais são recursos cognitivos que o falante utiliza para implicar/subentender (intencionalmente ou não) significados e aos quais o ouvinte recorre para entender significados não-ditos, mas comunicados. Implicatura conversacional é, ainda, o significado implícito, o não-dito, mas contido, comunicado, no(s) enunciado(S) e que, por meio de inferências – lógicas, semânticas e pragmáticas – permite aos interlocutores comunicar-se verbalmente em um contexto. (SANTOS, 2009, p.39).

Essa relação de implicação de significado não é linguística nem discursiva: é mental e contextual, e por isso, pragmática.

4.3.4 A Ostensão. O modelo ostensivo-inferencial

A TR é considerada por Sperber; Wilson (1995) como um modelo ostensivo-inferencial de comunicação, pois tal modelo considera que a comunicação humana tem duas propriedades: de ser ostensiva por parte do falante e de ser inferencial por parte do ouvinte. Esse modelo de comunicação reconhece que todo ato de comunicação inicia com um pedido de atenção do falante, com a conseqüente modificação do ambiente cognitivo do ouvinte.

Segundo Sperber; Wilson (1995), *apud* Santos (2009, p. 77): “para que um ato de comunicação ostensivo tenha êxito, é preciso que atraia a atenção do receptor, o que reforça que o ato de ostensão é uma solicitação de atenção e que de acordo com Santos:

Existe, contudo, na comunicação humana, um comportamento que se move na direção da ‘busca de mostrar algo a alguém’, um comportamento que ‘torna manifesta uma intenção de tornar alguma coisa manifesta’. Esse comportamento é, para a TR, uma **ostensão**. Indissociável da ostensão é o esforço de processamento, que só será feito na expectativa de alguma recompensa. Não interessa chamar a atenção de alguém para algum fenômeno se esse fenômeno não parece suficientemente relevante a essa pessoa – valer a pena prestar atenção a esse fenômeno. (SANTOS, 2009, p.7, grifo do autor.).

Na visão desses autores, comunicar, na concepção ostensivo- inferencial, significa atrair a atenção de alguém tendo como pressuposto que a informação que está sendo comunicada é relevante, ou seja, que os indivíduos prestam mais atenção em

fenômenos que lhes pareçam mais relevantes. Portanto, para que tal processo aconteça, é necessário que a ostensão seja eficaz, a fim de que informação seja processada de maneira produtiva, para o reconhecimento, por parte do interlocutor, da intenção que está por trás da ostensão.

A intenção comunicativa é expressa por intermédio de um estímulo ostensivo que, no caso da comunicação verbal, é o enunciado. Ao interpretar o enunciado, ou seja, ao buscar a intenção comunicativa do falante, o ouvinte inicia um processo de interpretação que envolve o acesso a todo o seu conhecimento particular. No entanto, o reconhecimento da intenção comunicativa necessita que o falante ofereça ao ouvinte uma garantia de relevância da suposição que ele deseja transmitir. A garantia acontece através do comportamento ostensivo do falante, que provoca, no ouvinte, conforme afirmado anteriormente, um comportamento inferencial.

Para a Teoria da Relevância, tanto o código quanto os aspectos pragmáticos (de natureza inferencial) são igualmente essenciais para o processo comunicativo. A comunicação ocorre levando em conta a “relevância”, que é inerente à compreensão espontânea de enunciados, portanto, faz parte do aparelho cognitivo do ser humano.

A comunicação ostensivo-inferencial, do ponto de vista intencional, tem dois componentes: uma intenção informativa – intenção que o falante tem de informar e uma intenção comunicativa – intenção de ser reconhecida a intenção informativa. Esse modelo de comunicação ostensivo-inferencial está baseado na relação entre efeitos contextuais e esforço de processamento, sendo que quanto mais efeitos contextuais e menos esforço de processamento, maior a Relevância. Conforme Spencer; Wilson (1995, p.194): “Uma suposição é relevante dentro de um contexto se, e apenas se, tiver algum efeito contextual nesse contexto”.

4.3.5 Regra *Modus Ponens*

Conforme Sperber; Wilson (2001), quando o ouvinte faz uma inferência ou implicatura é possível fazer uma demonstração das premissas disponíveis naquele momento da conversa por meio da utilização das regras de dedução disponíveis. Temos um mecanismo dedutivo para interpretar um enunciado, o qual toma como *input* um conjunto de suposições e começa a deduzir sistematicamente todas as conclusões que são possíveis a partir desse conjunto de suposições.

Os autores defendem que as regras de eliminação são as únicas que fazem parte do equipamento dedutivo básico dos seres humanos, as quais dão origem, apenas, a conclusões não triviais, implicações sobre conclusões que são apenas confirmadas, mas não provadas. Defendem, portanto, a existência apenas de regras de eliminação do tipo eliminação do 'e' e *modus ponens*, conforme exemplificado em Sperber; Wilson (1995):

Isto é, aplica-se somente às premissas que contêm uma ocorrência designada do conceito e, e dá como resultado as conclusões das quais essa ocorrência foi retirada. A regra clássica de *modus ponendo ponens* toma como entrada de dados um par de premissas, uma condicional e a outra sendo a antecedente dessa condicional, e dá como resultado a consequente da condicional.: (SPERBER; WILSON, 1995, p.145).

Eliminação-e
 Entrada de dados INPUT: P & Q
 Resultado OUTPUT: P
 Entrada de dados INPUT:) P & Q
 Resultado OUTPUT: Q

Modus ponendo ponens
 Entrada de dados INPUT: (i) P
 (ii) Se $P \rightarrow Q$
 Resultado OUTPUT: Q

Em (A), quando eliminamos a conjunção e, cada uma é verdadeira isoladamente.

Em (B), existe uma relação de implicação, ou seja, quando a primeira é afirmada (P), segue-se necessariamente a segunda (Q). Segundo Sperber; Wilson (1995):

Quando é aplicada uma regra sintética, existem três possibilidades. Ou ambas as premissas são certas, e nesse caso a conclusão é também certa; ou uma das premissas é certa e a outra não é, e nesse caso a conclusão recebe como herança a força da premissa mais fraca; ou nem uma nem outra premissa é certa, e nesse caso a força que a conclusão recebe como herança é mais baixa do que a da premissa mais fraca. (SPERBER; WILSON, 1995, p.178)

Uma única suposição pode ter três tipos de implicação lógica: implicações triviais, implicações analíticas e implicações sintéticas. As triviais são diretamente processadas pelo nosso mecanismo; as analíticas são necessárias e suficientes para a sua compreensão; e as sintéticas têm a ver não tanto com a apreensão da informação oferecida como com a exploração dessa informação ao máximo.

Dado um conjunto de suposições {P}, as implicações analíticas são as necessárias e suficientes para a compreensão de enunciados e as sintéticas são o resultado

de uma derivação em que foi aplicada pelo menos uma regra sintética (a regra *modus ponens* é uma regra sintética). Sendo assim, para entendermos uma suposição, é necessário, de alguma maneira, implicar logicamente, tanto do ponto de vista analítico quanto do sintético, e caso ocorra uma falha no processamento lógico-dedutivo, acarretará problemas de compreensão. Em relação ao mecanismo dedutivo de processamento de informações e às regras dedutivas-inferenciais utilizadas pelo ouvinte para interpretar e inferir o significado comunicado pelo falante, Santos (2009) fundamentado em Sperber; Wilson (1995) afirma que:

Sperber e Wilson (1995), defendem a hipótese de que o ouvinte possui um mecanismo dedutivo de processamento de informações extremamente sensível aos arranjos estruturais dos constituintes de formas lógicas e de formas proposicionais das suposições. Esse mecanismo é responsável pelo processamento das informações que entram na mente do ouvinte, de forma que sua computação processual seja capaz de comparar, analisar, comprovar, avaliar, reter ou refutar uma informação, a partir da relevância que o ouvinte atribui a essa informação. Segundo os autores, esse mecanismo é suficientemente capaz de:

- i) identificar os constituintes das palavras e elocuições;
- ii) recuperar os conceitos a elas associados;
- iii) aplicar as regras dedutivas-inferenciais para interpretar o significado comunicado pelo falante. (SANTOS, 2009, p. 258-259).

Em relação às nossas representações mentais, não construímos todos as mesma representações, devido às diferenças dos ambientes físicos que compartilhamos e das nossas capacidades cognitivas. Nossas experiências de mundo são muito diferentes e tudo aquilo que vivenciamos faz parte da construção de nossas capacidades cognitivas, que pode nos levar a produzir raciocínios inferenciais diferentes, porque cada raciocínio é único e dependente de todas as nossas representações mentais, dos conceitos e noções que estão sendo ativados no momento da interpretação. Segundo Sperber ;Wilson (2001):

Encontramo-nos todos envolvidos num empreendimento de uma vida inteira a derivarmos informações desse ambiente comum e a construímos sobre ele as melhores representações mentais possíveis. Não construímos todos a mesma representação; por um lado, devido às diferenças dos nossos ambientes físicos mais reduzidos e, por outro, devido às nossas capacidades cognitivas. As capacidades perceptuais variam em eficácia de um indivíduo para outro. As capacidades inferenciais também variam, e não apenas na sua eficácia. (SPERBER; WILSON, 2001, p. 79).

No caso da interpretação das piadas e chistes de humor, o ouvinte pode reiterar várias questões a respeito de suas ideologias, crenças religiosas, valores e visão de

mundo. Segundo Sperber; Wilson (2001, p.127), em relação ao armazenamento básico de memórias: “qualquer representação nela armazenada é tratada pela mente como uma descrição verdadeira do mundo real, de um facto”.

Essa representação, mesmo embasada em um ambiente físico, uma crença ou um comportamento compartilhado, atua de maneira individual na mente do leitor: independentemente do número de informações e pensamentos que compartilharmos, nossa mente terá sua própria representação de uma ideia ou pensamento tomada como verdadeira, ainda que não seja a única representação possível.

Para Sperber; Wilson (2001) uma representação pode ser tratada como se fosse uma suposição sem o fato de ela ser uma suposição expressa explicitamente. Essas suposições tratadas como descrições verdadeiras do mundo, se não forem representadas como tais, são chamadas de suposições factuais. Segundo Santos (2009), referindo-se a esses autores, uma suposição factual é:

De acordo com os autores, uma ‘suposição factual’ é uma propriedade mental que permite aos indivíduos avaliar, qualificar, confirmar, descrever ou modificar uma representação conceitual do mundo real como verdadeira, provavelmente verdadeira, possivelmente verdadeira ou falsa [...]. Sendo assim, a piada, ou mais especificamente a interpretação da piada, pode ser pensada como uma ‘suposição factual’ no sentido de que, como suposição gerada no ato do processamento inferencial, permite confirmar, fortalecer, contradizer, rever ou transformar o mundo mental do indivíduo. (SANTOS, 2009, p.239).

Para que possamos interpretar o enunciado humorístico de Cláudio Duarte e inferirmos a ostensão produzida pelo pastor em seu discurso humorístico, aplicaremos as regras dedutivas-inferenciais de eliminação *modus ponens*, no mesmo trecho que selecionamos anteriormente na seção 4.1.1 dessa dissertação, quando analisamos os *scripts* semânticos relacionados a SSTH. Nossa intenção é analisar o mesmo trecho sob duas bases teóricas diferentes.

A vida sexual dos solteiros

“- Sim! - você acredita...eles que são solteiros...sabe o que eles pensam...a hora que eu casa ... eu vou fazer sexo todo dia...se soubesse a quantidade que nós faz hoje hein...eles iam arruma outro motivo para se casa...e pra você que é casado ...vai aí...Deus fica muito triste com quem faz sexo antes do casamento...mas fica muito aborrecido... com quem não faz depois”.

Fonte – DUARTE, Cláudio. **Os momentos mais engraçados do pastor Cláudio Duarte**. 05 abr. 2018. Pregação religiosa. 01 vídeo (8 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F2ckb>. Acesso em 08 de Novembro de 2019.

1) Identificação dos referentes:

Solteiros: fiéis que procuram o pastor na igreja e perguntam sobre sexo;

Eles: solteiros;

Eu: solteiro falando para o pastor;

Nós: fiéis e o pastor que são casados;

Você: casado que está ouvindo a pregação;

Deus: a quem obedecemos;

Quem: as pessoas casadas.

Após conceituar os referentes, vamos iniciar a atribuição de inferência sobre as elocuições do pastor. Nesta etapa, os ouvintes tentam construir hipóteses apropriadas sobre as suposições contextuais pretendidas.

A partir do primeiro enunciado, partindo do conhecimento de mundo dos ouvintes e do contexto em que a piada está sendo contada, já podemos fazer as seguintes inferências:

S₁ – Sim, você acredita. Eles que são solteiros!

S₂ – S₁→S₂ (premissa inferida por *modus ponens*)

S₃ – Devem pensar em casar para fazer sexo (suposição factual sobre o fato dos solteiros pensarem que quando casarem irão fazer sexo todo dia).

Em relação à memória enciclopédica dos fiéis, quando o pastor falou sobre sexo e os solteiros, "sabe o que eles pensam", essa elocução nos remete a ideia que a hipótese mais relevante é que eles só querem casar para fazer sexo.

Observemos, agora, o segundo enunciado:

No segundo enunciado, é possível realizar as seguintes inferências:

S₄ - sabe o que eles pensam! (ostensão de Duarte);

S₅ – a hora que eu casa. (premissa implicada);

S₆ - .eu vou fazer sexo todo o dia. (premissa implicada).

Agora vejamos o enunciado S₅:

5(a) – vou fazer sexo quando eu casar;

5(b) – vou fazer sexo sempre;

5(c) – vou fazer sexo todo o dia.

Nos enunciados:

S₇ – Se soubessem a quantidade que nós fazemos hoje. (ostensão de Duarte);

S₈ – S₇→S₈ (premissa inferida por *modus ponens*);

S₉ – Eles iriam arrumar outro motivo para se casar (premissa implicada).

A partir do enunciado S9, podemos fazer as seguintes inferências relacionadas aos possíveis motivos que os solteiros achariam para se casar:

- 9(a) – Casariam por que querem;
- 9(b) – Casariam por que devem casar;
- 9(c) – Casariam para fazer sexo todo o dia;
- 9(d) – Não casariam pela quantidade de sexo que os casados fazem;
- 9(e) – Casariam porque Deus fica triste com quem faz sexo antes do casamento;
- 9(f) – Não casariam por que Deus fica aborrecido com quem não faz sexo depois do casamento.

Inferimos que os chistes produzidos ad hoc durante essa pregação são de fácil compreensão do auditório, devido a ostensão que Duarte produz no decorrer da sua narração, da mesma forma, presumimos que o conhecimento mútuo é compartilhado pelo auditório e o seu orador.

Para processar o *punchline* do chiste, os ouvintes necessitam iniciar o processo de interpretação dentro do mesmo contexto que estão inseridos com o narrador. No caso dessa pregação, o contexto mútuo entre ambos, é que tanto o pastor quanto os casais presentes no auditório são adeptos dos mesmos preceitos religiosos, de que sexo somente pode ser feito depois do casamento.

Ao reconhecer a ostensão do orador, é essencial que os ouvintes produzam inferências para compreenderem a intenção do que Duarte tem a dizer sobre como deve ser a vida sexual dos solteiros e dos casais dentro dos princípios religiosos em que estão inseridos. Nossa inferência é que o pastor quer informar aos fiéis da sua igreja, que se os membros solteiros devem casar para fazer sexo, pois Deus fica muito triste com quem faz sexo antes do casamento, ao passo que se querem casar para fazer sexo todo o dia, mas não o fazem, Deus fica muito aborrecido. Dentro desses enunciados, o que o pastor tem a dizer aos casados é para aumentarem a frequência ato sexual em seus casamentos.

5 O ENIGMA DA PIADA

A piada é um enigma a ser decifrado, frase de Gil que consta como epígrafe do livro, escrito por Santos (2014) *O enigma da piada: Convergências teóricas e emergência pragmática*. Inferir o sentido das piadas é um processo complexo, pois é necessário observar as suas características estruturais linguísticas verbais, fonéticas e textuais da narrativa. Além disso, nas perspectiva da pragmática a tarefa demanda interpretar um contexto inicial que leva a determinadas conclusões.

Em seguida, diante da incongruência gerada no *punchline*⁵ da piada com essa linha de raciocínio, o ouvinte precisa reorganizar essa interpretação inicial em direção às novas conclusões. Para Santos (2014):

[...] a hipótese que fundamenta os argumentos em favor da cognição é a de que o *punchline* obrigatoriamente remete a interpretação do ouvinte/leitor à aplicabilidade de regras inferenciais não demonstrativas, isto é, a aplicação de regras dedutivas a premissas verdadeiras não garante a verdade das conclusões. (SANTOS, 2014, p.19).

A piada caracteriza-se por apresentar uma estrutura textual aparentemente simples, pois trata-se de um texto narrativo em que geralmente há presença de enredo, personagens, tempo e espaço, mas com uma variedade de informações, conteúdos e formas bastante abrangentes, uma vez que a sua interpretação requer a ativação, o processamento e a operação de mecanismos dedutivo-inferenciais complexos para provocar uma reação cômica no interlocutor. Para Santos (2009, p. 155): “é possível se inferir que a piada apresenta algumas características textuais – tais como texto curto, narração, ficção, com variação de estilo e que pode repetir-se em diferentes cenários e personagens – que permitem caracterizá-la com tal“. Em relação ao processamento de informações necessárias para a interação do narrador e do ouvinte da piada, o autor também afirma que:

Com efeito, a piada pode ser pensada como um gênero narrativo que desempenha uma função comunicativa com um valor de entretenimento humorístico crítico, irônico, de sátira social ou política, sobre o comportamento de uma comunidade, uma vez que aborda e ressalta temas que envolvem crenças, convenções, tabus, status, poder, moral, comportamentos, e demais valores identitários que fazem parte de uma cultura (SANTOS, 2009, p.156).

⁵ Por *punchline* entendemos que: é o fio condutor que desencadeia um complexo processamento cognitivo de interpretação, geralmente próxima de seu fim.

Para nosso entendimento e definição desse tipo de comunicação humana que contém humor e pode provocar riso, piada é:

O modelo de comunicação a ser analisado retém invariavelmente, em larga medida devido à variedade de formas e conteúdos, a propriedade de provocar no interlocutor uma reação cômica. O escopo previsto para a análise, seja da modalidade oral ou escrita, é o de um texto verbalizado cuja narrativa centra suas bases em fatores estruturais, linguísticos e pragmáticos, que desembocam no campo humorístico. Este texto é a piada. (SANTOS, 2009 p. 25).

Nessa pesquisa, interessa-nos caracterizar estudo da piada na perspectiva pragmática, enfocando nas variantes do humor e na conexão entre piada/humor/riso. Embora Santos (2009) afirme que a piada tem uma estrutura fixa, estamos usando nesse estudo o conceito de piada com o sinônimo de discurso humorístico *ad hoc* do pastor, porque Cláudio Duarte não faz piada, o que ele faz são textos de humor. Segundo o autor em relação à estrutura da piada:

A piada prototípica por tratar-se de um texto pré-formatado, com uma estrutura narrativa mais ou menos fixa, possibilita ao narrador a liberdade de manipulá-la de acordo com que situação exija, de modo a produzir no ouvinte mais expectativas ou menos expectativas sobre o desfecho da narração. (SANTOS, 2009, p.188/189).

Sendo a piada um tipo de expressão comunicativa, pertencente ao domínio do humor, pelo fato de que o humor nos permite rir com, ou contra o outro, seja de uma pessoa em particular, em uma instituição ou pregações religiosas, e também porque demanda um trabalho não apenas com o conteúdo, mas também com o processamento de informações da linguagem. Assim sendo, para nosso melhor entendimento, o conceito que adotamos sobre o que pode ser uma piada, segundo Santos (2014):

É de uma narração que se manifesta principalmente pela elaboração textual precedente que prevê a participação efetiva do(s) interlocutores(es) que, engajado (s) no processo de compreensão, com base nos conhecimentos, comportamentos e convenções sociais e culturais e pelo uso de processos cognitivos eficazes, constrói(em) significados pragmáticos de cunho humorístico. (SANTOS ,2014, p.19).

Então, novamente indagamos, por que estudar e escrever sobre piada se seu estudo não goza de muito prestígio na academia? Possenti (1998) cita algumas boas razões para se estudar piadas: operam com estereótipos; fazem parte de um discurso

proibido; se encontram provavelmente em todas as culturas; são dados efetivamente enunciados pelos falantes, não necessitam ser criados *ad hoc* para experimentos limites; são divertidas, o que não é de se desprezar nos horríveis tempos que vivemos.

Levantamos uma questão que norteia a nossa pesquisa e que são pertinentes em relação ao processamento do humor e a interpretação das piadas. Para que uma piada seja entendida, como se dá a passagem do linguístico para o humorístico na piada? De acordo com Santos; Godoi (2009):

Primeiramente, a piada passa por um processo físico (ouvir), depois por um processo cognitivo (interpretar) e, por último, entra em ação um processo afetivo-emotivo (rir). Por detrás dessa cadeia, aparentemente simples e natural, se oculta um trabalhoso processo cognitivo que demanda complexas atividades mentais. (SANTOS; GODOI 2009, p. 1.)

A piada tem o humor como um dos seus traços característicos e quando contada de uma maneira engraçada pelo narrador e entendida pelo ouvinte pode produzir o efeito do riso. Ao contar uma piada, o narrador procura despistar o ouvinte, “brincando” com os possíveis efeitos de sentido que a piada pode adquirir, levando-o a construir várias possíveis interpretações, para em seguida impedir-lhe algumas; até o *punchline* apenas um sentido deve ser levado em conta para que a piada produza a “graça” que essa narrativa quer. Não é que não seja possível construir vários sentidos, mas a piada por estar inserida num contexto e aí está a importância primordial desta característica pragmático-situacional que possui o contexto, abre e restringe ao mesmo tempo as possíveis interpretações da piada.

A piada revela-se uma narrativa fértil para análise em relação às suas possibilidades de interpretação e reprodução do humor, devido às expressões e sequências linguísticas que a compõe. Porém, o estudo do texto apenas nos limites do próprio texto desconsidera a riqueza e as determinações do seu teor extralinguístico.

Assim, somente os fatores linguísticos não explicam o cômico e o riso das piadas, pois temos que inseri-los no contexto mais amplo dos seus enunciados e ficarmos atentos à intencionalidade de quem as conta ou narra. Dessa forma, podemos entender que no caso das piadas, o humor se dá quando se quebram as regras linguísticas que a compõem. Segundo Gil (1995):

A anedota ou piada é um texto que se relaciona direta e necessariamente como riso. Trata-se de descobrir o conjunto de propriedades linguísticas que

estão presentes em todos os textos percebidos como humorísticos e que tornam humorísticos todos os textos que as utilizam. Esse conjunto de propriedades deve constituir a condição necessária e suficiente para que um texto seja considerado uma piada. Como as piadas são engraçadas pelo que querem significar em dado contexto, ressalta-se o fato de que o seu significado vai além das expressões linguísticas que as compõem. Assim, somente os fatores linguísticos não explicam o cômico das piadas, há que inseri-los no contexto mais amplo da enunciação, entendida como ato de produção do enunciado. Numa comunidade de fala, os indivíduos compartilham de um mesmo repertório e podem se utilizar de diversas variações linguísticas numa mesma situação. No caso das piadas, o humor se dá quando se quebram regras preestabelecidas, quando se transgridem as normas linguísticas e sociais. (GIL, 1995, p.111).

Para Santos, o contexto é tradicionalmente concebido como um fenômeno variável que está vinculado a uma situação dêitica, o “eu-aqui-agora”, e é visto a partir de uma relação entre a enunciação e o encadeamento das ideias envolvidas na interpretação de um enunciado, bem como negociável dentro de um processo dinâmico de significação e da contextualização da piada. Nas palavras do autor: “ já foi considerado por muitos teóricos a fronteira final que separaria a semântica da pragmática: semântica (significado menos contexto) *versus* pragmática (significado mais contexto)”. Assim, de acordo com o autor:

Na geração do significado, portanto, o contexto se negocia, se aceita, se repele, se replaneja, se revoga, se confirma, se retrocede e se volta a negociar. A esse processo dinâmico de negociação do contexto, Sperber e Wilson (1986/1995) chamam ‘contextualização’. É nesse âmbito que a piada, como processo de significação discursiva, se contextualiza e, por meio do contexto, provoca o remodelamento da realidade mental do(s) interlocutor(es). (SANTOS, 2009. p. 185).

Dascal (2006), inicialmente distingue dois tipos de contexto: o metalinguístico, que inclui além do texto no qual a elocução que está inserida, informações linguísticas, tais como a língua e o dialeto do falante, registro que o falante emprega nessa elocução e as normas comunicativas pertinentes à situação específica, entre outros. O contexto extralinguístico inclui informação sobre o universo de referência, o conhecimento de fundo (*background*) e de crenças “compartilhadas” entre falante e destinatário, as circunstâncias específicas da situação da enunciação, os hábitos e idiosincrasias do falante e do ouvinte, etc. Em relação às pistas de interpretação e compreensão, esse autor afirma que:

Em sua busca do significado do falante, o destinatário pode ser guiado por dois tipos de pistas contextuais: extralinguísticas e metalinguísticas. As pistas

extralinguísticas têm a ver com o conhecimento de mundo do destinatário, ao passo que as pistas metalinguísticas têm a ver com o seu conhecimento de estruturas e convenções linguísticas. Cabe enfatizar que, por conhecimento não estamos necessariamente nos referindo a um tipo de conhecimento comum, que pode ser tácito. (DASCAL, 2006, p. 196).

Considerando que nesta pesquisa nos interessa analisar o percurso humorístico do humor, nos interessa uma narrativa cujo enunciado e estrutura, independente do tema, função ou abordagem, contemplam alguns elementos narrativos implícitos ou não e que debatemos até então. O modelo de texto que buscamos para nossas análises é o de um texto relativamente curto, com enunciados engraçados onde o narrador diz o que tem que dizer utilizando o humor como recurso.

5.1 ELEMENTOS NARRATIVOS ESSENCIAIS DA PIADA

No que diz respeito à narração, Emediato (2004, p. 150 *apud* Santos, 2009, p.158) a conceitua como: “um relato de acontecimentos, reais ou fictícios, no interior do qual se desenvolve uma intriga, ou seja, um enredo”. Santos fundamentado nesse autor explica-nos que:

Segundo o autor, a narração se caracteriza pela ação dos personagens, cuja presença desempenha uma ou mais funções narrativas, que podem ser agente, vítima, benfeitor ou beneficiário. Na narração, o tempo e o espaço definem, situam e localizam o interlocutor, a fim de que este faça um reconhecimento daquilo que a história narrada propõe evidenciar. Portanto, “se a narrativa se passa no campo, cria-se uma expectativa para o enredo e para os personagens; se ela se passa em uma grande cidade, mudam-se as expectativas sobre o enredo e sobre os personagens. Se ela se passa na idade média, outras expectativas se formam. (SANTOS, 2014, p. 63)

A piada é uma narrativa breve caracterizada pelo humor em seu enunciado, ligada a uma ampla estrutura composta por quatro estágios: a exposição, a complicação, o clímax e o desfecho. Para Emediato (2004): “esse modelo, tradicionalmente conhecido como narrativa clássica, possui uma formatação que possibilita a progressão das ações conforme a evolução linear da trama da piada”. Nesse modelo estrutural de narrativa, vejamos a descrição de cada um dos elementos que configuram uma narração:

A **exposição**, que desempenha um papel de introdução da narrativa, apresentando os personagens, caracterizando-os, envolvendo-os em uma ou outra ação, construindo relações entre eles.

- A **complicação**, que desenvolve as ações, envolvendo-as em conflitos, criando obstáculos para os personagens, estabelecendo contrastes e confrontos entre os diversos personagens.
- O **clímax**, que constitui essencialmente o ponto limite do conflito e da complicação, ponto que requer finalização e conclusão, ponto gerador de angústia e expectativa de desfecho.
- O **desfecho**, que justamente sinaliza o alívio para os personagens e para o leitor, momento de conclusão e finalização, propondo a moral da história sem a qual todo conjunto de ações narrativas perde fundamento e razão de ser. (EMEDIATO, 2004, p.153 *apud* SANTOS, 2014, p.72, grifos do autor).

Figura 4 – Cláudio Duarte no canal Pregação Evangélica.



Fonte: DUARTE, Cláudio. **Piada da Sexóloga: a loira bonita do avião**. 21 jul. 2018. Piada contada durante uma pregação religiosa. 01 vídeo (1:31 min.). Disponível em: <https://youtu.be/cGCIF8KMrAQ>. Acesso em: 08 jul. 2019.

Observemos a análise da piada:

A Piada da Sexóloga: a loira bonita do avião

“acho que um camarada.... ele entrou no avião...tinha uma loura muito bonita assim na janela ...saía curta... pernas longas cruzadas ...ele olhou e atraiu a atenção dele ...ele olhou pra ela e falou ...tá quente née disse...é tá quente... olha... tá viajando a trabalho?... ela falô assim... tô!... ele disse: a senhora trabalha com que?...ela falou...sou se..sexóloga....ele falou ...e sexóloga faz o quê! ...sexóloga estuda o comportamento humano, sexual...eu pesquiso nas minhas viagens e descobri... que o árabe tem o maior órgão sexual dentre os homens.... e o índio... o orgasmo mais prolongado...aí...foi interessante isso... ela falou... assimmas eu tô conversando...com o senhõ a quase meia hora ... e não sei seu nome! ... o meu nome... é ...mohamed pataxó!”. ((risos na plateia)). (Informação verbal)⁶.

Fonte: DUARTE, Cláudio. **Piada da Sexóloga: a loira bonita do avião**. 21 jul. 2018. Piada contada durante uma pregação religiosa. 01 vídeo (1:31 min.). Disponível em: <https://youtu.be/cGCIF8KMrAQ>. Acesso em: 08 jul. 2019. Transcrição nossa.

Observa-se que esta piada contada por CD, traz evidências dos quatro componentes da narrativa e podem ser descritos como elementos essenciais ao texto piada.

⁶ DUARTE, Cláudio. **Piada da Sexóloga: a loira bonita do avião**. 21 jul. 2018. Piada contada durante uma pregação religiosa. 01 vídeo (1:31 min.). Disponível em: <https://youtu.be/cGCIF8KMrAQ>. Acesso em: 08 jul. 2019. Transcrição nossa.

a) A exposição se evidencia nas duas orações introdutórias: “*acho que um camarada... ele entrou no avião...tinha uma loura muito bonita assim na janela ...saia curta... pernas longas cruzadas*”; como se o narrador estivesse onipresente no avião, vendo e caracterizando as personagens; a loura assim ⁷ na janela bonita, com saia curta, pernas longas.

b) A complicação desenvolvendo ações entre as personagens o camarada e a sexóloga envolvendo os olhares: “*e olhou e atraiu a atenção dele ...ele olhou pra ela*”...O camarada puxando assunto com a sexóloga para prolongar a conversa. Observa-se o contraste entre as personagens homem (camarada) e mulher (sexóloga). *tá quente né...é tá quente...é tá quente...e disse... olha... tá viajando a trabalho*“.

c) O clímax decorre da informação e respostas dadas pela sexóloga às perguntas do camarada: “*ela falou ...sou se. Sexóloga...ele falou ...e sexóloga faz o quê! ...sexóloga estuda o comportamento humano, sexual..*”. A expectativa do desfecho ocorre quando a sexóloga menciona o que descobriu em suas pesquisas em relação ao árabe e o índio: “*eu pesquiso nas minhas viagens e descobri... que o árabe tem o maior órgão sexual dentre os homens.... e o índio o orgasmo mais prolongado..*”.

d) O desfecho⁸ sinaliza o alívio para a personagem ‘o camarada’: “quando a sexóloga fala: *....mas eu tô conversando com o senhô a quase meia hora ... e não sei seu nome ...*”. Para os ouvintes o momento da finalização do desfecho ocorre quando o camarada fala o seu nome, “mohamed pataxó” propondo a conclusão da piada de que “mohamed” representa o árabe (maior órgão sexual) e “pataxó” o índio (orgasmo mais prolongado) mencionados na piada. Dessa forma, levando-se em conta o conjunto de características e ações narradas, que o camarada possui o maior órgão sexual bem como o orgasmo mais prolongado, levando a plateia de ouvintes presentes na pregação ao riso. O desfecho é portanto, o fim da história da narração que faz a conexão do linguístico com o humorístico.

⁷ Inferimos que pelo gesto que Duarte fez com a mão, ao referir-se “assim na janela”, que a loura estava encostada na janela do avião.

⁸ Observamos no vídeo que quando o pastor mencionou o desfecho da piada *Mohamed Pataxó*, a plateia reagiu com riso.

Figura 5 – O riso da plateia de fiéis em uma pregação de Duarte.



Fonte – DUARTE, Cláudio. **Top 5 mais engraçada do Pastor Claudio Duarte 1°. Diferenças entre homem e mulher.** Pregação religiosa. 01 vídeo (11:46 min.). Disponível em: <https://youtu.be/QAs0fANt2jc>. Acesso em: 18 out.2019.

Na visão de Emediato (2004, p. 151): “a narração está necessariamente ligada a uma ampla estrutura que percorre todo um texto, desenvolvendo a sua intriga, ou seu enredo”. Na sequência, parte da apresentação de personagens, situando-os no tempo e no espaço, qualificando-os através de descrições para, posteriormente, inseri-los numa sequência lógica de ações e envolvê-los em um plano de intrigas e de relações. Segundo o autor:

Ela parte da apresentação de personagens, situando-os no tempo e no espaço, qualificando-os (através de descrições) para, em seguida, inseri-los numa sequência lógica de ações e envolve-los em um plano de intrigas e de relações. Obstáculos surgem, confrontos se revelam e caminham todos para um desfecho, cuja natureza proporá uma moral para a história, geralmente dentro de uma estrutura *arquetípica* [...]. Portanto a estrutura narrativa deve ser analisada tendo em vista uma complexidade de relações e não apenas numa sequência de ações (EMEDIATO, 2004, p.151).

Dessa forma, nessa sequência, os obstáculos surgem e os confrontos se revelam caminhando todos para um possível desfecho, cuja natureza proporá uma moral para a história. Dentro desses pressupostos, entendemos que a piada é uma narrativa caracterizada pelo humor e que possui elementos estruturais mais ou menos fixos, de forma a poder ser compreendida como um modelo de narrativa e que de acordo com Santos (2009), esse modelo é denominado de piada prototípica. Ainda segundo o autor, a interpretação da piada consiste no efeito psicológico que resulta da complementaridade desses quatro elementos narrativos com outros fatores não-linguísticos, como, por exemplo, crenças e convenções, que viabilizam o processamento cognitivo inferencial.

Nos estudos de Santos (2014), esse autor ancorado em Chiaro (1992) propõe um padrão de narrativa para a piada e afirma que essa se configura no formato “problema-solução”, em que um problema explícito é apresentado/criado pelos personagens e cabe a eles mesmos solucioná-los. O paradigma estrutural-formal, proposto por Chiaro, de acordo com Santos (2014, p. 71) é o que segue:

SITUAÇÃO→PROBLEMA→RESPOSTA→RESOLUÇÃO/AVALIAÇÃO⁹

Ainda conforme esse autor:

Chiaro (1992), ao propor um padrão de narrativa para a piada, afirma que esta se configura no formato ‘problema-solução’, em que um problema explícito é apresentado/criado pelos personagens e cabe eles mesmos solucioná-lo[...]. Nesse esquema é possível observar que a Situação corresponde à exposição dos participantes ao tempo e lugar em que a história se desenvolve; na sequência, a história leva os personagens a um Conflito e eles partem em busca de uma Resposta para resolvê-los. A Solução surge no *punchline*. (SANTOS, 2014, p.71).

De acordo com Santos (2014), nesse esquema é possível observar que a “Situação” corresponde à exposição dos participantes ao tempo e lugar em que a história se desenvolve; na sequência, a história leva os personagens a um “Conflito” e eles partem em busca de uma “Resposta” para resolvê-los. A “Solução” surge no *punchline*. O autor também esclare que: “a grande maioria dos estudos textuais não conceitua claramente o que é uma piada e nem entre os analistas do humor existe consenso sobre o que é linguisticamente uma piada”. Segundo Muniz (2004):

Neste estudo, interessa-nos a piada cuja estrutura contempla alguns elementos narrativos mais ou menos fixos, independente de tema, função ou abordagem uma vez que, atualmente, a grande maioria dos estudos textuais não conceitua claramente o que é uma piada e nem entre os analistas do humor existe consenso sobre o que é linguisticamente uma piada. Sobre esse assunto, em geral, ‘o que há é uma extensão da definição do que é humor sendo aplicado às piadas’ (MUNIZ, 2004 *apud* SANTOS, 2014, p 55).

Para Muniz (2004) *apud* Santos (2014): “o que há é uma extensão da definição do que é humor sendo aplicado às piadas”. Diante disso, entendemos a piada como

⁹ Ver em Santos (2014, p. 71). Modelo narrativo proposto por Chiaro (1992, p. 50).

uma narração humorística, pois para esse trabalho interessa-nos a piada que contempla na sua estrutura alguns elementos narrativos humorísticos, mais ou menos fixos, independente do seu tema, função ou abordagem.

5.2 O DISCURSO RELIGIOSO, AS PIADAS, OS CHISTES E AS NARRAÇÕES "CHEIAS DE GRAÇA" DE CLÁUDIO DUARTE

Cláudio Duarte, pastor e membro da igreja Batista Monte Horebe, possui um jeito jocoso e engraçado de narrar as suas pregações. Duarte ficou conhecido nacionalmente não só após trechos de suas pregações serem publicados na Internet, principalmente no Youtube, mas principalmente pela forma irreverente como debate sobre questões familiares que envolve o casamento, a relação entre marido e esposa e sexo. Ademais, o líder religioso toca, muitas vezes, em assuntos que são, geralmente, considerados tabu na sociedade, especialmente no campo religioso, como sexo na vida íntima conjugal, por exemplo. Geralmente, antes de iniciar as suas pregações, o pastor lê um trecho da bíblia e inicia uma oração.

Em se tratando de tabus, nos estudos de Freitas (2017. p. 49): “Tabus são ações (linguísticas ou não) que proíbem ou são vistas de forma negativa por um grupo devido a fatores de ordem cultural, social, religiosa, ética/ moral, etc.”. Essa pesquisadora, analisou em seus estudos as pregações de Duarte na perspectiva da análise do discurso e da retórica. Nesse sentido, essa autora citando Guerios, explica-nos que tabu:

[...] vem a ser abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida. Cometendo-se tais atos, ficam sujeitos as desgraças, a coletividade, a família ou o indivíduo. Assim, existem objetos tabu, que não devem ser tocados; lugares-tabu, que não devem ser pisados ou apenas de que se não se deve avisar; ações-tabu, que não devem ser praticadas; e palavras-tabu, que não devem ser proferidas. Além disso, há pessoas-tabu e situações ou estados-tabu (GUÉRIOS, 1956, p.7 *apud* FREITAS, 2017, p. 48-49).

As transcrições dos trechos das pregações de Duarte, foram transcritas de vídeos dispostos na Internet principalmente no seu canal no Youtube, intitulado “Um pastor cheio de graça”, nome que ainda mantém na sua rede social no Facebook e do canal: *#pastorCláudioDuarteCanalNoAlvo#CláudioDuarte*. Algumas das piadas que selecionamos, foram transcritas de vídeos postados na página do pastor.

Figura 6 – Página oficial do pastor no Facebook.



Fonte: DUARTE, Cláudio. Cláudio Duarte: fé, inspiração, conquista. Página oficial @ClaudioDuartePastor - Figura pública no Facebook. Disponível em: https://scontent.fbfh13-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-iK9c&_nc_ht=scontent.fbfh13. Acesso em: 14 nov. 2019.

No entanto, a denominação dada ao canal, “Um pastor cheio de graça”, foi modificada para “A graça que mudou a minha vida”. Daí, nos remetemos a dizer que o termo “graça”, que consta nos dois nomes atribuídos ao canal do pastor no Youtube e no Facebook, pode estar relacionado tanto à “benção divina” quanto ao gracejo, devido ao seu modo jocoso e divertido do pastor contar as piadas. Tanto nos canais quanto na página do Facebook, são feitas postagens das pregações, com narrativas engraçadas que abordam os temas que já descrevemos, onde são dados diversos conselhos para casais, todos de forma muito bem-humorada. Em 03 de julho de 2019, o canal do pastor no Youtube #Noalvo#, contava com 694.000 membros inscritos, 5.519 compartilhamentos e 181.431 visualizações.

Em entrevista ao extinto programa *Agora é tarde*, apresentado por Danilo Gentili, o pastor conta que o humor nem sempre fez parte de sua vida e de suas pregações, mas que começou a se utilizar dessa ferramenta quando desenvolveu, na igreja em que congrega, um trabalho com os jovens. Em relação à pregação no campo da religião, de acordo com Freitas (2017): “o discurso religioso, como já dito, tem uma forte carga persuasiva”.

Segundo o pastor, o humor seria uma estratégia para atrair a atenção da juventude. O próprio Cláudio Duarte (CD) relata o humor presente em suas pregações, no trecho da entrevista concedida ao apresentador Danilo Gentili (DG), em 13 de agosto de 2013, cuja a transcrição foi elaborada pelo autor desse trabalho.

DG o senhor como humorista... o senhor acha que o que o senhor faz na igreja é humor? O senhor é o pastor do stand up ou não?

CD sobre o pastor do stand up não...eu não diria o pastor do stand up não... mas eu sempre admirei diversos humoristas... sempre gostei, sou uma pessoa bem humorada... então achei que o humor também caberia numa ministração, numa palestra, num sermão.

DG ele atrai/traz mais fiel?

CD não vou dizer que traz mais fiel não.

DG ele deixa mais preso ao que você está dizendo?
 CD é com certeza atrai a atenção!
 DG atrai a atenção...
 CD atrai a atenção com certeza.
 DG hum! E não é pecado dá risada na igreja? porque muita gente tem essa ideia, né?... esse pastor fica fazendo a gente rir aqui... isso aí não é de Deus.
 CD é lógico que por não ser algo comum... vamos dizer... algo mais ou menos que novo... trazer esse humor pro evangelho... com certeza eu enfrento diversas críticas. Têm as pessoas que acham que Deus é um velhinho muito bem...muito mal humorado... querendo brigar com o ser humano, com o homem o tempo inteiro....
 CD na realidade... as pessoas têm uma ideia, que se você for bem humorado, você não é sério... e na realidade uma coisa não tem nada a ver com a outra... você pode ser extremamente sério e muito bem humorado.(Informação verbal.)¹⁰.

Figura 7 – Cláudio Duarte sendo entrevistado pelo apresentador Danilo Gentili.



Fonte: Claudio Duarte no Agora é tarde com Danilo Gentili. [Entrevista cedida a] Danilo Gentili. São Paulo: SBT Rede de televisão, 13 ago. 2013. 01 vídeo (24 min). Entrevista concedida pelo pastor sobre o humor em suas pregações no programa Agora é tarde. Disponível em: https://youtu.be/jLox_XUF8Yc. Acesso em: 19 jun. 2019.

Posteriormente, já trabalhando com casais e famílias, continuou a se valer de tal estratégia por perceber que por meio dela seria capaz de deixar assuntos difíceis de tratar e tabus para a igreja mais suavizados. O pastor ainda explica que alguns membros da congregação da qual faz parte não concordam com humor no campo religioso, entretanto Duarte acredita que a seriedade e o humor não são elementos opostos. Segundo ele, é possível ser sério sendo muito bem-humorado. O pastor ainda defende (e reforça) que suas pregações têm princípio bíblico e o humor seria para agregar, atrair atenção do auditório. Segundo Freitas (2017):

¹⁰ DUARTE, Cláudio. **Pr. Claudio Duarte no Agora é tarde com Danilo Gentili.** [Entrevista cedida a] Danilo Gentili. São Paulo: SBT Rede de televisão, 13 ago. 2013. 01 vídeo (24 min). Entrevista concedida pelo pastor sobre o humor em suas pregações no programa Agora é tarde. Disponível em: https://youtu.be/jLox_XUF8Yc. Acesso em: 19 jun. 2019. Transcrição nossa.

Um dos campos discursivos em que se reconhece a presença explícita de persuasão é o campo religioso (CITELLI, 2004). Isso se deve ao fato de o representante religioso (padre, pastor etc.) usar como respaldo o texto bíblico, que é considerado sagrado pelos fiéis (a palavra de Deus), tornando o discurso do agente religioso irrefutável (FREITAS, 2017, p.43).

Por outro lado, algumas críticas são direcionadas ao pastor, pois há pessoas religiosas que discordam da maneira como pregador aborda as passagens bíblicas, questionando a “graça” características das suas pregações. De acordo com Freitas (2017):

O pastor ainda explica que alguns membros da congregação da qual faz parte não concordam com humor no campo religioso, entretanto Duarte acredita que a seriedade e o humor não são elementos opostos. Segundo ele, é possível ser sério sendo bem-humorado. O pastor ainda defende (e reforça) que suas pregações têm princípio bíblico e o humor seria para agregar, atrair atenção do auditório. (FREITAS, 2017, p. 54).

Alguns grupos conservadores afirmam que ele assume uma postura de brincadeira e desrespeito com a palavra de Deus, fazendo com que as pessoas desconsiderem a seriedade das coisas sagradas. Segundo Lima (2019):

Como afirma Souza (2012), Fazer 'graça' não caracteriza o espaço religioso. Tradicionalmente espera-se rir no circo, na feira livre, nas festas. Ninguém vai à igreja com a expectativa de dar risadas. Isso pode ser extravagante para as igrejas tradicionais, mas o humor nas pregações evangélicas tem feito cada vez mais adeptos. É nessa aceitação que habita o sucesso do pastor Cláudio Duarte. (LIMA, 2019, p. 5).

Para provocar o riso na plateia, o orador utiliza-se de estratégias da comunicação verbal em suas pregações, como os chistes que são produzidos *ad hoc* em suas narrações humorísticas, bem como desenvolve formas de comunicação não-verbal (gestos e expressões faciais), amplia a entonação da voz e o modo de dizer (prosódia) e vários outros elementos que poderão contribuir para que a mensagem provoque empatia, aceitação e riso por parte dos fiéis e ouvintes. Segundo Lima (2019):

A ‘manifestação humorística’ (POSSENTI, 2018) passa a constituir os sermões pregados em púlpitos pelos evangelizadores. Os direcionamentos bíblicos preparados por eles em forma de sermão abrem espaço para expressões espontâneas e breves narrativas engraçadas. Para provocar o riso, o humor empregado ainda inclui ‘os gestos, a entonação da voz e vários outros elementos’ (SOUZA, 2012). Isso contribui para que a oratória ousada e peculiar do pregador que emprega a comicidade em sua mensagem provoque empatia e aceitação por parte dos fiéis e de simpatizantes. Um exemplo disso é o pastor evangélico Cláudio Duarte, figura pública e midiática, conhecido pela

leveza de suas mensagens, mesmo naquelas que abordam temas ainda tabu na sociedade brasileira, como o sexo. Considerado como o 'pastor comediante', o evangelista é, no Brasil, um representante da pregação cômica que tem feito enorme sucesso na mídia. (LIMA, 2019, p.4).

Com tom bem-humorado, Duarte prega de maneira direta e descontraída, falando abertamente sobre temas ainda tabu em muitas igrejas. Ele ainda possui cerca de diversos livros publicados, nos quais também aborda, além de direcionamento para o relacionamento com Deus, orientações para o casamento e para a vida sexual. Em um dos seus livros mais conhecidos, *Sexualidade sem censura*, publicado em 2011, o evangelista discute abertamente a vida íntima e sexual dos casais, a importância da união e da arte da boa convivência no casamento, criação dos filhos, amor e respeito aos familiares e outros temas. Segundo Lima (2019):

Claudio Duarte pastoreia uma igreja, mas dedica-se também a orientações para casais em suas palestras. Seu estudo é voltado para as relações familiares, especialmente as relações conjugais. Sua pregação prioriza a temática familiar, sempre abordando a sexualidade, com a finalidade de instruir os fiéis ao caminho da doutrina religiosa. Falar de sexo não é um problema para o pastor, ao contrário, ele se posiciona como um religioso que considera o tema muito importante para um casamento bem-sucedido. (LIMA, 2019, p. 75).

Seu jeito irreverente de ministrar o evangelho de Cristo e outras passagens bíblicas tornou o pastor famoso nas redes sociais e na internet rendendo-lhe convites para programas seculares e *talkshows* de projeção nacional. Atualmente, possui mais seguidores em redes sociais que outros pastores públicos.

Diante disso, torna-se relevante e motivador estudar os enunciados do discurso humorístico de Duarte porque ele é um formador de opinião, que, ao incorporar o humor em seu sermão, tem feito muitos adeptos, até mesmo de não religiosos, tornando-o famoso na internet. Assim, consideramos que o percurso do humor presente no discurso humorístico dos pastor desenvolve-se através dos chistes produzidos *ad hoc* durante as pregações do pastor Claudio Duarte, pois além de representarem a midiática do discurso religioso neopentecostal por meio de sua oratória peculiar e de estratégias linguísticas, o humor presente em suas narrativas produz o riso evidentemente contemplado pelo auditório.

Santos (2009) ao investigar a estrutura do texto piada como gênero textual, questiona se piada e chiste são a mesma coisa. O autor ancorado em Conde (2005), infere que a piada apresenta algumas características textuais tais como texto curto e

narração, com mudança de estilo e que pode repetir-se em diferentes cenários e personagens; já o chiste seria um evento único e improvisado, com o desejo de produzir riso, elaborado com inteligência e sagacidade e produzido *ad hoc*, movendo o ouvinte à descoberta da intenção do falante em dizer algo. Segundo Santos (2009):

[...] como se estrutura o texto 'piada' e como este se relaciona com o humor? E ainda: piada é a mesma coisa que chiste? Conde (2005), tomando uma abordagem discursiva da linguagem, conceitua a piada como "um texto essencialmente curto, de teor narrativo, aparentemente ficcional (que joga inclusive com ambiguidades enunciativas de 'verdadeiro e falso'), sujeito a variações de estilo, cenário e personagens (mas dentro de uma certa coerência estrutural, fazendo uso de uma semântica específica) e, por isso mesmo, passível de uma certa 'repetibilidade' (sic). Já o chiste, segundo o autor, estaria relacionado à categoria do evento único, 'o ser espirituoso que transita pela heterogeneidade da fala e subverte concessões pragmáticas num constante exercício de inteligência, sagacidade, no quadro quase obsessivo do desejo do risível. Seria a palavra de espírito, o *witz* freudiano, a fúria constante da descoberta ordenando ao sujeito que não cesse de se intrometer no equívoco inevitável da língua' (p. 22). A propriedade distintiva entre piada e chiste seria, portanto, o fator repetibilidade da primeira e a irrepetibilidade do segundo. De acordo com a definição de Conde, é possível se inferir que a piada apresenta algumas características textuais – tais como texto curto, narração, ficção, com variação de estilo e que pode repetir-se em diferentes cenários e personagens – que permitem caracterizá-la com tal. (SANTOS, 2009, p. 155, grifos do autor).

Dessa forma, entendemos que o chiste não tem estrutura fixa e é criado *ad hoc*, ao acaso, espontaneamente como uma conversa improvisada, ao contrário da piada que apresenta uma estrutura fixa com características textuais e teor narrativo e que pode ser repetida em diferentes cenários e personagens. Segundo Conde (2005), em relação à piada e ao chiste o autor afirma que:

Poder-se-ia entender 'piada' como um texto essencialmente curto, de teor narrativo, aparentemente ficcional (que joga inclusive com ambiguidades enunciativas de 'verdadeiro e falso'), sujeito a variações de estilo, cenário e personagens (mas dentro de uma certa coerência estrutural, fazendo uso de uma semântica específica) e, por isso mesmo, passível de uma certa 'repetibilidade'. 'Chiste' seria algo mais associado à categoria bakhtiniana de evento único (Bakhtin, 1921), o ser espirituoso que transita pela heterogeneidade da fala e subverte concessões pragmáticas num constante exercício de inteligência, sagacidade, no quadro quase obsessivo do desejo pelo risível. Seria a palavra de espírito, o *witz* freudiano, a fúria constante da descoberta ordenando ao sujeito que não cesse de se intrometer no equívoco inevitável da língua. Detalhe importante: o chiste pode ser 'recontável', como está claro na obra de Freud, mas sua natureza remete à irrepetibilidade. (CONDE, 2005, p. 22, grifos do autor).

O humor, segundo Freud, é o que possibilita a existência da piada, do chiste e da comédia. Araújo (2005) afirma que: "uma característica do chiste, definido pelo

autor como cômico e que provoca riso mesmo sem a intenção de fazê-lo, está legitimado a uma situação concreta de uso linguístico e que precisa ter ocorrido a um fato ou a alguém num dado contexto”. Segundo esse autor:

Não obstante o fato de que nem sempre o texto que provoca riso tem a intenção de fazê-lo, parece indiscutível que o efeito humorístico é sempre buscado de modo intencional. Uma característica fundamental do chiste não explicitada por Freud, mas que facilmente se depreende dos exemplos por ele analisados, é a necessidade de estar o chiste legitimado por uma situação concreta de uso linguístico, ou seja, precisa ter ocorrido a alguém em relação a um fato ou observação num dado contexto, etc. Essa conclusão, porém, não nos deve impedir de recorrer ao vasto repertório passível e possível à criatividade humana, se com isso pudermos lançar mais luz sobre o fenômeno do chiste. Definição fácil de cômico é tudo aquilo que provoca riso, mesmo sem a intenção de fazê-lo. Essa definição, porém, deixa aberta a questão da gênese do fenômeno humorístico, já que não responde o que há que provoca riso naquilo que provoca riso tampouco, por que nem tudo provoca riso em todo mundo e todo o mundo. (ARAÚJO, 2005, p. 115).

Nos dos estudos de Araújo (2005), esse autor afirma que segundo Freud, o chiste estaria associado inicialmente ao lúdico da criança, a sonoridade das palavras e à produção de pensamentos sem significado. Posteriormente, essas palavras adquirem significado e a criança produz um riso inocente. Segundo o autor, o efeito do humor do chiste se daria pela condensação de significados em torno da palavra dada e pelo deslocamento da atenção do ouvinte a um determinado foco que o humorista desvia, pegando o ouvinte desprevenido com um elemento surpresa, produzindo o desfecho da piada com possibilidade de efeito humorístico. Segundo Araújo (2005):

Para Freud, a origem do chiste estaria no ludismo da criança, que, pela sonoridade das palavras, produz a justaposição de sons e, em consequência, de pensamentos, então isentos de significado para ela. No estágio seguinte de desenvolvimento, as palavras adquirem significado, e a criança produz gracejos (*jestes*), uma espécie de chiste inocente. O efeito de humor do chiste se daria pelas técnicas da condensação e deslocamento. A condensação consiste na aglutinação de associações significativas em torno de uma dada palavra. O deslocamento é comparável, por analogia, a uma espécie de ‘prestidigitação lingüística’ pela qual o humorista desvia a atenção do ouvinte para um dado foco, produzindo, então, uma *punchline*, que o pega desprevenido. A suspensão temporária da energia que fluía numa dada direção fica represada momentaneamente, para, com a *punchline*, ser liberada. Segundo a teoria freudiana, não é só a piada e o chiste que se fortalecem à custa da repressão, mas as realizações culturais, artísticas e literárias. A *punchline*, entretanto, como desfecho, concentra a possibilidade do efeito humorístico em uma ou duas palavras, precisamente as que sofrem as manipulações formais e/ou semânticas. (ARAÚJO, 2005, p.121-122).

Para que o chiste possa gerar o riso e ser compreendido é necessário que a condensação de palavras seja de fácil assimilação e de conhecimento mútuo entre o falante e o ouvinte. Freitas (2017) ao mencionar a visão de Freud sobre a relação do chiste com o prazer, afirma que:

Freud (1905), em estudo de cunho psicanalítico sobre os chistes, explica que a motivação do chiste é conquistar o prazer, mesmo que seja de forma inconsciente. No entanto, segundo o psicanalista, para atingir o prazer e cumprir com o objetivo de provocar o riso é necessário que o chiste seja de fácil compreensão. Nesse sentido, caso seja utilizada, por exemplo, a técnica de condensação de palavras é preciso ter cautela para que as palavras utilizadas sejam de conhecimento comum e o sentido proposto a partir da união dos itens lexicais seja de fácil assimilação. (FREITAS, 2017, p. 36)

Como bem salienta Raskin (1985 *apud* Attardo, 1994), diz que: “apesar de ter crescido o interesse por se estudar piadas, ainda há muita resistência em vê-la como algo digno de reconhecimento e credibilidade”. Dessa forma, em relação à nossas indagações, Santos (2009) afirma que:

Em oposição ao que, talvez, seja a justificativa de muitos em ignorar a piada como material de pesquisa, acreditamos que justamente por ser um texto relativamente breve – mas nem por isso menos complexo que os textos longos –, um gênero de caráter anônimo, de domínio público, por abordar temas politicamente não-corretos, por não reivindicar nenhuma autoria, por fazer parte do imaginário coletivo, do folclore brasileiro, por pertencer à cultura popular, a piada pode e deve ser analisada não só textualmente e psicologicamente, mas filosoficamente, sociologicamente, retoricamente, literariamente, estilisticamente e, é claro, linguística e pragmaticamente, pois se revela como rico e abundante material de pesquisa, porque já vem com uma certa garantia de humor. (SANTOS, 2009, p.16).

Apesar de não haver um consenso sobre o que é uma piada, é relevante entendermos o seu significado. Nesta pesquisa, segundo Santos (2009):

[...] nos interessa a piada cuja estrutura, independente de tema, função ou abordagem, como veremos, contempla alguns elementos narrativos mais ou menos fixos, uma vez que, atualmente, a grande maioria dos estudos textuais não conceitua claramente o que é uma piada. (SANTOS, 2009, p. 146).

Para esse autor: “nem entre os analistas do humor não existe consenso sobre o que é linguisticamente uma piada”. Conforme Muniz (2004) em geral, “o que há é uma extensão da definição do que é humor sendo aplicado às piadas”.

Essa dificuldade começa, como já mostramos, na própria definição do que é humor, comédia, chiste, piada, etc. Para nós, interessa-nos caracterizar a piada como um gênero pertencente ao domínio do humor, pelo fato de que o humor permite rir com e contra o outro, seja uma pessoa em particular ou uma instituição, e também porque demanda um trabalho não apenas com o conteúdo, mas também com a linguagem. (MUNIZ, 2004, p. 74).

Entretanto, o conceito de piada que adotamos, como enfatiza Santos (2014):

[...]é de uma narração que se manifesta principalmente pela elaboração textual precedente que prevê a participação efetiva do(s) interlocutor (es) que, engajado (s) no processo de compreensão, com base nos conhecimentos, comportamentos e convenções sociais e culturais e pelo uso de processos cognitivos eficazes, constrói(em) significados pragmáticos de cunho humorístico. (SANTOS, 2014, p. 19).

Com base nesses argumentos e de acordo com o que afirma Possenti (1998, p. 25-26): “a piada, além de focar temas controversos, tais como valores e crenças culturais, instituições sociais (igreja, escola, casamento, governo), sexo, política, racismo, regionalismo, loucura morte, desgraças, sofrimento, defeitos físicos etc.”. Em relação aos estereótipos, segundo esse autor: “O estereótipo consiste basicamente na representação que uma sociedade faz de si mesma e de outras, ao estabelecer convenções de verdades presumíveis”.

Sendo assim, nesta pesquisa, o principal propósito é o de analisar o percurso comunicativo/interpretativo humorístico, presentes nas pregações do pastor Cláudio Duarte, bem como evidenciar a incongruência e o significado das suas as piadas na perspectiva da pragmática e os mecanismos do humor em seu discurso humorístico.

Então, quais são os elementos de uma narrativa humorística? Para nós, primeiramente, narrativa é uma exposição factual que gira em torno de um tema central, uma narração e formas de se contar uma história expressas pela linguagem verbal, oral e escrita, com sequência de fatos interligados (enredo) que ocorrem ao longo de certo tempo e possui elementos básicos na sua composição como : Fato (o que); Tempo (quando) ; Lugar (onde); Personagens (com quem); Causa (por que); Modo (como); Consequência (resultado do desenrolar da ação), ao passo que humorístico é algo que, ou alguém que se expressa utilizando o humor como propósito.

5.3 AS NARRAÇÕES HUMORÍSTICAS COM TEMAS TABUS PARA A RELIGIÃO

Como descrito no capítulo anterior, Duarte já reportou em entrevista que sofre críticas de alguns religiosos por utilizar piadas e pela maneira que aborda o humor em

suas pregações, pois o humor não é característico, nem comum do campo da religião, devido a muitos considerarem que o ambiente religioso tradicional deva ser sério, formal e arbitrário. Para o cristianismo, o templo religioso é considerado um lugar sagrado, casa de Deus, e não é, portanto, lugar de entretenimento.

Em suas pregações, o tema sexo, especialmente a sexualidade do casal, está presente no discurso humorístico do pastor. Esse tema é considerado tabu dentro do contexto religioso em que Duarte e os féis da congregação estão inseridos, pois é embaraçoso para ser abordado e discutido em público. No entanto, o pastor utiliza-se do humor para falar sobre sexo abertamente em suas palestras, bem como em seu livro *Sexualidade sem censura*.

Dessa forma, entendemos que os tabus são parte da estrutura normativa da religião e podem ser utilizados como forma de persuasão no âmbito religioso, pois sem eles o medo deixa de existir e os limites estabelecidos pela religião tornam-se vulneráveis. Quanto mais consolidados os tabus de uma crença e mais valor de verdade forem atribuídos, mais obedientes são os crentes às suas regras. De acordo com Bodart (2015):

É comum as pessoas usarem a palavra 'tabu' para designar uma regra quebrada. Porém, nem todas as regras são tabus. Alguns ainda dirão que trata-se de regras indiscutíveis que não podem ser mudadas. Nesse contexto o termo começa a se aproximar do significado original da expressão 'quebrar tabus', embora não seja esse o seu sentido original e mais adequado. O termo 'tabu' está, em seu uso mais adequado, diretamente associado à religião. Trata-se, mais precisamente, do elemento de 'limite' e 'negativo' da religião, podendo ser uma proibição ou um alerta. (BODART, 2015, p.1).

Apesar de o humor não ser muito comum no campo da religião, pois divide opiniões e influencia na crença das pessoas, ele propicia que assuntos mais delicados sejam abordados de forma mais suave, deixando a mensagem mais sutil sem desmerecer o assunto abordado. Nesse sentido, é comum observar a presença do humor em piadas, crônicas, programas televisivos etc. a fim de criticar, denunciar, ou simplesmente, divertir e tem chegado a campos em que antes eram improváveis, como na religião por iniciativa de Duarte. É o que afirma Lima (2019) ao mencionar os assuntos de humor de Possenti:

Possenti (2002, p. 41) afirma que analisar o humor é 'analisar o funcionamento ideológico na linguagem'. O autor explica que as piadas, por exemplo, reproduzem discursos que circulam no meio social. Geralmente, o humor exprime preconceitos, pois 'chistes são uma forma que encontramos para dizer,

de forma bastante indireta, o que não poderíamos dizer como pessoas civilizadas (e de nos divertirmos com isso)'. (POSSENTI, 2002, p. 52). Possenti (1998, p.49) coloca que 'o que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida [...]. O humor pode ser extremamente reacionário, quando é uma forma de manifestação de um discurso de preconceitos'. (LIMA, 2019, p. 7)

No entanto, o humor na pregação de Duarte, pode ser entendido como uma estratégia de projeção midiática do discurso religioso neopentecostal para adquirir mais seguidores e atrair novos fiéis. Segundo Lima (2010):

O humor no discurso religioso aparece no culto evangélico de igrejas neopentecostais caracterizadas pela forte presença na mídia. Campos (2005, p. 14) aponta um campo religioso pluralista e competitivo, em que novos e antigos atores religiosos se organizam de diferentes maneiras em busca de novos seguidores, resultando em marketing religioso para melhor posição no mercado da religião. Trata-se um mercadejo especializado em serviços e produtos religiosos que correspondam ao interesse de fiéis/consumidores, no qual as principais fornecedoras de bens materiais e bens simbólicos são as igrejas do movimento neopentecostal. Nesse contexto, o humor empregado no sermão evangélico pode ser considerado um produto vendido como uma pregação divertida e diferenciada, uma opção de serviço/produto religioso para ser consumido. A mídiatização desse discurso religioso contribui com isso. Enquanto pastor neopentecostal que usa o humor para pregar, Duarte aparece como agente importante nesse espaço do mercado da religião. (LIMA, 2019, p. 6).

Na atualidade, o pastor tem adquirido grande visibilidade por utilizar muito humor, chistes *ad hoc* e narrativas humorísticas em suas pregações, sempre abordando temas cristãos ou bíblicos através de passagens e versos da bíblia e com isso atrair mais fiéis e simpatizantes e causar comicidade nas multidões que participam dos cultos religiosos. Conforme afirma Lima (2019):

Segundo Duarte e Vale (2017), o humor como produtor do riso na pregação do pastor 'é utilizado como forma de reforço do dito (quando explica o sentido obscuro religioso da passagem bíblica) ou mesmo como argumento (quando exemplifica as ações, comportamentos ou discursos passíveis de serem compreendidos do texto sagrado'. O humor é, assim, empregado como uma estratégia para atingir a aprovação e admiração do ouvinte do sermão e vender esse discurso para o fiel/consumidor. Isso nos faz pensar a respeito da construção de efeitos de sentido que essa estratégia cria nos enunciados do evangelizador. (LIMA, 2019, p. 6/7).

Um dos temas abordados nos cultos é o sexo entre casais, ainda tabu⁴ para muitos, e que mais tarde resultou na publicação de um livro que debate o tema da sexualidade sem censura. Na introdução desse livro, o próprio Duarte justifica o porquê aborda esse tema:

Tomei essa iniciativa porque o sexo é algo vital no casamento, mas muitas vezes isso é mal compreendido, daí ele ser apontado pelos casais como o terceiro motivo de separação. O primeiro motivo é a incompatibilidade de gênios; o segundo, as finanças. Estou convicto de que os temas que abordo neste livro são bem conhecidos por muitos, mas nem sempre tratados com franqueza pelos casais, seja pela delicadeza do assunto, pelos tabus ou pelo constrangimento que sentem ao falar de sexo. Há séculos, na Bíblia, o tema sexualidade já era abordado. Em Cântico dos Cânticos, Salomão, por meio de metáforas e alegorias, faz alusões ao relacionamento sexual entre um homem e uma mulher unidos pelo compromisso do casamento. (DUARTE, 2011, p.12).

Em suas pregações, Cláudio Duarte aborda questões relacionadas à família, entretanto, no seu discurso, são mencionados alguns assuntos que perpassam o tema central, como, por exemplo, a homossexualidade e a (des) obediência aos preceitos religiosos/ cristãos, relação entre sogra e nora, masturbação, relação entre pais e filhos, etc. Em virtude disso, buscamos nos ater especialmente aos trechos que se centram na temática principal de nossas análises, a sexualidade do casal.

Duarte utiliza-se do humor para abordar temas tabus¹¹, difíceis de serem abordados em uma pregação ou conversa séria. Além disso, esse recurso humorístico não necessariamente impede a seriedade do assunto, na verdade, de alguma forma ele pode levar à reflexão, bem como à persuasão e à projeção do discurso religioso na mídia, como ocorre com as pregações do pastor Cláudio Duarte. Em relação à utilização do humor no campo religioso, Freitas (2017) afirma que:

A presença do humor no contexto religioso divide opiniões, pois toca e mexe com ideologias e crenças das pessoas. Há, na atualidade, muitas discussões acerca dos limites do humor, dependendo do campo de atuação ou do assunto abordado. Em casos de emprego de humor em gêneros que não são essencialmente humorísticos ele pode ser compreendido de forma negativa. Apesar de causar certo estranhamento e dificuldade de aceitação quando utilizado em determinados campos, o humor é, geralmente, bem aceito quando é considerado politicamente correto, ou seja, quando não é ofensivo, não desqualifica ou mesmo discrimina uma determinada pessoa ou grupos sociais (homossexuais, feministas, judeus etc.). (FREITAS, 2014, p.48).

¹¹ Muitos dos preconceitos e tabus, convenções e mesmo leis relacionadas ao sexo e à sexualidade que regem o comportamento sexual da sociedade hoje têm origem em preceitos religiosos estabelecidos milhares de anos atrás. É isso o que defende o historiador norueguês Dag Oistein Endsjo, professor de estudos religiosos na Universidade de Bergen e para quem separar crença e sexo é impossível — os dois estariam ligados desde os fundamentos mais básicos de cada credo “Muitas crenças permanecem com a gente em leis sem que a maioria das pessoas sequer saiba que aquilo tem a ver com religião. (SAMONARO, Carolina. Tabus que regem comportamento sexual têm origem em preceitos religiosos milenares, diz pesquisador. In: Blog Saúde Plena, 18 jul. 2014). Disponível: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/07/18/noticias-saude,192029/>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Nas narrações e piadas de Duarte a presença do humor é constante e bem aceito pela plateia de ouvintes que participam das suas pregações religiosas, pois evidencia-se o riso do auditório. Segundo informações sobre o evangelista na página do blog *Presentes.evangelicos.com.br* (2016):

O pastor diz que é apropriado usar esse tom mais humorístico, porque o próprio Deus e Jesus tinham essa característica! Ele menciona uma passagem bíblica em que Deus pergunta onde está Adão, sendo que já sabia a resposta, pois é um ser onipresente. O fato de fazer piadas para explicar mensagens da Bíblia é algo polêmico, especialmente para alguns religiosos que discordam dessa atitude. No entanto, é inegável que essa descontração conquista muitos fiéis, que se identificam e compartilham o discurso de Duarte (TUDO sobre o pastor Cláudio Duarte: vida e bibliografia. (*In: Blog presentes.evangelicos.com.br*, 05 dez. 2016). Disponível em: <http://blog.presentesevangelicos.com.br/tudo-sobre-pastor-claudio-duarte-vida-e-bibliografia/>. Acesso em: 14 jul. 2019).

Como exemplo que será utilizado em nossas análises, temos a transcrição de trechos da pregação proferida por Duarte, onde abordou a sexualidade no casamento de uma maneira humorística, expressada através de uma fala jocosa, com uma linguagem coloquial e a entonação da voz peculiar do sotaque caipira, com um modo particular de entoar e pronunciar as palavras.

Essa voz imitada pelo orador lembra em muito a figura do caipira, com um jeitinho mineiro de falar. É possível perceber que o pastor se utiliza de tal estratégia quando pretende fazer gracejo e deixar o conteúdo das suas narrações com um tom humorístico. Conforme mencionamos, o trecho transcrito da pregação de Duarte em 2009:

[...]você tá rindo mas o assunto é sério...sobre uma coisa também é importantíssimo... outro tema que eu quero falar com você...outro subtema dentro de sexualidade ... é a liberdade para o ato sexual...nós vimos a motivação como nós vamos motivar... mas agora quero falar com você sobre liberdade ... ok...você tem que ter liberdade meu filho...você tem liberdade com a sua esposa?...tem liberdade mesmo ?...que a maioria dos casais que eu vejo não tem... a **muié** tem vergonha do marido... de falar de tudo ...o marido fica pensando assim puxa vida!... queria fazer um negócio... nós não podemos confundir liberdade com a violação dos parâmetros bíblicos... não é isso que **tô** falando ...nós precisamos entender que o nosso relacionamento tem que ser puro... e aprovado?... por Deus...não é fazer qualquer coisa...esse dia aí teve um cara que disse assim ... entre quatro paredes vale qualquer coisa...vale não **fio**...tem limite sim!... nós precisamos respeitar esses limites...mas eu tenho que ter liberdade gente!... **ocê** tem liberdade? ...fala sério? ...pra chega pra sua **muié** e fala assim...hoje quero fazer um sexo diferente...sexo selvagem...uma coisa nova ...por que ninguém aguenta mais o papai e mamãe não gente...sobe em cima eh uh uh uh uh!...desce

uh.uh.uh...vamo dormir ho ho ho... como um bicho...não pode poxa...tem fazer umas manobra diferente ...você tem liberdade pra isso?...que se não...quem é que **guenta**?... 30 ano!...eu já tô 18...18 ano...com a mesma **muié**...um amigo meu falo assim ...oia...eu vou dar uma carteirinha de tarado pro **cê** ... falei...**rapaiz**...é violento ... então você tem que ter a liberdade amanhã hoje vamos fazer um negócio diferente... uma posição acima...uma coisa...umas **cambaiota** assim...vamo...**vamo** fazer um negócio muito doida assim...vamo..vamos experimentarporque entenda bem ... o ato sexual ele é importantíssimo ...que o que dá prazer...tem um negocinho na **muié** que chama clitóris... é um negocinho que a muié tem ...que foi deus que colocou lá na vagina... ele não serve pra nada ... a não ser ...dá prazer ... é o pênis encostando naquele negocinho...que a **muié** vai ficando doidinha, doidinha... doidinha...doidinha ...então tem posição... é ou não é verdade?... tem cara... esse dias o cara falo comigo ... eu falei o que foi?... o meu pintinho é pequeno!...o cara falou comigo...o cara...corajoso o cara... porque esse meu jeito doido assim...faz as pessoas se abrirem..eu falei...eu falei mas ... e fica duro? fica...ele falo assim..fica duro...então meu amigo encontre uma posição ... que ele encosta pensando o clitóris... e aí o cê manda vê fio...você vai se ela não vai fica doidinha[...].(Informação verbal, grifo nosso).¹²

Nessa pregação o efeito de humor do enunciado decorre da maneira que o narrador maneja e pronuncia as palavras. O pastor emprega os termos: “muié”, “ocê”, “fio” “cê”, “rapaiz”, “cambaiota”, “guenta” e “tô” da variante coloquial, não sendo essa a variante a predominante em sua fala , conforme observado na entrevista do pastor no programa *Agora é tarde*. Inferimos que essa estratégia é utilizada pelo orador para causar o riso e buscar uma certa aproximação com o público, pois são escolhas lexicais feitas por ele com a intenção de construir e veicular o humor a temas proibidos e coisas que geralmente não são ditas no discurso religioso, como o sexo no casamento e intimidade sexual. Mesmo sendo um tema tabu, interessa à religião abordar tais assuntos dentro de uma normatização religiosa. Segundo Lima (2019):

A religião coloca que é necessário despertar os fiéis para a importância do sexo dentro do casamento heteronormativo, ensinando o indivíduo a ter prazer com o sexo, mas dentro do casamento heterossexual. Percebemos assim, a função de controle social da religião ao abordar tal assunto. Dessa maneira, a sexualidade é tema de pregação nas igrejas neopentecostais. Isso também decorre da busca da religião pela adequação ao interesse de mercado. Existe uma necessidade de se falar sobre sexo e de se resgatar o desejo de fazer sexo. (LIMA, 2019, p. 87).

Notamos que, na pregação religiosa *Sexualidade no casamento*, o orador Cláudio Duarte utiliza-se de alguns elementos prosódicos como: a pronúncia das variantes

¹² DUARTE, Cláudio. **Sexualidade no casamento**. Teresópolis-RJ. Igreja Batista Monte Hermom, 2009. Pregação religiosa.01 vídeo (67 min.). Disponível em: <https://youtu.be/0LTJsea-z3Q?t=2042>. Acesso em: 06 nov. 2019. Transcrição nossa.

coloquiais “muié”, “ocê”, “fio”, “cê”, “rapaiz”, “cambaiota”; a reprodução de sons e ruídos durante o ato sexual (onomatopeias) e o aumento da entonação da voz.

Nossa intenção é mostrar como tais evidências auxiliam na argumentação do discurso humorístico e contribuem para o desenvolvimento do percurso do humor na pregação do pastor. Como analisar a prosódia¹³ não é nosso objetivo, fazemos apenas esse breve comentário para o enriquecimento do nosso estudo.

Para Gil (1998), diferentemente da conversa séria, prudente e ponderada a piada evoca um dito jocoso, alegre e divertido, que apresenta a verdade com uma outra roupagem e sentido, por vezes bem mais eficaz que uma narrativa séria. Segundo a autora, a comutação do modo sério ao jocoso se realiza por meios explícitos e implícitos da linguagem, já que os falantes explicitamente entram em um jogo de entretenimento humorístico que se expressam pelo modo jocoso de contar piadas. Na opinião dessa autora:

A entonação da voz, a expressão facial, os gestos e a situação extralinguística podem indicar implicitamente que o emissor não está falando dentro do modo sério de comunicação. A própria coerência, que se estabelece na interlocução, ou seja, na interação entre os falantes numa situação comunicativa, oferece aos usuários a possibilidade de criar um mundo textual que caracteriza a ‘verdade’ da piada. A mudança do modo sério de comunicação para o modo jocoso ‘avança expectativas’ no leitor/ouvinte que se predispõe a aceitar como ‘verdade’ qualquer tipo de piada, como as chamadas piadas de ‘non sense’, por exemplo. O modo jocoso estabelece um mundo ‘fantasioso’, no qual as coisas possuem um modo diferente de existir. Não fosse o modo “fantasioso” criado pela situação comunicativa entre os falantes, o contador dessas piadas seria certamente tomado por um mentiroso ou encarado como louco. (GIL, 1998, p. 298).

¹³ Convém esclarecer que os elementos prosódicos descritos acima são usados não apenas para reforçar a argumentação, mas para contribuir com a produção de humor. Isso ocorre porque os modos de dizer atribuem sentido ao discurso, por vezes maior (ou diferente) que o significado que seria atribuído à palavra de forma isolada, ou seja, separada do contexto de uso. Como quando o orador imita uma voz ou mostra indignação (aumentando o volume da voz) por algo que não requer tamanha exaltação.

Figura 8 – Duarte na pregação: Reconstruindo as verdades de Deus.



Fonte: DUARTE, Cláudio. **Reconstruindo as verdades de Deus**. 03 abr. 2013. Pregação religiosa. 01 vídeo (52:00 min.). Disponível em: <https://youtu.be/Lpjb0MG4GWA&t=717s>. Acesso em: 02 set. 2019.

Recortamos um pequeno trecho das transcrições do vídeo da pregação religiosa *Reconstruindo as verdades de Deus*, para analisarmos a *Piada da sogra*, contada pelo pastor durante essa pregação.

PIADA DA SOGRA

“hoje ...diz que sogra e nora são o que? inimigas... sogra é igual cerveja... tem que tá gelada em cima da mesa... é o não é?... muita gente diz isso...o cara falo comigo... “comprei uma cama redonda pra minha sogra”...falei por que?...ele disse “porque cobra dorme enrolada ((risos))”.

Fonte: : DUARTE, Cláudio. **Reconstruindo as verdades de Deus**. 03 abr. 2013. Pregação religiosa. 01 vídeo (52:00 min.). Disponível em: <https://youtu.be/Lpjb0MG4GWA&t=717s>. Acesso em: 02 set. 2019. Transcrição nossa.

Na passagem notamos que Duarte conta piadas que reforçam o estereótipo de que a sogra não é apreciada pelos genros ou noras. A palavra “sogra” é esteriotipada no Português do Brasil, uma vez que carrega em si uma conotação pejorativa, pois o item lexical sogra tem conotação de pessoa má e intrometida, que interfere, por maldade, na vida do genro ou nora, seja por excesso de proteção, controle ou por ciúmes. Segundo Santos (2009):

Nesse mundo transitam livremente japoneses pouco dotados, portugueses néscios, russos beberrões, judeus e turcos mesquinhos, argentinos arrogantes, sogras incômodas, loiras burras, adúlteros inconsequentes, negros pobretões, caipiras inteligentes, bichas inoportunas, pescadores mentirosos, bêbados inveterados, e outros tantos estereótipos baseados em profissões ou temas tabus, como o sexo e religião, que habitam e dão vida a esse mundo. (SANTOS, 2009, p.213).

A *Piada da sogra* é uma narração breve, uma piada prototípica, pois apresenta um enunciado que conforme Santos (2014, p.53): “ a interpretação de enunciados tem

como fundamento a articulação da linguagem como meio de representação de conceitos sobre um estado de coisas do mundo”. Ao utilizar tais enunciados, o orador infere e acredita que o auditório tem o mesmo conhecimento de mundo acerca de tais conflitos que o seu, o que é confirmado pelo riso da plateia. Para Santos (2009):

A piada prototípica, por tratar-se de um texto pré-formatado, com uma estrutura narrativa mais ou menos fixa, possibilita ao narrador a liberdade de manipulá-la de acordo com que situação exija, de modo a produzir no ouvinte mais expectativas ou menos expectativas sobre o desfecho da narração. No entanto, a sequência da trama, a evolução dos personagens, a ordem em que os fatos vão sendo narrados, a estruturação dos principais elementos da narrativa, ao progredirem linearmente, exigem que as ações inerentes à complicação dos confrontos e conflitos se repitam um certo número de vezes, de forma a conduzir o ouvinte a desempenhar um papel de co-autor no processamento das informações (SANTOS, 2009, p.189).

Em relação à comparação da sogra com uma “cobra”, Duarte revela a visão negativa acerca da mãe dos cônjuges, pois a cobra é um animal geralmente venenoso e peçonhento, pois geralmente é associado a pessoas vis, com caráter duvidoso e que muitas vezes agem com maldade

Ao dizer que a sogra deve estar gelada e em cima de uma mesa, o orador está desejando sua morte, pois temos o conhecimento de mundo de que pessoas quando morrem ficam geladas e o caixão fica em cima de um suporte de altura parecida com a de uma mesa. Além disso, beber cerveja gelada é algo prazeroso para os que apreciam a bebida e a sogra deveria dormir numa cama redonda, comprada pelo genro, pois dorme enrolada como uma cobra.

Assim, o orador compara o prazer de ingerir uma cerveja ao sentimento que teria com a sogra morta (gelada). Dessa forma, inferimos que dentro desse conjunto de comparações e compartilhando conhecimento de mundo mútuo em relação à representação da sogra, desenvolve-se o desfecho da piada e o auditório a compreende, fato comprovado pelo riso emitido após a fala do pastor.

6 OS ESTUDOS SOBRE O HUMOR

Quando a Igreja Assembleia de Deus Nova Aliança de Cáceres, localizada no estado de Mato Grosso comemorou três anos de fundação, promoveu um Seminário ministrado pelo Pastor Cláudio Duarte (CD), que usa o bom humor para levar a mensagem de Deus. O jornalista Alexandre Costa (JAC) entrevistou-o, justamente perguntando sobre o impacto que o humor reflete em suas pregações e as críticas que sofre dos grupos evangélicos mais tradicionais. Nessa entrevista, Pastor Cláudio Duarte conta como usa o humor para falar de Deus:

- CD: [...] eu sempre tenho boas expectativas daquilo que Deus vai fazer, entendo que a misericórdia de Deus é que faz tudo né, mas eu tenho visualmente que o humor tem aberto uma porta, muito interessante para as pessoas se desarmarem, então eu tenho visto esse resultado em muitos lugares por onde eu tenho passado, e sei, que lógico que em primeiro lugar eu prego aquilo que vivo, né, então isso me facilita e me dá uma legalidade no mundo espiritual ... vamos dizer assim...legitimidade ... pra tratar desse assunto[...].

- JAC: acredito que o senhor chegue a enfrentar problemas com os tradicionais da igreja ... tudo ...mas com esse trabalho, esse projeto tão especial, tantas vidas e famílias sendo impactadas com esse projeto ... é ... como é que o senhor avalia isso em todo o Brasil e chegando também até ao exterior?

- CD: hoje diminuiu um pouco as críticas, né ...devido às respostas dos resultados, né ...a história de um quanto implanta fatos e os argumentos acabam se perdendo, ou enfraquecendo... a gente ainda enfrenta ... e ...eu entendo...você é uma coisa meio nova...humor e Deus!,... né...e nós viemos das raízes assembleianas, batista ... e aquela coisa bem tradicional ... mas hoje as críticas diminuíram, porque as pessoas viram a seriedade do trabalho ... eu fico muito satisfeito com isso [...]. (Informação verbal, transcrição nossa).¹⁴

¹⁴ DUARTE, Cláudio. **O pastor Cláudio Duarte conta como usa o humor em suas pregações.** [Entrevista cedida ao] repórter Alexandre Costa. Igreja Assembleia de Deus Nova Aliança de Cáceres, Mato Grosso. 25 fev. 2016. 01 vídeo (3:21 min.). Entrevista concedida pelo pastor no canal Rede Hoje. Disponível em: <https://youtu.be/ipGYfKuZ9zY>. Acesso em 12 nov. 2019.

Figura 9 – Cláudio Duarte sendo entrevistado pelo jornalista Alexandre Costa.



Fonte - DUARTE, Cláudio. **O pastor Cláudio Duarte conta como usa o humor em suas pregações.** [Entrevista cedida ao] repórter Alexandre Costa. Igreja Assembleia de Deus Nova Aliança de Cáceres, Mato Grosso. 25 fev. 2016. 01 vídeo (3:21 min.). Entrevista concedida pelo pastor no canal Rede Hoje. Disponível em: <https://youtu.be/ipGYfKuZ9zY>. Acesso em 12 nov. 2019.

Os efeitos que o humor produz nas pregações religiosas, nas palavras de Duarte: “abrem as portas e fazem as pessoas se desarmarem, dando-o ‘legitimidade/legibilidade’ no mundo espiritual e projeção nacional e até no exterior”, apesar das críticas que recebeu ao usar o humor como uma coisa nova na religião.

Dessa forma, como fundamentação teórica, selecionamos algumas das teorias sobre o humor para analisarmos o percurso interpretativo/comunicativo humorístico e os processos ostensivo-inferenciais na pregação religiosa do pastor, dentro da perspectiva pragmático-cognitiva. Nossa intenção visa ainda evidenciar como o humor impacta as mensagens de Duarte e o riso manifestado pela plateia de ouvintes.

6.1 HUMOR E RISO

Neste capítulo, apresentamos algumas reflexões sobre o que é o humor, bem como sobre a sua ligação com o riso. O humor, presente na sociedade, através das piadas, chistes, crônicas e outros gêneros, normalmente, apresenta um teor relaxado, sendo muitas vezes, considerado como um gênero inferior, não reconhecido. Porém, o riso oriundo de uma piada ou narrativa humorística apresenta-se como manifestação de inúmeros fenômenos psíquicos e sociais, mas o riso a que nos referimos neste trabalho é, pois, apenas aquele provocado pelo cômico, pelo que é considerado, em situações de comunicação oral, como humorístico ou engraçado. Assim sendo, o riso:

O riso é um poderoso antídoto para o estresse, a dor e o conflito. Nada funciona de modo mais rápido ou confiável para trazer o corpo e a mente de

volta ao equilíbrio do que uma boa risada. O humor ilumina seus fardos, inspira esperança, conecta você com os outros e o mantém ligado à terra, concentrado e alerta.[...].Nos dias que correm, em meio as agruras cada vez mais intensas da vida moderna, é preciso sensibilizar as pessoas para o poder do sorriso, e preveni-las contra as agruras provocadas pelo negativismo e pelo mau humor constante. [...]O riso faz você se sentir bem. E a boa sensação que experimenta quando ri permanece com você, mesmo depois que o riso diminui. O bom humor o ajuda a manter uma visão otimista e positiva diante de situações difíceis, decepções e perdas [...]. (RIR é o melhor remédio: Os benefícios do bom humor e do riso para a saúde. *In*: **Blog Brasil 247**, p. Oásis, 02 jul. 2014). Disponível em: <https://www.brasil247.com/oasis/rir-e-o-melhor-remedio-os-beneficios-do-bom-humor-e-do-riso-para-a-saude>. Acesso em: 07nov. 2019.

O humor pode estar introduzido tanto em coisas simples do nosso dia a dia, como em atividades mais complexas ou corriqueiras. Rimos, por exemplo, de uma piada bem contada, de um olhar, de um engano, de um barulho, de um silêncio, de um desenho, de uma música, de um tombo, porém, o que pode ser engraçado hoje talvez, não seja amanhã. O que é engraçado para nós, pode ser que não seja para o outro, dependendo do contexto, da situação e da maneira que for contada. O que é engraçado em nosso grupo social pode não ser no grupo social do outro.

Podemos rir do outro, com o outro e de nós mesmos. O que é engraçado para o homem pode não ser, para a mulher e o que é engraçado para os jovens pode não ser, para os idosos. Assim sendo, o humor vai ser encarado de maneira diferente de acordo com o sexo, idade, escolaridade, nacionalidade, religião, identidade social, contexto, momento e conhecimento de mundo de cada um. Por sermos e pertencermos a grupos sociais diferentes, rimos de coisas diferentes.

De acordo com Lins (2016) *apud* (Ramos, 2019, p.26): “a tarefa de explicar o humor é um trabalho que foi explanado em diferentes áreas do conhecimento”. Ramos, citando a autora, destaca que Freud (1905), Raskin (1985), Bergson (1990), entre outros autores, fazem parte da construção e consolidação dos estudos relacionados ao humor. De acordo com Santos (2009):

Os estudos linguísticos atuais sobre humor, em nível mundial, se revestem de um legado histórico que abrange os diversos campos do saber. A abundância de pesquisas sobre o tema humorístico revela o caráter interdisciplinar deste fenômeno polêmico, mas nem por isso menos interessante. A discussão sobre humor é rica e variada e a literatura especializada apresenta uma taxonomia também polêmica sobre as fronteiras e limites do humor. (SANTOS, 2009, p.121).

Então, o que significa humor? Como podemos entendê-lo?. A palavra “humor”, conforme o site *Dicio.com.br*, um dicionário online de português, na etimologia, a origem da palavra deriva do latim “*humor óris*” que significa “*fluido, linfa*”. Alguns dos significados para a palavra humor: disposição de ânimo de uma pessoa em relação a alguma coisa ou em algum momento; estado de espírito, temperamento; veia cômica, ironia delicada e alegre, ditos e gestos engraçados e espirituosos; humorismo, comichade e graça. Como sinônimos de humor temos: estado de espírito, temperamento, humorismo, comichade, graça.

Em resposta às nossas indagações, o conceito de humor que adotamos para nosso trabalho, deriva dos estudos de Santos (2014). Entendemos que o humor está relacionado a tudo aquilo que gera comichade graça e riso, que possa ser entendido como cômico, engraçado e que modifica o estado de espírito, dos sentimentos e da alma dos indivíduos. Para justificar o nosso conceito, Santos ao abordar o tema, afirma que:.

Historicamente, o conceito de humor se deriva de *cômico*, conceito do campo da estética filosófica que designa a faculdade de fazer rir ou de divertir. Nessa perspectiva, o *humor*, em oposição ao *Wit* (espécie de agudeza do espírito ou espirituosidade de um indivíduo), designa uma atitude bem-disposta e conciliadora, produto de um coração tolerante que se depara com as imperfeições da vida. Mais tarde, o conceito evolui e adquire um *status* mais abrangente e substitui o *cômico* por ‘humor compensatório’ – o humor racional – e abre-se a qualificativos tais como humor ‘verbal’ em substituição ao *Wit* e ‘hostil’, substituindo a “sarcasmo. (SANTOS, 2009, p.123).

Conforme Santos (2014, p. 29): “existe uma dicotomia entre humor e riso, que vem sendo estudada por diversos pesquisadores, cientistas, médicos e psicólogos do mundo todo”. O autor também afirma que: “ Há quem diga que rir é o melhor remédio. Acredita-se que ‘o humor acarretaria explícita ou implicitamente’, mas não necessariamente o riso”.

Segundo Santos (*op.cit*): “para Aristóteles, o humor é algo associado ao feio, servindo à argumentação do orador como antecipação da ideia da incongruência enquanto que, para Platão, o humor é uma mistura de sentimentos da alma, como prazer e dor”. Kraft (2004) *apud* (Santos, 2014, p. 29) observa que: “rir é componente tão sólido da existência humana que esquecemos como são curiosos esses acessos de alegria”. Santos (2009) afirma que:

De acordo com Attardo (1994), para Platão, o humor é um misto de sentimentos da alma, tais como prazer e dor; Aristóteles, por sua vez, postula que o humor é um caso particular de ridiculez, associado ao feio, não sendo uma deformidade da dor ou do mal – o filósofo considera que o humor serve à argumentação do orador, o que de certa forma antecipa a ideia de incongruência. O latino Cícero estabelece cinco tópicos que deverão ser levados em conta quando se alude ao humor: i) o que é humor; ii) de onde vem; iii) se é um recurso do orador; iv) qual seu alcance e v) quais os gêneros do humor. (SANTOS, 2009, p.136).

Nos estudos de Andrade (2017, p. 43), a autora afirma que: “segundo Bergson (1901/2004), o que nos faz rir é a sensação final de superação de uma falsa ameaça de uma dissociação entre duas séries coincidentes e a consciência de que tudo foi apenas um jogo [...] um certo jogo particular de elementos morais”. A autora ainda acrescenta que Bergson é mencionado por Santos (2014) como um dos mais respeitados e citados nos estudos sobre humor ao explicar sua teoria sobre o riso. Bergson (1983,1987) dedicou todo o livro *O riso* para discutir a significação do cômico.

Sobre este tema, Muniz (2004) fundamentada em Bergson (1987) afirma que: “o cômico ‘obedece’ a três regras básicas”. Segundo Muniz (2004):

(i) apenas o homem é capaz de rir, ou seja, ‘não há comicidade fora do que é humano’. Mesmo que venhamos a rir de algum objeto inanimado, uma paisagem, um animal, nunca será por ele mesmo, isto é, será porque nós, humanos, lhe atribuímos alguma característica risível, já que o homem, além de ser o único que ri, é também o único que ‘faz’ rir; (ii) a sensibilidade nunca vai estar associada ao cômico. Segundo ele, e essa é uma das teses mais presentes na literatura que se dedica a estudar o humor em geral, pois não podemos rir daquilo que nos causa algum sentimento de emoção. Ele é ainda mais categórico: ‘A indiferença é o seu ambiente natural. O maior inimigo do riso é a emoção’. Não é que não possamos nos apiedar de alguma situação, expressão ou feição que fuja ao ‘normal’, a questão é que, quando rimos, esses sentimentos ficam em suspenso e mais: se não existisse essa possibilidade de nos ausentar de qualquer emoção que inspirasse solidariedade, viver seria um fardo difícil de ser carregado, pois tudo adquiriria uma ‘coloração austera’; (iii) além disso, o riso vai estar sempre dentro de um contexto social, fazendo parte de um dado grupo, comunidade, já que este, antes de tudo, tem por função ser social; o nosso riso, para ele, ‘é sempre o riso de um grupo’. Daí, para Bergson, ser difícil o deslocamento de certos efeitos cômicos para uma outra sociedade, já que o riso está ligado aos costumes e ao comportamento de um povo. (BERGSON, 1987 *apud* MUNIZ, 2004, p.53-54).

Na visão de Freud (1905) *apud* (Santos, 2014, p. 29): “o humor é um tipo de emoção forte e depende principalmente do fator brevidade de um evento único no contexto *ad hoc*. Desse modo, o humor estaria associado à definição de *wit* ou espírito brincalhão”. Para Santos (2014, p. 30): “o termo *wit* não é traduzido para o Português,

mas é recorrente o uso da expressão ‘espírito brincalhão’, para fazer referência à interpretação de uma ideia, não se referindo ao humor”.

Segundo Cursino-Guimarães (2008, p. 155): “Freud, diferentemente de Bergson, que associa o riso especificamente a fatores sociais, direciona seu estudo para o papel do psiquismo na elaboração e compreensão de piadas e o social só é cogitado enquanto relacionado ao psiquismo”. Esse autor nos diz que:

Em obra publicada em 1905, ‘*O Chiste e sua Relação com o Inconsciente*’ Freud observa que as piadas têm um elemento tendencioso: constata-se nelas uma tendência obscena ou agressiva, que tenta atingir o pudor, as crenças, a ideologia, tendência que é gerada pela repressão a que está sujeito o homem, enquanto ser social. Esta repressão será desinibida pelo riso. [...] seu livro focaliza o ‘dito espirituoso’ (expressão que utilizaremos em Português, no lugar de ‘chiste’) e ele inclui tanto exemplos de pequenas narrativas, quanto piadas [...]. (CURSINO-GUIMARÃES, 2008, p.155)

Dascal (2006, p.383), afirma que: “o termo *chiste*, é a mais social de todas as funções mentais que têm por alvo um ganho de prazer”, ou seja, de evocar prazer nos seus ouvintes.

Os *chistes*, como atividade comunicativa, estão sujeitos – no uso que fazem da linguagem – às limitações gerais que regulam os usos comunicativos da linguagem, limitações essas que constituem o objeto de estudo e de investigação da sócio-pragmática. Na sua função de dar prazer pela mediação do entendimento de uma outra pessoa, é possível que o uso que fazem da linguagem possua propriedades sócio-pragmáticas específicas. (DASCAL, 2006, p. 383).

Para nosso melhor entendimento, piadas envolvem narrativas que podem ter graça ou não, dependendo da performance de quem as contou, ao passo que *chiste* podem ser usadas palavras ou frases que tenham sentidos semelhantes ou sejam elas mesmas parecidas entre si. Por exemplo, detergente: a palavra pode ser desmembrada em “*deter gente*” produzindo outro sentido, com o máximo de sentido para um mínimo de suporte. Por ser breve, quando os interlocutores riem juntos, no chiste a graça funciona provocando o riso por meio da condensação de dois campos de significados que se fundem, causando surpresa.

Santos (2014) afirma que segundo Attardo (1994): “a teoria de que ‘é humorístico o que faz rir’ e de que ‘faz rir o que é humorístico’ sugere uma falsa ligação entre humor – um fenômeno mental – e riso – uma complexa manifestação neurofisiológica”.

Santos (2014, p. 30), fundamentado em Attardo (1994), afirma que: “De acordo com o autor, o riso denota um efeito sem especificação da causa e pode assumir as seguintes características”:

- a) ser psíquico – provocado, por exemplo, por alucinógenos;
- b) ser intelectual;
- c) exceder largamente o humor;
- d) não ser diretamente proporcional à intensidade do humor;
- e) nem sempre ter o mesmo significado – enquanto para algumas comunidades africanas, por exemplo, o riso está associado à situação de embaraço, perplexidade, para os orientais, o riso significa cortesia, reverência;
- f) pode ser atenuado para a forma do sorriso, apenas; e
- g) tanto o riso como o sorriso nem sempre podem ser observados diretamente. (ATTARDO, 1994 *apud* SANTOS, 2014, p. 30).

Assim estão feitas algumas reflexões e esclarecimentos sobre o que é o humor e sobre a dicotomia humor *versus* riso, tal como abordadas em Santos (2009,2014).

No capítulo seguinte, aplicaremos alguns dos pressupostos da TR no discurso religioso do pastor CD.

7 A TEORIA DA RELEVÂNCIA NO DISCURSO HUMORÍSTICO DO PASTOR CLÁUDIO DUARTE

Trecho transcrito da pregação religiosa, proferida pelo pastor Cláudio Duarte na igreja Batista Monte Hermom em 2009. Transcrição nossa.

Sexualidade no casamento

[...]você tá rindo mas o assunto é sério...sobre uma coisa também é importantíssimo... outro tema que eu quero falar com você...outro subtema dentro de sexualidade ... é a liberdade para o ato sexual...nós vimos a motivação como nós vamos motivar... mas agora quero falar com você sobre liberdade ... ok...você tem que ter liberdade meu filho...você tem liberdade com a sua esposa?...tem liberdade mesmo ?...que a maioria dos casais que eu vejo não tem... a muié tem vergonha do marido... de falar de tudo ...o marido fica pensando assim puxa vida!... queria fazer um negócio... nós não podemos confundir liberdade com a violação dos parâmetros bíblicos... não é isso que tô falando ...nós precisamos entender que o nosso relacionamento tem que ser puro... e aprovado?... por Deus...não é fazer qualquer coisa...esse dia aí teve um cara que disse assim ... entre quatro paredes vale qualquer coisa...vale não fio...tem limite sim!... nós precisamos respeitar esses limites...mas eu tenho que ter liberdade gente!.. você tem liberdade? ...fala sério? ...pra chega pra sua muié e fala assim...hoje quero fazer um sexo diferente...sexo selvagem...uma coisa nova ...por que ninguém aguenta mais o papai e mamãe não gente...sobe em cima eh uh uh uh uh!...desce uh.uh.uh..vamo dormir ho ho ho... como um bicho...não pode poxa...tem fazer umas manobra diferente ...você tem liberdade pra isso?...que se não...quem é que guenta?... 30 ano!...eu já tô 18...18 ano...com a mesma muié...um amigo meu falo assim ...oia...eu vou dar uma carteirinha de tarado pro cê ... falei...rapaiz...é violento ... então você tem que ter a liberdade amanhã hoje vamos fazer um negócio diferente... uma posição acima...uma coisa...umas cambaiota assim...vamo...vamo fazer um negócio muito doida assim...vamo..vamos experimentar ...porque entenda bem ... o ato sexual ele é importantíssimo.

A TR de Sperber; Wilson (1995) apresenta a comunicação humana como um modelo ostensivo-inferencial que reconhece que todo o ato de comunicação tem duas propriedades: a de ser ostensiva por parte do falante e de ser inferencial por parte do ouvinte. Esse modelo reconhece que todo o ato de comunicação inicia com um pedido de atenção do falante, com uma consequente modificação do ambiente cognitivo do ouvinte. Santos (2009, p.77) ancorado em Sperber; Wilson afirma que: “para que um ato de comunicação ostensivo tenha êxito, é preciso que atraia a atenção do receptor, o que reforça que o ato de ostensão é uma solicitação de atenção”.

Na Teoria da Relevância, o princípio cognitivo de que a cognição humana maximiza a relevância trata dos inputs em geral, relacionados não somente a enunciados, mas também a fenômenos observáveis, pensamentos, memórias e conclusões inferenciais. O princípio comunicativo de que enunciados geram expectativas precisas de relevância, por sua vez, fundamenta-se no primeiro e abrange especificamente os inputs que o falante utilizou ostensiva e deliberadamente para comunicar algo ao ouvinte.

A cognição humana tende a fazer uso eficiente da atenção e dos recursos de processamento. Para que uma informação seja relevante para alguém, o efeito cognitivo de um *input* precisa superar o esforço de processamento requerido. Dessa forma, um enunciado será relevante quando o efeito cognitivo proporcionado for maior que o esforço exigido para processá-lo. Segundo Santos (2009, p.12): “a atenção humana, bem como seus recursos de processamento, volta-se para as informações com predisposição de maior relevância – as que causam maior efeito cognitivo e requerem menor esforço de processamento”.

Grice previa que a comunicação é orientada pelo princípio da Cooperação, em que o falante fornece uma evidência das suas intenções e que cabe ao ouvinte inferir essas intenções a partir dessa evidência. Logo, a comunicação é bem sucedida não quando o ouvinte reconhece o significado linguístico do enunciado, mas quando infere o significado daquilo que o falante quer dizer com ele. Na TR, a comunicação humana é orientada pelo princípio da relevância. Segundo Sperber; Wilson (2001, p. 59): “a originalidade maior de Grice não foi a de sugerir que faz parte da comunicação humana o reconhecimento das intenções”, mas sim: “foi a de sugerir que essa caracterização é suficiente”.

Nesse capítulo, elaboramos uma análise onde propomos aplicar alguns dos pressupostos da TR que abordamos no capítulo 4.3 dessa dissertação, para descrever o percurso interpretativo/comunicativo humorístico nos trechos transcritos da pregação religiosa *Sexualidade do casal* que selecionamos para essa seção.

Nossa intenção é analisar a ostensão presente no discurso de Cláudio Duarte, considerando que ele é o falante desse processo comunicativo, porém iremos comentar ao longo dessa análise algumas possíveis inferências produzidas pelos ouvintes das pregações.

Durante essa pregação, Duarte mostra-se como alguém que tem um casamento bem sucedido e fundamenta suas pregações sobre sexo dentro do contexto bíblico. O pastor relata a sua experiência de vida conjugal, justamente para fundamentar a sua intenção nas suas pregações, ou seja, evidenciar que aquilo que ele está falando é verdadeiro, ou bastante provavelmente verdadeiro para o seu auditório de ouvintes poder processar a sua informação, pois nós tendemos a processar somente as informações que nos são relevantes. Segundo a TR, para que isso aconteça,

a informação precisa ser verdadeira para processarmos, porque o que não nos acrescenta, nós descartamos.

Na TR, uma informação pode ser relevante em um contexto e não em outro, pois o contexto é um construto psicológico e próprio de uma pessoa ou de um grupo. Para uma informação nova apresentada ser relevante, ela precisa interagir com o contexto e gerar efeitos cognitivos, pois se dois ou mais contextos mentais não podem ser iguais, obviamente o significado também não será o mesmo para diferentes indivíduos. Segundo Parret (1988):

A pragmática do texto (ou linguística do texto onde o assim chamado co-texto serve principalmente de contexto), pragmática lógica (contexto existencial), pragmática orientada sociologicamente (contexto situacional, teoria dos atos de fala (contexto acional, e pragmática orientada psicologicamente (contexto psicológico) (PARRET, 1988, p. 21).

No contexto situacional, ocorre uma interação que possa ser comum a todos os participantes, pois quando tratamos da diferença entre contextos, não nos referimos apenas à situação comunicativa estabelecida e seu âmbito social, mas também ao ambiente cognitivo dos interlocutores.

Dessa forma, observamos que em seu discurso humorístico, há tanto uma intenção informativa (falante) relacionada ao que o pastor quer informar a sua plateia, quanto uma intenção comunicativa, ou seja, de que essa primeira seja reconhecida pelo seu público (ouvinte). Entendemos que no contexto das pregações de Duarte, o pastor trabalha a sua comunicação humorística com uma presunção de relevância do falante, ou seja, ele presume que o assunto abordado por ele em suas pregações é relevante para os ouvintes, devido aos contextos social (classe social, estado civil) e situacional (igreja, sábado à noite, plateia evangélica) em que ambos estão inseridos. Nesse âmbito, o contexto é formado pela plateia de fiéis e membros da igreja, ou seja, por indivíduos que seguem os mesmos ensinamentos e preceitos bíblicos e que estão no auditório para ouvir e testemunhar os seus sermões. Esse contexto das pregações, nesse caso colabora tanto com a inferência por parte do ouvinte, quanto com a presunção de relevância do falante.

Dentro dos pressupostos da TR, o narrador Duarte vai ostentar as suas intenções comunicativas, evidenciando e dando pistas das suas intenções, pensando que naquele contexto aquelas informações são relevantes para os seus ouvintes. Dessa

forma, o pastor presume que a sua intenção comunicativa e informativa, ou seja, o sexo entre casais, colabora para a manutenção do matrimônio e só é permitido dentro do contexto bíblico, seja inferida pelo auditório. Segundo Lima (2019):

Atendendo a lógica do mercado religioso, da busca dos fiéis por um casamento feliz, o pastor promete ensinar seus ouvintes no que diz respeito a manutenção do matrimônio. A base de sua explicação é sua própria experiência como alguém casado há anos. O pastor se coloca como um homem bem-sucedido na vida conjugal, alguém que sabe tudo sobre casamento e que pode ajudar. O segredo, segundo ele é ser amigo, companheiro e atencioso com a parceira. (LIMA, 2019, p. 77).

O pastor inicia a sua narrativa deixando clara a sua intenção informativa de chamar a atenção do público ao dizer : “você tá rindo mas o assunto é sério”. Conforme observamos no vídeo, a plateia em silêncio volta a sua atenção para o pregador e ouve as próximas elocuições do pastor: “ outro tema que quero falar com você...outro subtema dentro de sexualidade.... é a liberdade para o ato sexual....você tem que ter liberdade meu filho”. Ao referir-se à plateia como “meu filho”, o pastor dá um *input* , uma ostensão, como forma de se aproximar e gerar uma certa intimidade com esse público. Essa forma de tratar o seu auditório é o *input* para que uma inferência se inicie, pois para falar sobre sexo entre casais, uma certa intimidade entre o falante (o pastor) e os seus ouvintes (casais) precisa ser iniciada.

Duarte prossegue com a sua pregação informando o ouvinte a sua intenção comunicativa através da elocução: “nós precisamos entender que o nosso relacionamento tem que ser puro...e aprovado? ...por Deus...não é fazer qualquer coisa”. Ao ouvir essa elocução, a plateia processa a informação de acordo com a intenção comunicativa do orador elaborando a seguinte inferência: para que o “nosso relacionamento” seja aprovado por Deus, ele deve ser puro, e para que seja “puro” não podemos fazer qualquer coisa na cama.

Em relação à presunção de relevância, Cláudio Duarte relaciona todo esse contexto da sexualidade com a bíblia, pois o assunto mais relevante para todos os interlocutores das pregações é a vida conjugal segundo a bíblia. Além disso, o pastor relata a sua experiência de vida conjugal para apresentar ao auditório que o enunciado do seu discurso humorístico é uma informação verdadeira, muito provavelmente verdadeira pois, segundo a TR, essas informações inferidas acabam tendo muito efeito

cognitivo na mente dos seus ouvintes, o que torna tais informações ter uma maior probabilidade de ser processada pela plateia.

Outra ostensão de Duarte ocorre quando o pastor expressa a sua intenção informativa perguntando aos ouvintes “e aprovado?”; ao responder junto com o pastor “por Deus”, a plateia reconhece a intenção comunicativa e informativa do pastor produzindo um modelo ostensivo-inferencial de comunicação durante essa pregação. Para que ocorra o reconhecimento da intenção comunicativa e informativa do pastor por parte da plateia, a maior relevância e o menor esforço de processamento das informações intencionadas por Duarte, relacionam-se aos efeitos contextuais da elocução “aprovado por Deus”.

A comunicação ostensivo-inferencial, do ponto de vista intencional, tem dois componentes: uma intenção informativa – intenção que o falante tem de informar e uma intenção comunicativa – intenção de ser reconhecida a intenção informativa do falante. Esse modelo de comunicação ostensivo-inferencial está baseado na relação entre efeitos contextuais e esforço de processamento, sendo que quanto mais efeitos contextuais e menos esforço de processamento, maior a Relevância. Luciano (2014), fundamentada em Sperber e Wilson (2005), afirma que:

Conforme Wilson e Sperber (2005, p. 227-228), a predisposição da cognição humana para maximizar a relevância possibilita antever e manipular estados mentais dos outros, uma vez que o falante pode produzir um estímulo que supostamente atrairá a atenção do ouvinte, ativará um apropriado conjunto de suposições contextuais e apontará na direção de uma conclusão pretendida. Assim sendo, o falante pode utilizar recursos ostensivos para chamar a atenção do ouvinte, sejam eles verbais ou não. (LUCIANO, 2014, p.30).

Observamos que em seu discurso humorístico, Duarte elabora textos de humor *ad hoc* utilizando estímulos verbais semelhantes a uma conversa improvisada, com um sotaque caipira, com uma condensação de palavras de fácil assimilação para a plateia e de conhecimento mútuo entre ambos. Dessa forma, ao utilizar-se desses estímulos ostensivos, o pastor dá pistas do que quer informar ao seu público, pois em uma narração humorística, a interpretação do enunciado e daquilo que é dito pelo pastor pode ser relevante em menor ou maior nível para o seu público de ouvintes.

Outra ostensão de Duarte ocorre quando o pastor expressa a sua intenção informativa perguntando aos ouvintes: “e aprovado?”; ao responder junto com o pastor

“por Deus”, a plateia reconhece a intenção comunicativa e informativa do pastor produzindo um modelo ostensivo-inferencial de comunicação durante essa pregação. Para que ocorra o reconhecimento da intenção comunicativa e informativa do pastor por parte da plateia, a maior relevância e o menor esforço de processamento das informações intencionadas por Duarte, relacionam-se aos efeitos contextuais da elocução “aprovado por Deus”. Segundo Santos (2009):

Na comunicação espontânea o locutor cria expectativas de relevância ótima enquanto que o objetivo do ouvinte é encontrar uma interpretação que satisfaça essa expectativa de relevância ótima. Uma elocução é otimamente relevante se, e apenas se:

- i) é relevante para valer a pena ser processada;
- ii) é a mais relevante compatível com as capacidades e as preferências do falante. (SANTOS, 2009, p.65).

No momento em que Duarte elabora as elocuições: “*you have freedom with your wife?...you have freedom even?...that most couples that I see do not have..*”. O conteúdo explícito da sua elocução “*you have freedom with your wife?*”, pode ser facilmente decodificado pelos ouvintes. Ao questionar os maridos do auditório com a elocução “*you have freedom even?*”, o pastor utiliza-se de recursos ostensivos verbais para chamar a atenção dos ouvintes (maridos), e expressar uma suposição se há realmente a liberdade sexual entre o casal. Na elocução “*that most couples that I see do not have*”, há algo implicado a ser inferido pelos ouvintes, pois se “*you husband*” tem liberdade, a maioria dos casais que o pastor “aconselha” não têm. Uma possível inferência dos maridos em relação ao que foi implicado nessa última elocução é: “*devo ter liberdade sexual com a minha esposa, pois os outros casais não têm*”. Segundo Santos (2009):

Para a pragmática cognitiva relevantista, aquilo que é comunicado por uma elocução é o significado de uma pessoa falante e o que, no caso de uma declaração, é um conjunto de suposições. Uma dessas suposições é expressa explicitamente; as outras, se houver, são transmitidas implicitamente, ou implicadas. A única diferença entre o conteúdo explícito e suas implicaturas supõe-se que seja o fato de o conteúdo explícito ser decodificado, ao passo que as implicaturas são inferidas (SANTOS, 2009, p.69)

Na elocução: “*my wife has shame of her husband... of talking of everything ...the husband thinks like this pull life!... today I want to do a different sex...wild sex*”, o pastor expõe uma inferência do marido “*today I want to do a different sex*” e uma inferência da mulher “*my wife has shame of her husband, of talking of everything*”.

Nesse trecho observamos que o orador expressa o contexto mental da mulher e do marido em relação à vida íntima conjugal e que essas suposições formam um pano de fundo sobre importância da liberdade sexual entre o casal. O que está implicado nessa elocução em relação ao estado mental do casal é que o fato da mulher ter vergonha de falar “de tudo”, leva o marido a produzir a seguinte e possível inferência: “puxa vida!... hoje eu quero fazer um sexo diferente, um sexo selvagem e ela não quer falar sobre sexo, pois tem vergonha de mim”.

A expressão “sexo selvagem” abre um leque de interpretações, inferências e representações mentais por parte do ouvinte sobre o que realmente o pastor quer dizer em relação a isso. Essas representações estão relacionadas aos valores e crenças dos indivíduos que compõem o auditório.

Em relação à elocução “queria fazer algo diferente” o pastor elabora um chiste *ah hoc*, pois fala baixinho, como se estivesse cochichando; novamente Duarte utiliza-se de ostensão para dizer às mulheres o que está implicado na sua elocução: “que se seu marido falar baixinho dizendo que quer fazer um sexo diferente e selvagem com você, você mulher fale com ele sobre isso, pois o casal deve ter liberdade sexual”.

Esses enunciados tornam manifesto um conjunto de suposições que Duarte reafirma sobre a importância de haver liberdade sexual entre os casais dentro dos preceitos bíblicos, em: “*nós não podemos confundir liberdade com a violação dos parâmetros bíblicos*”. Essas novas informações parecem ser processadas com baixo custo pelos ouvintes, maridos e esposas, devido a relevância das informações inferidas pelos ouvintes e a veracidade das elocuições expressas pelo pastor de forma ostensiva durante a pregação.

Nesse âmbito religioso tanto o falante quanto os ouvintes estão inseridos num mesmo contexto religioso; se ambos acreditarem ser verdadeiro que o casal precisa ter liberdade sexual dentro dos parâmetros bíblicos, podemos entender dentro da Teoria da Relevância que essa forma de interação comunicativa entre os interlocutores da pregação é um modelo ostensivo-inferencial, pois tanto as atividades de ostensão do pastor quanto as atividades de inferência dos ouvintes estão subordinadas às expectativas de relevância dos interlocutores que sempre buscam maximizar sua produtividade e eficiência cognitiva, procurando ostentar e inferir as informações que lhes sejam mais relevantes. Sperber; Wilson (2001) afirmam que:

Na comunicação inferencial ostensiva, 'a pessoa que comunica produz um estímulo que torna mutuamente manifesto à pessoa que comunica e aos receptores que a pessoa que comunica tenciona, por meio desse estímulo, tornar manifesto ou mais manifesto aos receptores um conjunto de suposições'. (SPERBER; WILSON, 2001, p. 112).

Esse modelo de comunicação ostensivo-inferencial está baseado na relação entre efeitos contextuais e esforço de processamento, sendo que quanto mais efeitos contextuais e menos esforço de processamento, maior a Relevância. Conforme Spencer; Wilson (2001, p.194): "Uma suposição é relevante dentro de um contexto se, e apenas se, tiver algum efeito contextual nesse contexto. Essa definição capta a intuição de que para ser relevante num contexto, uma suposição tem de estar ligada a esse contexto de alguma maneira."

Nessa pregação, Duarte que até então pregava sobre sexualidade sem gerar risos na plateia, sugere algo novo, "*uma coisa nova, por que ninguém aguenta mais o papai e mamãe...não gente..((risos))*". Nesse momento a plateia reage rindo ao ouvir a metáfora "papai e mamãe", pois Duarte novamente de forma ostensiva e improvisada elabora chistes *ad hoc*, expressando palavras como "sobe em cima; desce; vamos dormir". Além disso, Duarte produz sons e onomatopeias como: "*eh; uh.uh.uh; ho ho ho*", gerando risos no auditório.

É nesse momento que observamos o início do percurso do humor no seu discurso, pois Duarte utiliza-se dessa estratégia para abordar um tema tabu para a religião como é o sexo entre casais e com isso conseguir a adesão do auditório durante a pregação. É na ostensão: "*quem é que guenta 30 ano?*" que o pastor dá pistas para a conclusão dos ouvintes, que ao produzirem inferências sobre o que está implicado nesse chiste, inferem que: "Sexo no estilo papai e mamãe durante 30 anos não dá para aguentar no casamento, pois subir, descer e dormi é coisa de bicho".

A partir desse momento, um pacto de harmonia entre o pastor e a sua plateia humorística vai comandar as pregações de Duarte e possibilitar que o percurso do humor seja característico e evidente em suas pregações religiosas, pois para abordar o tema sexo em público sem a ferramenta do humor, inferimos que não seria possível da maneira como o fez, pois ele não conseguiria a adesão do auditório e talvez não se tornaria um fenômeno midiático. Esse pacto é denominado por Santos (2009) como um contrato comunicativo humorístico" que segundo o autor:

Se o ouvinte, pelo Princípio de Cooperação (GRICE, 1975) e de Princípio de Relevância (SPERBER e WILSON, 1995), direciona o olhar para o narrador e fica em silêncio, significa que o ouvinte aceita jogar o jogo proposto pelo contador da piada, sejam quais sejam as regras que a piada exigirá. Neste exato momento se estabelece, entre narrador e ouvinte, um “contrato comunicativo humorístico” – um pacto de harmonia humorística – que vai comandar o jogo piadístico entre ambos até o desfecho da piada. Entretanto, este contrato piadístico comunicativo deverá ser assinado pelo narrador e pelo ouvinte sob a premissa de uma pressuposição pragmática: o narrador tem a intenção de tornar manifesto ao ouvinte a informação de um texto piadístico e espera que o ouvinte reconheça essa sua intenção, e que o desfecho da piada provoque no ouvinte um efeito humorístico; o ouvinte, mesmo sabendo de antemão que será levado a um labirinto de interpretações no qual se justapõem expectativas de incongruências com possibilidades humorísticas, aceita jogar o jogo proposto pelo narrador. (SANTOS, 2009, p. 212/213.)

O que está implicado na elocução: “*um amigo meu falo assim ...oia...eu vou dar uma carteirinha de tarado pro cê*”, é o fato do pastor estar casado a 18 anos com a mesma esposa, vai ganhar uma carteirinha de tarado. Supomos que as inferências produzidas pelos ouvintes em relação ao léxico “tarado”, nessa pregação geram uma possível representação mental nos ouvintes de que o pastor tem uma vida sexual ativa e deve ser bom de cama, pois vai além do “papai e mamãe” com a sua esposa.

Em relação ao léxico “tarado”, no sentido literal significa alguém que tem compulsão por sexo, ao contrário do sentido implicado na fala do pastor, a representação mental processada e inferida pelos ouvintes é que “tarado” remete à ideia de alguém que quebra a rotina e tem uma vida sexual intensa com a sua esposa. As informações que fortalecem as suposições que o auditório tem como verdadeiras ou mais provavelmente verdadeiras, sobre a importância da liberdade sexual do casal são aquelas que têm um efeito cognitivo positivo em seu contexto mental e que são processadas e integradas ao seu conhecimento de mundo. As suposições que não atendem suas expectativas, pelo contrário, são descartadas, os estímulos que as anunciam, por vezes, sequer são percebidos.

De acordo com a TR, a interpretação do significado de novas informações é orientada pelo Princípio de Relevância, que impele a mente humana a processar uma nova informação num contexto onde ela obtenha maior quantidade de efeitos cognitivos com um menor custo de processamento. Dessa forma, inferimos que a mente dos ouvintes das pregações de Duarte trabalham de modo a potencializar a relevância das informações e, sob a influência de um contexto religioso e princípios bíblicos, faz com que os contextos selecionados na interpretação sejam formados apenas pelas suposições sobre o fato de que a liberdade sexual pode salvar o casamento, e que o ato

sexual é importantíssimo, desde que estejam dentro dos parâmetros bíblicos, conforme as elocuições do pastor.

Em relação à relevância das informações, segundo Sperber ; Wilson (2001):

[..]um ato de ostensão transmite em si próprio uma garantia de relevância e de que este fato, a que chamaremos o princípio da relevância torna manifesta a intenção que se encontra por trás da ostensão. Cremos ser este princípio da relevância necessário para tornar explicativo o modelo inferencial da comunicação. (SPERBER; WILSON, 2001, p. 95).

Dessa forma, todo ato de ostensão transmitida por Duarte durante as suas pregações são uma garantia de relevância, e isso torna manifesta a sua intenção comunicativa e informativa que está atrás da ostensão que produz.

7.1 A TEORIA DA POLIDEZ NO DISCURSO HUMORÍSTICO DE DUARTE

A Teoria da Polidez (TP) de Brown & Levinson (1987) , segundo Santos (2009, p.56): “é vista como um dos elementos essenciais da vida social humana e, portanto, como uma condição necessária para uma cooperação linguística eficaz”. Portanto, essa polidez é necessária para que a comunicação entre os interlocutores aconteça de forma efetiva. Segundo Santos (2009):

O conceito de polidez se baseia em duas noções fundamentais:

i) a comunicação é uma atividade racional que tem algum objetivo ou que os interlocutores pensam estrategicamente e têm consciência de suas escolhas linguísticas;

ii) cada indivíduo deseja preservar a sua *face* ou imagem pública.

A imagem pública dos indivíduos, por sua vez, consiste em dois tipos de desejo que subscrevem o conceito de *face*:

i) o desejo de auto-afirmação, de não querer receber imposições de outrém, de ter liberdade de ação é subsidiário da **face negativa**;

ii) o desejo de ser aprovado, aceito, apreciado pelos parceiros da atividade comunicativa subsidia a **face positiva**. Para Brown e Levinson (1987), em situações comunicativas, tanto o falante como o ouvinte deseja manter sua própria *face* bem como preservar a do interlocutor. (SANTOS, 2009, p. 56. grifos do autor).

Em relação a esse desejo que os interlocutores têm de manter a imagem pública e preservar a própria *face*, Lourenço (2018) ao mencionar outros autores afirma que:

Em resumo, a face negativa, para Godoi, Mazuroski Jr. e Benfatti (2014, p. 7) é ‘o desejo de autoafirmação, de não admitir imposições, ter liberdade de

ação', enquanto que a face positiva é 'o desejo de ser aprovado, aceito, apreciado pelo interlocutor, pela comunidade'. É importante salientar que os conceitos de face negativa e positiva não são relacionados a algo 'ruim' ou 'bom', respectivamente. (LOURENÇO, 2018, p. 32)

Para que ocorra a eficiência do processo comunicativo, a TP considera os interlocutores desse processo como agentes intencionais que farão escolhas entre as estratégias disponíveis no contexto em que a comunicação se desenvolve. As estratégias de polidez positiva dizem respeito à intimidade e à aproximação entre o falante e o ouvinte e destaca-se como uma forma de minimizar o distanciamento social entre ambos, ao passo que a polidez negativa é uma estratégia de evitar conflitos, de não admitir imposições, além de ser uma marca de um comportamento extremamente respeitoso. Santos (2009), referindo-se a Brown & Levinson (1987), argumenta que:

As estratégias da chamada polidez positiva são baseadas na 'aproximação' do falante ao ouvinte, enquanto as da polidez negativa no 'evitamento' de conflitos, em uma espécie de 'fuga'. Ao usar a polidez positiva, a 'polidez de solidariedade', o falante procura o acordo com seu ouvinte. Isso pode ser feito, em demonstração de interesse pelas coisas do ouvinte, de simpatia por ele, manifestando os interesses e conhecimentos mais ou menos "comuns" por pertencer ao mesmo grupo. Dependendo da distância e das relações do poder entre os interlocutores, o falante poderá usar a estratégia conversacional direta (*on record*) sem atenuações. Entretanto, essa estratégia também pode incluir modalidade verbal, tautologias, elipses, metáforas, ironias, ambiguidades, vários tipos, enfim, de expressões específicas 'evitadoras de conflito' e outros meios para minimizar a imposição [...]. (SANTOS, 2009, p. 59).

Observamos algumas estratégias de polidez no discurso religioso de Duarte. Essa polidez positiva tem a função de promover um ambiente propício para que a abordagem do tema da sexualidade conjugal seja introduzida na pregação com certa intimidade entre os interlocutores.

As escolhas linguísticas presentes no trecho: "*você tem que ter liberdade meu filho*", propiciam uma diminuição da distância social entre o pregador e os seus ouvintes e o *status* hierárquico entre esse pastor e os seus fiéis diminui relativamente. Dessa forma, Duarte "aproxima-se à distância" do seu auditório, mantendo-se na posição hierárquica de pastor e líder da pregação ao tratar desses temas.

Ele também demonstra simpatia pelo seu público de ouvintes e manifesta interesse pela vida íntima dos casais. Conforme observa-se no trecho: "*muié.. tem vergonha do marido... de falar de tudo ...o marido fica pensando assim puxa vida!*", essa forma de polidez positiva revela um falante que age como se o ouvinte fosse o próprio falante e o conhecimento de ambos sobre o tema fosse igual, pois afinal, o pastor

narra alguns episódios da sua própria vida conjugal em suas pregações : “...*nós precisamos respeitar esses limites... eu...já tô... 18...18 ano...com a mesma muié...*”.

Na elocução: “*ok...você tem liberdade com a sua esposa... você tem liberdade mesmo?*”, há uma estratégia de polidez de solidariedade, que possibilita ao falante (CD) tornar o ambiente propício para ter liberdade de falar sobre sexualidade do casal dentro de um contexto religioso compartilhado entre ambos. Dessa forma, evidencia-se que o pastor e seus fiéis são cooperativos e que essa polidez é necessária para que a comunicação entre os interlocutores aconteça de forma efetiva.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, o nosso propósito inicial foi o de investigar o percurso comunicativo/interpretativo humorístico e a função e relevância do humor no discurso religioso do pastor evangélico Cláudio Duarte. Nossa motivação inicial foi observar que esse líder religioso ao usar a ferramenta do humor em suas pregações ganhou projeção midiática nacional, principalmente nas redes sociais, porque entendemos que para a maioria dos fiéis, o campo da religião é visto como um âmbito sério, pois lida com as crenças das pessoas, com o sobrenatural e com o sagrado.

Dessa forma, chamou-nos a atenção a pregação religiosa de Cláudio Duarte, justamente pela forma e característica peculiar que o pastor tem de utilizar o humor como estratégia inovadora ao abordar temas tabus em público, como a sexualidade do casal, pois sem a ferramenta do humor, o pastor provavelmente não conseguiria alcançar a mesma projeção midiática nas redes sociais no Brasil. O discurso humorístico de Duarte certamente tem contribuído para as mudanças que as religiões cristãs evangélicas estão sofrendo na atualidade se compararmos como a sexualidade era abordada pelas religiões cristãs no passado e considerarmos a resistência de grupos cristãos conservadores.

Para a realização desse trabalho, recorreremos à Pragmática Cognitiva, partimos inicialmente dos pressupostos teóricos da Teoria da Relevância e dos estudos sobre humor de Santos. Com o propósito de enriquecer o nosso trabalho acadêmico, elencamos algumas das principais teorias do humor e investigamos outros autores que estudaram o discurso religioso do pastor em outras áreas da linguística, como a Análise do Discurso. No entanto, no decorrer do nosso percurso investigativo sobre o humor presente nas pregações de Duarte, notamos que o pastor produzia textos humorísticos e chistes *ad hoc* durante as suas pregações.

Optamos por selecionar um trecho transcrito da pregação *Sexualidade do casal* para a aplicação da TR no discurso humorístico do pastor, além de outras narrativas humorísticas.

Durante a análise da pregação *Sexualidade do casal*, evidenciamos que o percurso interpretativo/comunicativo humorístico na pregação religiosa do pastor inicia-se quando a plateia de ouvintes produz inferências em relação as ostensões elaboradas *ad hoc* pelo pastor. Observamos que esse modelo ostensivo-inferencial de

comunicação humorística gera risos e comicidade nas pessoas e o processamento dessas informações resulta na adesão do auditório.

Ao analisarmos essa pregação, observamos que a função principal da incongruência em relação às narrações humorísticas de Duarte é a de provocar risos na plateia, entendendo o riso, como o resultado da resolução dessa incongruência.

Durante as análises das pregações de Duarte, observamos que esse líder religioso apresenta-se como um representante de Deus na terra que fundamenta-se na bíblia. Essa forma de utilizar o humor em suas pregações para abordar temáticas variadas dentro de uma perspectiva cristã, tornou a sua marca característica, pois Duarte intenciona resgatar o amor e o fortalecimento do casamento e da família. Os temas sexo e sexualidade são assuntos recorrentes na pregação do ministro, pois pregar sobre isso é uma necessidade que atende à necessidade dos fiéis e ao interesse das igrejas de manter o casamento como uma instituição preciosa. Existe, assim, uma necessidade da igreja de se falar sobre sexo e de se resgatar o desejo dos fiéis de fazer sexo. A religião busca reverter essa situação e o sermão de Duarte dialoga com isso.

Ao analisarmos a pregação religiosa de Cláudio Duarte na perspectiva da Teoria da Relevância, evidenciamos que em seu discurso humorístico, há tanto uma intenção informativa (falante) relacionada ao que o pastor quer informar a sua plateia, quanto uma intenção comunicativa, ou seja, de que essa primeira seja reconhecida pelo seu público (ouvinte).

Em relação à presunção de relevância, Cláudio Duarte relaciona todo o contexto da sexualidade com a bíblia, pois o assunto mais relevante para todos os interlocutores das pregações é a bíblia. Além disso, o pastor relata a sua experiência de vida conjugal para apresentar ao auditório que o enunciado do seu discurso humorístico é uma informação verdadeira, muito provavelmente verdadeira, pois essas informações inferidas acabam tendo muito efeito cognitivo na mente dos seus ouvintes, o que torna tais informações ter uma maior probabilidade de ser processada pela plateia.

No decorrer das análises, inferimos que a mente dos ouvintes das pregações de Duarte trabalham de modo a potencializar a relevância das informações e, sob a influência de um contexto religioso e princípios bíblicos, faz com que os contextos selecionados na interpretação sejam formados apenas pelas suposições sobre o fato

de que a liberdade sexual pode salvar o casamento, e que o ato sexual é importantíssimo, e só deve ser concretizado dentro dos parâmetros bíblicos.

Também elaboramos uma breve análise sobre as estratégias da Polidez positiva, evidenciados em seu discurso humorístico, como forma de manter a sua imagem pública de pastor e líder da igreja e diminuir relativamente o distanciamento social e hierárquico entre pregador e auditório.

Finalmente, consideramos o nosso trabalho como inédito, pois foi a primeira dissertação de mestrado que analisou o discurso humorístico do pastor Cláudio Duarte dentro dos pressupostos teóricos da Teoria da Relevância. Conseguimos durante esse percurso, aplicar a TR nas transcrições de alguns trechos da pregação Sexualidade do casal, evidenciando a ostensão do falante (CD), as possíveis inferências dos ouvintes (auditório), as intenções comunicativas e informativas do pastor e a presunção da Relevância em que Duarte relaciona todo o contexto da sexualidade com a bíblia, pois o assunto mais relevante para todos os interlocutores das pregações é a vida conjugal segundo a bíblia e segundo Sperber e Wilson (2001, p.194): “quanto mais efeitos contextuais e menos esforço de processamento, maior a Relevância”.

As nossas perspectivas futuras são que essa dissertação de mestrado possa contribuir para outras pesquisas científicas e sirva como fonte e referência bibliográfica para estudos na área da Pragmática Cognitiva, no campo do humor, da pregação religiosa e da Teoria da Relevância.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Leila Minati. **Piadas como estratégia para ensino/aprendizagem de espanhol como língua estrangeira moderna para estudantes nativos brasileiros: Análise conforme a Teoria da Relevância**. 2017. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarão, 2017. Disponível em: <http://www.riuni.unisul.br/handle/12345/273>. Acesso em: 06 jan. 2019.

ARAÚJO, Adão. Chiste: **O Lúdico e o Lúcido. Para uma lingüística do humor linguístico**. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Prof. Dr. Fábio Lopes da Silva. UFSC, Florianópolis, 2005. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/101619>. Acesso em: 14 set. 2019.

ATTARDO, S. **Linguistic Theories of humor**. New York: Mouton de Gruyter, 1994.
BERGSON, H. **O riso**. São Paulo: Martins Fontes, 1901/2004.

BODART, Cristiano das Neves. **Você sabe o que é tabu?** Blog Café com sociologia.com. Publicado em 02 set. 2015. Disponível em: <https://www.cafecomsociologia.com/voce-sabe-o-que-e-tabu/>. Acesso em 02/01/2020.

CONDE, G. **Piadas regionais: o caso dos gaúchos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Setor Instituto de Estudos Linguísticos, 2005. UNICAMP, Campinas, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/reposip/270379>. Acesso em: 31 jul. 2019.

CURSINO-GUIMARÃES Romão, S. **Do desafio do humor à sedução do processamento do texto humorístico à luz da Teoria da Relevância**. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/DAJR-88WFE6>. Acesso em: 12 fev. 2019.

DANTAS. Bruna Suruagy do Amaral. **Sexualidade, cristianismo e poder**. Blog Estudos & Pesquisas em Psicologia. v.10, n.3, p.700-728. UERJ, 2010. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8909/6790>. Acesso em: 30 abr. 2019.

DASCAL, M. **Interpretação e compreensão**. Unisinos. São Leopoldo, 2006.

DICIO. DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Humor. Significado de humor**. Blog Dicionário online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/humor/>. Acesso em: 19 nov. 2019.

DUARTE, Cláudio. **O bom humor na missão evangelizadora do Pastor**. Blog claudioduarte.com.br. Disponível em: <http://www.claudioduarte.com.br/o-bom-humor-na-missao-evangelizadora-do-pastor/>. Acesso em: 19 set. 2019.

DUARTE, Cláudio. **Sexualidade sem censura**. Central Gospel, Rio de Janeiro, 2011.

EMEDIATO, W. **A fórmula do texto**. Rio de Janeiro: Geração editorial, 2004.

ERMIDA, I. C. da C. **Humor, linguagem e narrativa: para uma análise do discurso literário humorístico**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Setor Ciências da Linguagem, Universidade de Minho, Braga, 2002. Disponível em: <https://repositorium.sdum.pt/bitstream/1822/190/1/>. Acesso em: 14 ago. 2019.

FREITAS, Franciely Corrêa de. **A “graça” no campo da religião: uma análise retórica da pregação de Cláudio Duarte**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Espírito Santo, Natal, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1836/1/VirginiaJacintoLima.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, Atlas, 2007.

GIL, Célia Maria Carcagnolo. **Elementos essenciais da piada**. In: ANTUNES, Letizia Zini(org). Estudos de literatura e linguística, v. 9, p. 295-318. Arte e Ciência, Assis, 1998.

GIL, Célia Maria Carcagnolo. **Humor: alguns mecanismos linguísticos**, v. 39, p.111-119 . Alfa, São Paulo, 1995.

GRICE, H. P. **Logic and conversation**. In: P. Cole; P. Morgan (org). Syntax and semantics, p. 41-58. Academic Press, New York: 1975.

LIMA, Virginia Jacinto. **Os Efeitos de sentido de humor no discurso religioso-midiático do Pastor Claudio Duarte**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, UFGD, Dourados, MS, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1836>. Acesso em: 18 nov. 2019.

LIMA, Virginia Jacinto; MELO, Sílvia Mara. **A construção do humor no discurso religioso**. In: Anais SIEL e Semanas de Letras – FAALC/UFMS. Campo Grande, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/SIEL/article/view/8972>. Acesso em: 24 nov. 2019.

LOURENÇO, Bárbara Pilatti. **Análise de peças publicitárias nas perspectivas das teorias da polidez e da relevância**. 2018. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Orientadora: Profa. Dra. Elena Godoi ; Coorientadora: Profa. Dra. Luzia Schalkoski . UFPR, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/57398/R%20-%20D%20I%20LOURENCO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jul. 2020.

LUCIANO, Suelen Francez Machado. **Relevância e conciliação de metas: adequação lógica e plausibilidade empírica**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina. Orientador: Prof. Dr. Fábio José Rauen. UNISUL, Tubarão-SC, 2014. Disponível em: https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/455/108902_Suelen.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 13 mai. 2019.

MUNIZ, K. S. **Piadas: conceituação, constituição e práticas – um estudo de um gênero**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Setor Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: http://repositorio.uniamp.br/bitstream/REPOSIP/270788/1/Muniz_Kassandra_M.pdf. Acesso em: 03 jan. 2019.

NATÉRCIA, Flávia. **Fazer chiste, não é fazer piada**. Blog Ciência e cultura, vol.57 no.2, abr./jun 2005, São Paulo, 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0009-6725200. Acesso em: 12 set. 2018.

OLIVEIRA, R. P. & BASSO, R. M. **Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas**. São Paulo, Parábola, 2014.

PARRET, Herman. **Enunciação e pragmática**. Campinas, Unicamp, 1988.

POSSENTI, Sírio. **Os Humores da Língua. Análise linguística de piadas**. Campinas, Mercado das Letras, 1998.

POSSENTI, Sírio. **Cinco ensaios sobre Humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

RAMOS, Eriane Marilisa de. **Aspectos pragmáticos cognitivos da interpretação humorística**. 2019 . Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - UEPG, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2879>. Acesso em: 23 nov. 2019.

RIR é o melhor remédio: Os benefícios do bom humor e do riso para a saúde. *In: Blog Brasil 247*, p. Oásis, 02 jul. 2014. Disponível em: <https://www.brasil247.com/oasis/rir-e-o-melhor-remedio-os-beneficios-do-bom-humor-e-do-riso-para-a-saude>. Acesso em: 07nov. 2019.

RITCHIE, G. **The linguistic analysis of jokes**. Londres, Routledge, 2004.

SAMONARO, Carolina. **Tabus que regem comportamento sexual têm origem em preceitos religiosos milenares, diz pesquisador**. *In: Blog Saúde Plena*, 18 jul. 2014. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/07/18/noticias-saude,192029/>. Acesso em: 05 ago. 2019.

SANTOS, Sebastião Lourenço dos. **A interpretação da piada na perspectiva da Teoria da Relevância**. 2009. Tese (Doutorado em Letras) - Curso de Pós-Graduação em Letras. Orientadora: Profa. Dra. Elena Godoi. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/23417/Tese%20final.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SANTOS, Sebastião Lourenço dos. **O Enigma da Piada Convergências Teóricas e Emergência Pragmática**. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2014.

SANTOS, Sebastião Lourenço; GODOI, Elena. **Por falar em humor... A relevância da cognição na interpretação da piada**. Anais do IX encontro do CELSUL. Unisul, Palhoça, 2010. Disponível em: <http://www.linguagem-cognicao-comunicacao.com/producao-bibliografica/>. Acesso em: 19 jun. 2019.

SANTOS, Sebastião Lourenço; GODOI, Elena. **Uma abordagem pragmática para a análise e interpretação da piada**. Anais do V encontro do SIGET. Caxias do Sul, 2009. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/estensao/agenda/eventos/vsiget/anais>. Acesso em: 12 jun. 2019.

SOUZA, Catiane Rocha Passos de. **O funcionamento do humor no discurso religioso midiático**. Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE, Natal, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/SIEL/article/view/8972>. Acesso em: 23 out. 2019.

SPERBER, D; WILSON, D. **Relevância: comunicação e cognição**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

SPERBER, D; WILSON, D. **Relevance: communication and cognition**. Oxford, Blackwell, 1986/95.

TUDO sobre o pastor Cláudio Duarte: vida e bibliografia. *In: Blog presentes.evangelicos.com.br*. 05 dez. 2016. Disponível em: <http://blog.presentesevangelicos.com.br/tudo-sobre-pastor-claudio-duarte-vida-e-bibliografia/>. Acesso em: 14 jul. 2019.